

EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO

(vol.I)

Diálogos sobre desporto e sentido

(Coord.) Constantino Pereira Martins



AFDLP
PENSAR O DESPORTO

AFDLP
PENSAR O DESPORTO

TÍTULO: Em Busca Do Tempo Perdido.
(Vol.I) Diálogos sobre desporto e sentido.

EDITOR: AFDLP - Associação de Filosofia
do Desporto em Língua Portuguesa

COORDENAÇÃO: Constantino Pereira Martins

TRANSCRIÇÃO: Paulo Boccati,
Constantino Pereira Martins

REVISÃO: Constantino Pereira Martins

SUPORTE: Ebook

FORMATO: PDF / PDF/A

DESIGN E PAGINAÇÃO: Maria Antunes

1ª EDIÇÃO: Julho de 2025

ISBN: 978-989-35970-3-3

<https://www.afdlp.org>

DEDICATÓRIA

Para o Doutor Paulo Cunha e Silva.

Foi pena ter chegado tarde demais.

AGRADECIMENTOS

Este livro não teria sido possível concretizar sem o trabalho de parceria com o Mestre Paulo Boccati e o Doutor Odilon Roble.

Agradecemos a todos os membros da AFDLP a dinâmica conjunta dos processos colaborativos e exploratórios em curso, na junção de forças para construção e ampliação de conhecimento no âmbito da filosofia do desporto, mas também na partilha e divulgação desses trabalhos num acesso livre junto da sociedade civil. Agradecemos o esforço de aprofundar e cruzar o conhecimento e a sabedoria, a experiência e a ideia, em resumo, na promoção da abertura à complexidade de pensar o desporto para lá do seu imediatismo casuístico entre vitória e derrota, fechado na tecnicidade performativa (desportiva e/ou económica).

Agradecemos aos que pensam livremente.

Por fim, agradecer ao Manuel Sérgio (postumamente), ao Jorge Araújo, à Soraia Chung Saura e ao Alfredo Teixeira pelo contributo valioso que nos trazem, bem como a todos os académicos e desportistas que têm vindo a colaborar connosco no Seminário Permanente de Filosofia do Desporto, bem como no Podcast “*Desporto vivido, Desporto pensado*”.

ÍNDICE

NOTA EDITORIAL

CONSTANTINO PEREIRA MARTINS 8

PRELÚDIO

CONSTANTINO PEREIRA MARTINS 10

DIÁLOGO 01

MANUEL SÉRGIO 18

DIÁLOGO 02

JORGE ARAÚJO 39

DIÁLOGO 03

SORAIA CHUNG SAURA 71

DIÁLOGO 04

ALFREDO TEIXEIRA 104

BIOGRAFIAS

..... 135

NOTA EDITORIAL

DESPORTO VIVIDO, DESPORTO PENSADO é uma publicação que procura construir a ponte entre uma vertente mais prática e vivida do desporto e uma área mais teórica de investigação e reflexão. Embora dentro de uma lógica académica e de rigor científico, será também dado espaço a histórias de vida que partilhem a sabedoria do saber-fazer, e celebrar pessoas com percursos únicos, que possam ser acessíveis a um público mais vasto. Este podcast coloca à disposição de investigadores e público em geral dados que podem ser valiosos e úteis para futuros estudos na área.

Inserido no *seminário permanente de filosofia do desporto*, desenhado estrategicamente para a colaboração e cooperação inter-institucional e internacional, no sentido de constituir um veículo transformador, acolhedor e facilitador das diferentes sensibilidades filosóficas e desportivas, dentro de um espaço livre, móvel e capacitador da força intelectual e prática da filosofia.

Este seminário é um encontro sob a forma de apresentações e de debate livre, com o objetivo de proporcionar um encontro aberto de ideias sobre a Filosofia do Desporto, com as suas principais preocupações em relação ao presente, mas também em relação aos desafios contemporâneos na reflexão sobre o fenómeno desportivo. Os seus principais objectivos serão a partilha de conhecimentos, o fomento de um grupo de investigação e o reforço dos laços com as comunidades internacionais e com outras universidades e académicos.

É impossível dar conta da extensão de todo o labor que já foi realizado, até porque, para lá de ser um processo que está em crescimento, qualquer trabalho habita uma zona cinzenta entre a visibilidade e a invisibilidade. Ainda assim, e dando uma pequena contribuição ao que foi realizado nos últimos três anos, seria de destacar o contexto de excelência na colaboração académica entre os mais diversos intervenientes. Mesmo face aos que ficaram sem memória oral (por múltiplos motivos), como os professores Trovão do Rosário ou Francisco Sobral, ou até daqueles mais

próximos e ambicionados como a Teresa Lacerda ou o João Tiago Lima. Isto porque para lá da natural complexidade da construção de cada guião de entrevista (debate e fixação), da sua preparação técnica e logística, da receção e diálogo com cada situação, as escolhas e opções, os recortes, pós-produção, etc., e toda a experiência de entrevista ter sido sempre pautada pela maior elevação, existiram sempre inúmeras condicionantes e obstáculos a superar de forma a poder realizar esta missão. Mas a cada entrevista saímos todos sempre mais ricos, e todos mais convictos de que aquele diálogo tinha valido muito a pena. Isto, essencialmente, porque dada a nossa mortalidade temos uma relação complexa e dura com o tempo. Quantas vezes perdemos tempo? E como o tempo não volta para trás, este humilde exercício de recollecção que aqui vos trazemos é prova de que existem momentos na vida irrepetíveis, e por isso mesmo, cada vez que nos encontramos não sabemos de facto se nos voltaremos a reencontrar. Nesse sentido, a palavra adeus na língua portuguesa carrega um simbolismo e uma força muito bela. Também nesse sentido, terminar dizendo, em unísono com uma velha expressão portuguesa, que *o futuro a Deus pertence*. O final desta nota editorial fica de frente para esse futuro incógnito e em aberto que está sempre em mudança e construção. E sendo assim, recordando as primeiras palavras de Manuel Sérgio, só faltará agradecer todo o trabalho que foi desenvolvido nestes anos com a Doutora Luísa Ávila da Costa na afirmação da Filosofia do Desporto.

Constantino Pereira Martins

<https://www.afdlp.org/>

<https://www.youtube.com/@SeminarioPermanentedeFilosofia/videos>

PRELÚDIO

CONSTANTINO PEREIRA MARTINS



O DESPORTO E A CONDIÇÃO HUMANA: BREVES REFLEXÕES FILOSÓFICAS

CONSTANTINO PEREIRA MARTINS

0.1 Existe uma ligação profunda entre o desporto e a vida. Como espelho, como expressão, como representação, como reflexão. Esta formulação pode parecer estranha aos desportistas, pessoas para quem o desporto é a sua vida. Eis a primeira formulação da definição de filosofia: distância.

0.2 Houve ao longo destes diálogos uma tentativa de explicitação e definição do desporto. Foi uma tentativa filosófica. Isso significa que foi um exercício do pensamento, um combate de ideias para tentar fixar alguma coisa. A vida é movimento e agarrar um conceito dá muito trabalho. O que são os conceitos? Os conceitos são ferramentas de trabalho. Tal como um pedreiro, um médico, um arquitecto, um sapateiro ou um cirurgião têm as suas, sem as quais não conseguem trabalhar.

0.3 Uma tentativa de captar uma definição de desporto é algo muito ambicioso. Temos que falar mais sobre isso.

0.4 A amizade é a base fundamental do desporto. A sua fundação mais profunda. Dependemos todos uns dos outros. Dependência. Nem sempre isso é visível (os conceitos nem sempre estão à vista de todos).

0.5 A guerra é a origem remota do desporto. Uma fundação esquecida que mostra a independência do desporto.

0.6 Assim, o termo de equilíbrio seria a inter-dependência.

0.7 A intersubjectividade, marca essencial do desporto, revela essa inter-dependência. Não há desportos individuais, não há desportistas individuais.

0.8 A alteridade é a metafísica material do desporto, e natural do corpo¹.

0.9 O desporto é um ramo inexplicito da amizade.

0.10 Apologia do fim: há mais perdedores do que vencedores.
Há uma força escondida na derrota².

0.11 O contexto de um projecto é muito importante para compreender uma construção. Aliás, o contexto é valioso e crucial para se compreender o que quer que seja. Em jovem acreditava que o conceito de contexto era redutor à luz da sua comum interpretação historicista. Era um acesso fácil e arrumadinho aos problemas, que continuavam a existir mesmo nos mais diversos contextos. Mas hoje compreendo bem o contexto nesse lado existencial e vital da hermenêutica das coisas. Assim sendo, o contexto também dá sentido ao que fazemos ou deixamos de fazer, ao que construímos ou destruimos, ao que acarinhámos e ao que abandonamos. O seminário de filosofia do desporto foi construído para dar sentido ao debate de ideias, disseminação do conhecimento e partilha.

0.12 O diálogo filosófico, que durante tanto tempo foi a única sede e base da verdadeira palavra filosófica, encarna o esforço de apanhar com as mãos a palavra viva, como o peixe nas poças das rochas na praia. A palavra oral tem essa virtude de nos mostrar coisas inesperadas, mesmo a nós mesmos, nesse fluxo contínuo e imediato das ideias fora da nossa solidão monológica.

0.13 Da oralidade e da escrita. Eis o nosso abismo. Mas também do prazer da leitura e da escuta.

0.14 O prazer da leitura. O pesadelo da leitura. A filosofia habita o tempo perdido do estudo e da escrita, da leitura demorada. O tempo que demora a ler uma disciplina com mais de dois mil anos. O tempo de digestão dessas ideias e desse caminho. Felizmente que existe a

¹ Todo o desporto é contra natura. Do boxe ao remo, o desporto é primariamente a contrariação do impulso natural do corpo, para instituir a técnica do gesto disciplinado.

² Cf: <https://www.sabado.pt/opiniao/cronistas/bruno-nogueira/detalhe/a-forca-de-desistir> ; Salmo 55:22 / Salmo 56:13

vida em simultâneo que nos mostra que esse impulso, essa dúvida, essa questionação, sempre estará aí viva independentemente de todas as bibliotecas arderem. O saber é um fogo. Como o amor.

0.15 O prazer da escrita. O horror da escrita. Há pessoas que escrevem com grande facilidade. Há pessoas para quem a escrita é um suplício. Eu percebo bem as últimas.

0.16 Proust percebeu bem esses abismos em simultâneo. Junto com a tradução mais perfeita da luta da ciência, das artes e da filosofia contra a morte: memória e ruína. O esquecimento é uma tarefa renovada e um dever de combate. O esquecimento é diferente de limpeza.

0.17 Talvez Sócrates tenha sido o primeiro e último de uma linhagem de coragem na filosofia, tal como muito tardiamente Wittgenstein. Habitaram esse abismo da oralidade e da não-escrita. A maior parte das pessoas que escrevem nos nossos dias vivem a filosofia nas bibliotecas. São na sua maior parte ou papagaios³ ou linguistas. A catástrofe é uma encruzilhada: aprisionados ao passado na figura de herdeiros do pensamento, e ansiosos pelo futuro na figura da aventura do desconhecido. Entre a biblioteca e o mar.

0.18 O presente é hoje esse tédio entre o passado sempre longínquo e o futuro que nunca mais chega.

0.19 Paradoxalmente, hoje como nunca, dá-se a necessidade da construção da biblioteca, do culto do arquivo, da materialidade não para os próximos, mas para, talvez, essa geração que um dia chegará e compreenderá.

0.20 A Filosofia do desporto na primeira pessoa. Toda a filosofia deveria ser ou ter algo do si mesmo.

0.21 Diálogos sobre filosofia do desporto seria uma contradição. Todo o diálogo é uma forma filosófica.

³ (O paradoxo do treino ou) A traição ao treinador: o atleta, depois de aprender, segue o seu caminho e abandona quem o criou. Como um papagaio, voa para longe, trai ou perpetua o original?

0.22 Existe uma necessidade profunda de revitalizar o diálogo aberto. E reforçar isso com a importância da autobiografia na academia. Mas também na arte, na ciência, no desporto, na política, etc. Eis uma das vantagens da cultura anglófona e/ou protestante: a atenção e o cuidado com o indivíduo e a existência singular.

0.23 A vida como forma de arte e o viver como arte sábia.

0.24 Em busca do tempo perdido. Transformar a vida em arte, e mostrar a beleza de estar vivo num tempo de morte.

0.25 O pior que poderia acontecer à filosofia é ser domesticada. O sonho de um tipo de poder é ter sempre uma filosofia calada e obediente, muito longe de uma filosofia crítica, que para esse tipo de gosto será sempre mal-educada.

0.26 O pior que poderia acontecer a uma Língua é ser domesticada. Aqui reside a força do futuro da língua portuguesa.

0.27 Se o latim foi substituído pelo inglês, convém não apagar da memória que a língua portuguesa é falada nos cinco continentes, tal como o inglês. Assim, se o inglês é a língua global do momento, tal como o português já foi outrora, a sobrevivência da nossa língua nesta guerra silenciosa não poderá ser de passividade e morte lenta. Há uma exigência ética na sobrevivência que transcende muito a perspectiva museológica e organizada da memória. O instinto de preservação não se coaduna com limpezas de pó.

0.28 É emocionante, e revigorante, ver a beleza com que é falada a língua portuguesa no Brasil e Angola. O vigor e a clareza que atinge. É emocionante ver esse orgulho e deslumbramento em movimento nas palavras vividas e habitadas. Por contraste à decadência e declínio que se vive em Portugal, nesse complexo estranho de vira-lata entre as elites que vão vivendo numa ilusão contínua de subserviência. É deprimente ver complexos de superioridade misturados com inferioridade em gestos vãos de arrogância: estamos todos na miséria (aproxima-

mo-nos perigosamente da irrelevância). Nesse sentido, hoje as duas melhores expressões na nossa língua são bipolares (e do Brasil): a) bom demais, e b) sem-noção. A expressão “sem-noção” deveria ser alvo dos mais altos estudos da ciência política e da psicologia. Há um lado de contágio no mal-estar colectivo que se vive hoje em Portugal. Decadência e declínio seria talvez a formulação filosófica mais perfeita, sem-noção a mais exacta. Que poderemos criar a partir da decadência? Que nascerá do declínio?

0.29 A urbanidade e a civilidade são fundamentais no diálogo.

Dar espaço e tempo ao outro, respeitar o outro, ouvir o outro.

O respeito é uma forma musical, acústica, de escuta.

0.30 Este livro foi construído, tal como muita coisa neste empreendimento da filosofia do desporto, para dar lugar ao outro, voz ao outro, espaço ao outro. Construir pontes é sempre muito ingrato porque liga margens. Nunca se agrada a todos em cada margem, e mesmo quando inadvertidamente passamos de um lado ao outro é como se ela não existisse, como se fosse uma continuidade natural. Ao contrário de uma janela, ou porta, que implica sempre uma transposição física que exige de nós o gesto da abertura.

0.31 Novas tarefas: escavar o tempo. Arqueologia académica, do pensamento.

0.32 Tarefas quase impossíveis: apanhar o pensamento vivo com as mãos, como um texto, com um texto.

0.33 Desafio de tarefa: exercício de ouvir e ler ao mesmo tempo, estranho exercício.

0.34 Tarefas futuras: o exercício do som, mas também do silêncio. A importância do silêncio. A importância da música.

0.35 Na verdade, o encontro com o outro é sempre um reencontro⁴.

⁴ Cf: https://www.youtube.com/watch?v=HsM_VmN6ytk ; <https://www.youtube.com/watch?v=Nyjf5RboaOs>

0.36 Somos animais poéticos. Somos animais musicais.

0.37

*E eis que pensados chegar a casa
somos lançados ao mar novamente*⁵.

0.38

*Também sou um pescador que anda no mar*⁶.

0.39 A vida sem a música não só seria um erro, seria vazia.

0.40 O tempo é um animal estranho, não-linear, por vezes muito difícil de compreender e aceitar:

*I have been here before,
But when or how I cannot tell:
I know the grass beyond the door,
The sweet keen smell,
The sighing sound, the lights around the shore*⁷.

0.41 Música e filosofia. Filosofia e poesia. Existe uma dança invisível, inesgotável. Incontrolável.

0.42 “*Toda a vida Sócrates teve um sonho em que lhe aparecia um deus, que supostamente era Apolo, que lhe dizia: dedica-te à música. (...) Discutir problemas, averiguar da sua capacidade, responder e argumentar; trocar as voltas ao adversário, isso seria a suprema música. Mas como estava a poucos dias de morrer, pensou: e se não era? (...) E decidiu-se a compor música. (...) E o que é que nós percebemos aqui? É que a música vence a filosofia (...)*”⁸.

⁵ Poeta desconhecido do final do séc XX.

⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=JgZR7NWegnK> ; Senhora da Nazaré, João Nobre. Cantora: Carminho; “*queimei meus navios*” (<https://youtu.be/x14iZSPceh8?si=1k4f7A5NGWq9TP-gh>) ; <https://www.youtube.com/watch?v=wds4kORBoW8>

⁷ *Sudden Light*, Dante Gabriel Rossetti

⁸ Professora Filomena Molder, Palestra dada em 23 de Janeiro de 2025, *A Poesia no Lied alemão* (no âmbito do Liedfest – Festival da Canção Erudita).

0.42.1 “(Schumann) *Porquê um fá sustenido? Porquê a noiva a chorar?*
(...) *Quer dizer que a música é tão misteriosa como a poesia.*”⁹.

0.43 Depois de tudo, terei mais saudades da música.

Maio de 2025, Caldas da Rainha
Coram Deo

⁹ *Idem.* Cf: (Robert Schumann - Liederkreis, op. 39: <https://www.youtube.com/watch?v=X-0pFd-UQ99c> ; <https://www.jeffreybenton.co.uk/liederkreis-opus-39> v)

DIÁLOGO 01

MANUEL SÉRGIO



Manuel Sérgio

Luísa Ávila da Costa: Muito boa tarde a todos.

Iniciamos hoje o nosso podcast *Desporto Vivido, Desporto Pensado*, uma iniciativa do Seminário Permanente de Filosofia do Desporto, organizado por mim, Luísa Ávila da Costa, em conjunto com o Constantino Pereira Martins. Este podcast tem como objetivo reunir elementos de construção de pontes entre um lado mais prático e vivido do desporto e o seu lado mais teórico, relacionado com a pesquisa e a reflexão. É um lugar de celebração de pessoas e vidas únicas, entre o saber e o saber-fazer. Não poderíamos começar em melhor companhia: temos hoje conosco o professor Manuel Sérgio, professor jubilado da Faculdade de Motricidade Humana e considerado por muitos o maior filósofo do desporto em língua portuguesa. Obrigada por nos receber e por ter acedido a fazer esta entrevista. É uma honra e um enorme gosto estar com o professor e termos esta conversa.

Manuel Sérgio: Muito obrigado pelas suas palavras, pela sua introdução. Então, não há palavras para exprimir os grandes sentimentos. Fico por aqui.

LAC: Muito obrigada, Senhor Professor. Continuamos então a nossa conversa. Vamos fazer-lhe perguntas abrangentes, e a ideia é que não haja um guião muito fixo, mas que possamos ir conversando à vontade, sobre as questões que lhe vamos colocar. A primeira que lhe colocaremos é: o que é, para si, a filosofia do desporto? Qual a sua importância, qual a sua urgência e utilidade nos nossos dias?

MS: É difícil fazer uma síntese do que é a filosofia, mas, para fazer uma definição, que eu faço há uma série de anos, é uma reflexão crítica, sistemática, radical do desporto e das formas como ele se manifestou ao longo do tempo. Portanto, a filosofia do desporto é uma filosofia que se ocupa do desporto. É uma reflexão que tem uma vantagem: nunca aceita nada visto imediatamente, ou seja, a filosofia é sempre uma reflexão crítica. Por acaso, o nosso amigo Sócrates, dizia: “Só sei que nada sei.” Porquê? Porque as coisas apareciam e ele...

A gente vê alguém que parece uma boa pessoa e, às vezes, não é. Da mesma maneira, eu vou dizer uma frase que gosto muito: todo o conhecimento imediato é abstrato. Ou seja, uma coisa é tanto mais concreta quanto mais se dialetiza, ou seja, quanto mais se vai desentranhando uma dialética, de sims e de não, de teses e de antíteses. E só por essa altura se pode dizer... Às vezes penso nestas coisas..

Portanto, a filosofia do desporto é uma filosofia que se ocupa do desporto. É uma reflexão que tem uma vantagem: nunca aceita nada visto imediatamente. Ou seja, a filosofia é sempre uma reflexão crítica.

Por acaso, o nosso amigo Sócrates — o feroz, o nosso amigo Sócrates — dizia que “só sei que nada sei”. Porquê? Porque as coisas apareciam e ele... a gente vê um tipo: “Ai, tem muito bom, parece uma boa pessoa” — e, às vezes, não é.

Da mesma maneira, eu vou dizer uma frase que eu gosto muito de dizer: todo o conhecimento imediato é abstrato. Ou seja, uma coisa é tanto mais concreta quanto mais se dialetiza, ou seja,

quanto mais se vai desentranhando. Dependendo de uma dialética, de sins e de não, de teses e de antíteses. E só por essa altura se pode dizer. Às vezes penso nestas coisas.

Até a ciência começa por um ato de fé. O médico, quando prescreve um medicamento, nunca sabe se está a acertar ou não, mas tem fé naquilo. Uma coisa interessante: até a ciência começa por um ato de fé. Como? Como em tudo que é humano, está o humano, até o irracional. Está tudo lá.

Portanto, é uma análise crítica. Criticar não é dizer mal. Criticar, segundo um verbo latino, é separar o trigo do joio. Ou seja, só critica quem sabe o bem e o mal de um determinado fenómeno ou de uma determinada pessoa.

LAC: Mas definiu como reflexão crítica e radical.

MS: Uma reflexão crítica do que o desporto é e do que o desporto deve ser, ou seja, é uma reflexão crítica que se faz através da epistemologia, gnosiologia e axiologia. A filosofia tem a sua maneira de analisar as coisas. Epistemologia e gnosiologia, são formas de analisar a realidade.

LAC: Esse olhar epistemológico, ético, no fundo filosófico, axiológico, é radical porquê? Em que medida é que nos leva às raízes? Ou seja, é essa radicalidade que nos permite ir para além do imediato? Porque o professor descreveu a filosofia do desporto como uma...

Manuel Sérgio: A filosofia, a primeira lição que ela nos dá é que não se deve aceitar como óbvio tudo aquilo que nos aparece imediatamente. Essa é primeira lição da filosofia.

É por isso que a filosofia demora tanto tempo a pensar. É por isso que, como eu disse, o Sócrates dizia: “Eu não sei, eu não sei nada.” Porquê? Tudo o que lhe aparecia, depois ele andava pelas praças de Atenas a discutir: o que é virtude? O que é isto? O que é aquilo?

Portanto, filosofar é refletir criticamente sobre alguma coisa.

LAC: Por que é que o desporto deve ser refletido a partir de perguntas filosóficas? Qual é esta necessidade?

Manuel Sérgio: O desporto, principalmente o desporto que a gente conhece, reproduz e multiplica. Reproduz e multiplica as áreas da sociedade. Reproduz e multiplica este tipo de sociedade: a sociedade que só liga ao útil. Portanto, as coisas seguram-se rapidamente e não é preciso pensar muito. Isto é típico do nosso tempo. A filosofia pede licença para considerar que o inútil também é importante.

LAC: O que é que é o inútil no desporto? O que é que pode ser o inútil no desporto?

Manuel Sérgio: O inútil no desporto é todo o tipo de desporto que não merece uma reflexão atenta. Como a gente sabe, o que se está a passar atualmente no desporto. Sabemos que o desporto dos jornais não faz bem à saúde, faz mal. É uma coisa que toda a gente sabe, mas continua a fazer-se.

É um desporto que está nas mãos dos grandes financeiros, das pessoas que fazem as maiores estafulhizes, algumas delas fazendo o desporto, outras vão fazer para o outro lado. Mas, de qualquer maneira, este tipo de desporto é um desporto que nós, professores, podemos até gostar como espetáculo, mas não podemos deixar de criticar, designadamente junto dos nossos alunos.

LAC: Senhor Professor, referiu que o desporto reproduz as taras da sociedade. Pode acontecer também o fenómeno inverso? Ou seja, o desporto trazer para a sociedade as suas próprias taras?

Manuel Sérgio: O desporto tem muito que ensinar à sociedade. A transcendência, aquilo que eu chamo, eu não, quer dizer, não inventei a palavra, mas, por transcendência, o que é que significa a transcendência?

Significa que a transcendência, no meu entender, diz que em todas as situações, o ser humano tem uma tarefa por cumprir. E, portanto, é chamado a transcender-se.

Constantino Pereira Martins: Em termos estritamente da terminologia, do nosso mundo, dos conceitos, por que é que a transcendência é uma palavra importante para si, no seu pensamento? Mas, se eu tivesse que perguntar, por que é que escolheu a palavra transcendência e não escolheu a palavra superação?

Manuel Sérgio: Porque a palavra é a mesma coisa, é como eu entendo. Porque a palavra transcendência é mais ampla, sabe? Chama mais a atenção, é que a transcendência é aquilo, pode ir até à parte espiritual, quer dizer, pode ir à axiologia, portanto, a transcendência abrange mais do que a palavra superação.

CPM: Então, é um pouco também, ligando ao que estava a dizer ao início, como o professor herdou muito aquela visão do Edgar Morin, da complexidade, é um pouco ligar as duas coisas. Quer dizer, tentar ver no desporto para além da superfície, compreender a complexidade que está envolvida no desporto, quer do ponto de vista do atleta, do jogo, da componente organizativa. Não interessa a perspectiva e a camada que estamos a analisar, mas a complexidade do conceito de transcendência atraiu-o mais do que superação. Porque superação era um conceito que, sei lá, ficava refém da performance, se estou a interpretar bem as suas palavras, e a transcendência aumentava a complexidade. Posso interpretar assim?

Manuel Sérgio: É isso, é isso. Porque a minha transcendência vai para além da... O que é que é a transcendência para mim?

Pode ser o sinal de uma presença, na medida em que eu me transcendo espiritualmente.

Isso pode significar... É engraçado, quando os judeus esperavam que o Messias derrotasse os romanos, conquistasse isto, aquilo,

e Cristo chamou a atenção: "O meu reino não é deste mundo." O reino de Deus, eu lembro-me até em latim: *Regnum Dei intra vos est*, o reino de Deus está dentro de cada um de vós, ou seja, o que Deus vem dizer, o que Cristo vem dizer, não foi para um tipo conquistar isto, aquilo e aquele outro, foi para que cada um se conquistasse a si mesmo.

LAC: Senhor Professor, essa ideia é muito importante, porque no discurso sobre a transcendência no desporto, penso que esta confusão entre transcendência e superação é muito comum.

Manuel Sérgio: Eu acho que esta minha ideia é nova. Ninguém o disse antes de mim, passo a imodéstia. Mas acho que nunca ninguém disse isto. Já procurei, perguntei a pessoas e não... a ideia à nova.

LAC: Há quem pense que a transcendência no desporto é a procura pelo mais forte, mais longe, mais alto, não é? E, portanto, às vezes, pode haver uma certa redução da ideia de transcendência ao alcançar resultados.

Manuel Sérgio: A gente tem que trazer qualquer coisa de novo.

LAC: Sim. Alcançar resultados, às medalhas, enfim. E, no fundo, a minha pergunta é...

Manuel Sérgio: É também, sem deixar de ser isso, é também a transcendência das nossas próprias limitações, dos nossos próprios erros. Tudo isso, para nós, é transcendência. Está a compreender?

LAC: Trazendo, e porque trouxe esta dimensão espiritual à ideia de transcendência, eu gostava de lhe fazer duas perguntas muito concretas, que é, aliás, uma pergunta com duas perguntas dentro, que é: Nós vivemos as Jornadas Mundiais da Juventude agora há pouco tempo, aqui em Lisboa. Um milhão e meio de

jovens reuniu-se para este encontro e, nessa semana ou nesses dias, escreveu dois artigos num jornal desportivo, intitulados: um deles, *Bem-aventurados os pobres de espírito*, e outro, *O protesto dos pobres é a voz de Deus*.

E, uma vez que estamos a falar da ideia de transcendência no desporto, no fundo, a pergunta que eu lhe queria fazer é: por que esta inspiração cristã para falar sobre o desporto? E que relações têm estes dois mundos, o mundo do desporto com o mundo do espiritual e transcendente?

Manuel Sérgio: Está bem, estava aí o Papa, não é? E eu, por outro lado, sou um cristão porque considero Cristo a grande figura da História. Há uma frase que Cristo disse que, para mim, divide a História em dois: "Ama os outros como a ti mesmo." Esta frase é nova na História. Eu sou cristão por isso.

CPM: Mas esse lado religioso sempre foi uma coisa presente na sua vida?

Manuel Sérgio: Eu fui cristão em miúdo. Entrei na Faculdade descri, porque a faculdade do meu tempo, na década de 60, discutia-se tudo e punha-se tudo em causa. Faculdade de Letras? Não queira saber. E eu tive um curso de tipos do meu tempo, era o Sottomayor Cardia...

CPM: Sim, foi o meu professor de Filosofia Política e Ética.

Manuel Sérgio: Foi o seu professor de ética? Era o Me-deiros Ferreira, era a Maria Filomena Mónica, era o Manuel Ferreira Patrício. Era tudo assim. E varreu-se me a cabeça toda. Eu, que não tinha segurança no meu cristianismo, tudo aquilo foi de pantanas.

Depois estive no Brasil também. E agora, com o Papa Francisco voltei. Este é o cristianismo em que eu acredito. Para mim, Cristo é tão perfeito que só pode ser Deus. Percebe? Eu não tomo as coisas por... penso nelas, claro. E cheguei a essa conclusão.

Eu também escrevi um artigo, que é uma das páginas mais belas da história da humanidade: diante da mulher adúltera.

De todos, quem nunca pecou, lance-lhe a primeira pedra. Pôs-se a escrever na areia. E eu romanceei. Uns viram ladrão. Outros viram perjúrio. E tudo se foi embora. “Mulher, ninguém te condenou?” Não. Isto é das coisas mais bonitas que eu conheço na história: “Eu também não te condeno”. Como quem diz: isto é normal. Vai e vê lá se te aguentas. É do mais belo. Porquê? Porque naquela altura, a mulher era apedrejada até à morte, era morta. Portanto, o Novo Testamento é humanamente tão rico que eu não conheço outra coisa assim. Eu sou deste cristianismo.

LAC: Esta relação entre desporto e cristianismo é muito interessante.

Manuel Sérgio: E mesmo os ricos e as bem-aventuranças: Bem-aventurados os pobres de espírito. O que é que isso significa? Quem são os ricos de espírito? São os que julgam que têm que ter sempre a última palavra em tudo. São os indivíduos que, normalmente, não têm dúvidas e que poucas vezes se enganam. Quem são os pobres de espírito? São os que sabem que não sabem. Coisa mais linda.

LAC: Sim, essa espiritualidade da humildade, que é, no fundo, na personagem de Cristo, é expressa nesta ideia de que não veio para os justos, veio para os pecadores, ou não veio só para os justos, veio também para os pecadores. E, pegando nesta imagem que está a dar agora: de que forma é que o desporto pode também beber desta pedagogia da humildade? Ou seja, de que forma é que o desporto deve ser pensado, não apenas a partir dos seus heróis e deuses que conseguem resultados, performances sobre-humanas, inalcançáveis ao cidadão comum? O que é que o desporto e o mundo do desporto têm a ensinar?

Manuel Sérgio: Pela transcendência, para nós, o herói é um indivíduo que é um grande campeão do ponto de vista físico

e, simultaneamente, moral e espiritual. Porque, no homem, o todo está tudo em tudo. Tudo está em tudo. Tanto convém agora a lição que o desporto tem que dar: o desporto, em primeiro lugar, tem que ensinar as pessoas a ter uma nova visão do corpo, que vocês não chegaram a conhecer.

Quando eu entro, na década de 60, no INEF, o biologismo imperava, daí a Educação Física. A expressão "Educação Física", do físico, pressupunha que se tinha que subordinar à razão. A razão era o importante do homem, daí o racionalismo. Portanto, eu começo a defender, acho que sou dos primeiros a defender, que é preciso ter uma nova visão do corpo. Porque eu tinha aprendido no Padre Teilhard de Chardin, que é um homem de ciência, que o homem é simultaneamente matéria, vida, espírito, quer dizer, não se pode separar. Quando eu entro no INEF, já sabia isto. Portanto, a expressão "Educação Física" é uma ignorância, é uma tradição. Linguagem científica não é. Nunca se esqueçam, nunca nos devemos esquecer, que a linguagem é de importância fundamental no mundo científico. A linguagem do médico não é a do advogado. A linguagem do advogado não é a do arquiteto. Portanto, dizer-se que é, é ignorância. A gente não diz, nós os três.

Eu sei que é importante, é uma tradição, fica-se por aqui. Não se pode dizer. Isso é ignorância pura, porque a linguagem é o primeiro cartão de visita da ciência.

Por acaso estou-me agora a lembrar: o meu rapaz mais velho é juiz conselheiro. Ele, na conversa, topa-se, quer dizer, quem não estiver com atenção, não liga. Mas, eu que sei que ele é juiz. Eu topo que ele faz sentenças, porque a conversa dele é de juiz. Já tem 40 e tal anos de juiz, e como tal, a gente topa. Pode-se dizer que a linguagem é nossa.

LAC: Ainda bem que toca nesse ponto, porque a diversidade de nomenclaturas usadas para descrever o objeto de estudo da nossa área, o desporto, a motricidade humana e etc. é muito grande. Nós temos conceitos que vão desde o desporto à Educação Física, à motricidade humana, à cinesiologia, movimento humano, atividade física. Como é que perspectiva esta diversidade?

Manuel Sérgio: Colega, colega, vamos lá a ver, a Educação Física não pode ser paradigma de uma área científica. A Educação Física só pode ser o ramo pedagógico de uma área científica. Lá está: a linguagem. Quando a gente diz “Educação Médica”, antes está a ciência médica. Quando diz “Educação Jurídica”, antes está... Portanto, à medida que a colega diz “Educação de qualquer coisa”, é o ramo pedagógico de uma ciência. Quando alguém nos diz “Educação Física”. Qual é a ciência? Quando eu perguntava: “Educação Física? Antes, qual é a ciência?” Tem que se perguntar.

LAC: O mesmo problema acontece em áreas paralelas. A Educação Visual, não é? Sofre do mesmo problema. Mas o que é que lhe parece? O que é que pensa? Como é que perspectiva esta diversidade de termos usados para tentar descrever o objeto de estudo da nossa área? E por que a sua escolha, ou a sua predileção, pela motricidade humana?

Manuel Sérgio: A Motricidade Humana, quem criou a palavra “motricidade humana” não fui eu. Já havia antes de mim. Agora, eu dei foi uma nova definição, que começou de uma maneira, agora é de outra. Não é? “Movimento intencional e solidário da transcendência”. Agora, eu nem inventei a palavra “transcendência” ou “motricidade”. Nada disso. Eu dei foi à Motricidade Humana a seguinte definição: movimento intencional e solidário da transcendência.

LAC: Qual é a diferença entre o movimento intencional e solidário da transcendência que se manifesta no desporto e, por exemplo, o movimento intencional e solidário da transcendência que se manifesta, por exemplo, através de uma performance musical?

Manuel Sérgio: Vamos lá ver. O desporto... O anseio permanente de transcendência que há em qualquer ser humano. Eu sou levado a dizer que é o sinal de uma presença.

LAC: Já referiu isso há um bocado. Que presença é essa?
Manuel Sérgio: É o apelo do divino dentro de mim. Tudo isto é discutível, não é?

LAC: Numa sociedade laicizada, digamos assim, este apelo, esta referência ao apelo do divino...

Manuel Sérgio: Somos uma sociedade laica, uma sociedade democrática, onde uma pessoa, sem aborrecer os outros, tem o direito de mostrar coisas que não são disparatadas de todo. Há muitos cientistas que acreditam e há outros que não. E não é por causa disso que deixam de trabalhar juntos. Agora, eu digo isto, mas não obrigo ninguém a pensar como eu. Estou a dizer que a transcendência, o apelo da transcendência... Quem ontem fez 100 metros em 10.1, amanhã quer fazer em 9.9 ou em 10.0. Que é este apelo permanente à transcendência? Não será o sinal de uma presença? Ou seja, daquela frase de Cristo, quando lhe diziam: “Vamos conquistar isto e aquilo, o Reino de Deus está dentro de vós”, não é? Ou seja, até que ponto?

Agora, se eu tenho a certeza? Não, não tenho a certeza. Ter fé não é ter certeza. Ter fé também é procurar.

CPM: O pobre de espírito é o que procura. O rico de espírito é o dono do saber, não precisa procurar mais.

Manuel Sérgio: Absolutamente.

CPM: Mas como é que já agora, outra vez, aqui uma distinção conceptual, só para clarificar a terminologia, porque eu estava a ouvi-lo falar das conquistas, e desta visão do desporto da vitória, que é da agonística, da batalha, da conquista. Isto está lá no desporto, mas que se transformou, por alguma razão, não sei se transformou, ou se sempre foi assim, mas sempre esteve dentro de um registo ou de um reino da idolatria. Ora, a fé, como nós a conhecemos nas nossas religiões monoteístas, digamos assim, a fé, no fundo, é o salto da crença, da idolatria. Não vou dizer uma certeza da fé, mas é um salto, um salto de fé. Isso é diferente, não é? Apesar de a idolatria ser a adoração de uma coisa específica, por exemplo, de um atleta, ou de uma conquista, ou de uma vaca, não interessa agora qual é o objeto da própria idolatria, mas como é que distinguiria estes dois mundos: o mundo da idolatria e o mundo da fé?

Manuel Sérgio: Não se esqueça que a minha definição de Motricidade Humana é: energia para o movimento intencional e solidário. Quer dizer, é entre duas pessoas que reconhecem que, sem o outro, eu não podia fazer desporto. É a maneira que se parte daí, há logo um abraço de entrada: Obrigado. Porque estás a fazer desporto comigo!

CPM: Mas isso é uma visão muito benigna, Professor. Eu percebo o que está a dizer, mas se nós formos falar com um atleta de 15 anos, que quer ganhar a sua primeira medalha de ouro, ele não vê o desporto dessa forma. É impossível para ele. Ele não vê a amizade, não vê a solidariedade. Para mim, até digo mais radicalmente, para mim não existem desportos individuais. Eu até pratico um desporto individual, nós dependemos dos colegas com quem treinamos, nós dependemos da confiança e da segurança que o treinador nos dá, toda a nossa vida é uma interdependência contínua. E nesse sentido, eu concordo consigo quando diz que a solidariedade está lá, está. Mas, onde é que está a fé?

Como é que descreveria a fé em termos gerais ou a fé por relação ao desporto?

Manuel Sérgio: A fé não é só no desporto. O homem que faz desporto ou tem fé ou não tem fé. O que tem desporto ou tem fé ou não tem fé.

CPM: Se calhar fiz a pergunta mal. Vou fazer outra pergunta. Posso reformular? É possível um atleta descobrir Deus através do desporto?

Manuel Sérgio: É neste apelo incessante, como é que ele pode interrogar-se: “Mas porquê é que eu já fiz tanto, mas ainda me apetece fazer mais?”

Portanto, eu digo que esse é o sinal de uma presença. Isto é uma coisa minha, este apelo. E depois lembro-me daquela frase que eu sei de latim: *Regnum Dei intra vos est*. Quando os tipos dizem que esperavam um Messias conquistador e chega um tipo que diz isto: “Ah, o Reino de Deus está dentro de vós.” Ora, este Reino de Deus é esta vontade de ser melhor. E é por esta vontade de ser melhor que eu descubro Deus. Não tenho mais nada para dizer.

LAC: Mas também é possível que esse apelo seja simplesmente narcísico? É possível que esse apelo de superar, de transcender, de conseguir mais resultados, seja apenas narcísico?

Manuel Sérgio: Seja o sinal de uma presença também. Quando eu não faço desta superação, repare, está o homem todo, essa superação não pode ser meramente física. Não é porque eu salto muito bem, mas o que é que isso significa para mim? Para a sociedade onde estou? Quem sou eu? E depois aquela pergunta que a gente faz: “O que é que eu cá estou a fazer?” “Por que é que existo?”

CPM: Qual é o sentido da vida.

Manuel Sérgio: Há essas perguntas que uma pessoa tem que fazer a si mesma e que nem todos fazem, não é? E, apesar de tudo, elas existem dentro de cada um de nós. Eu costumo dizer que a religião é cultural e o sentimento religioso é universal. É isto. É este ser mais e ser melhor. Parece que nasce conosco. É o sinal de uma presença.

LAC: Esse ser mais e ser melhor, então, não se reduz ao que é alcançado, ao resultado, diz também do processo. Não diz apenas do que se alcança, do que se atinge, mas também do percurso que se faz. No desporto, também?

Manuel Sérgio: Na realidade, se a colega nascesse no Irão, seria xiita e tinha outro tipo de interrogações, ou feitas de outra maneira.

CPM: Mas eu ouvi, no outro dia, um programa em que o professor falava de Deus. Foi a primeira vez que o ouvi. Lembra-se? Com a Fátima Campos Ferreira. E você falou de Deus. E eu agora, faço uma pergunta difícil, já num assunto difícil, é melhor fazer perguntas difíceis para ficarmos mais confortáveis. Ou seja, a definição que o professor deu de Deus, nessa entrevista com a Fátima Campos Ferreira para a RTP1, ela perguntou-lhe o que era Deus. E a resposta que o professor deu sobre a sua definição de Deus, fez-me lembrar o Espinosa. Como que é? Um enorme pensamento, Um enorme pensamento universal...

Manuel Sérgio: Um enorme pensamento. Eu costumo dizer a minha definição de Deus é: o invisível evidente.

CPM: É uma definição muito bonita, porque de facto parece que Deus está em todas as coisas.

Manuel Sérgio: É o invisível evidente.

CPM: Mas como é que combina essa visão? Na minha interpretação das suas palavras, na minha humilde interpretação, mais espinosista, com o seu sentimento, e pela primeira vez, ouvi-o a definir-se como um filósofo cristão e que acredita em Deus.

Manuel Sérgio: O tal apelo à transcendência revela-se tanto no atleta, como em mim mesmo. Também eu tenho que transcender-me.

CPM: Essa, vamos dizer, essa centelha de transcendência está em todas as coisas vivas: na árvore, no pássaro, está em todo o ar, em tudo, em todos os entes.

Manuel Sérgio: Todos são criaturas de Deus.

CPM: E gostou de ver cá o Papa Francisco a falar de Deus?

Manuel Sérgio: Eu gosto muito dele. E tenho lá ao pé dele um grande amigo, o Tolentino. Foi o que criou a cadeira, e depois, ainda bem que falou nele, o Papa Francisco é um homem, é jesuíta. Pronto, aí já diz alguma coisa.

CPM: Mais aberto.

Manuel Sérgio: Mais aberto, culto.

LAC: Crítico.

Manuel Sérgio: Químico. Engenheiro químico. Antes de ir para o seminário, já era engenheiro químico.

CPM: Não sabia que ele era químico.

Manuel Sérgio: Da maneira que namorou uma médica judia.

CPM: Quem? O Papa Francisco?

Manuel Sérgio: O Papa Francisco. Está aqui num livro do Anselmo Borges, deu-lhe uma entrevista.

CPM: Ah, sim, tenho que ler.

Manuel Sérgio: Era um gajo fora de série. Ele está a fazer o que pode, porque aquilo ainda está cheio de vida. Ele, quando chega ao Vaticano, diz que o Vaticano sofria de Alzheimer intelectual. E foi assim.

LAC: Mas vamos voltar, vamos voltar à questão da linguagem e da terminologia. Porque nós sabemos que em Portugal

existem várias faculdades dedicadas ao desporto: uma no Porto, outra em Lisboa, outra em Coimbra, enfim e outras, e elas usam nomes diferentes.

Até que ponto é que esses nomes expressam diferentes sensibilidades em relação ao nosso objeto de estudo?

Manuel Sérgio: Primeiro lugar, são nomes não pensados. Começa logo por isso. Já lhe disse aqui à entrada, quando eu cheguei lá, comecei a dizer quando entrei, cheguei a dizer a um professor, o Nelson Mendes: “Isto tem uma vantagem, cheira-me a Descartes.” Eu arranjei anticorpos, por culpa minha. Porque eu entro numa escola com uma forte tradição e começo a pôr tudo em causa. Eu tinha que levar.

CPM: Tudo tem um preço. Tudo se paga.

Manuel Sérgio: Sem dúvida. Porque eu ponho aquilo tudo em causa. Chego a fazer uma tese, a pedir um corte epistemológico, digo: Vamos acabar com isto! Não é por acaso que eu sou doutorado, não sou doutorado com uma boa nota, sou com 10. Como é que podia ser? Eu estava no Instituto Superior de Educação Física a dizer que não havia educação física! Só isto.

LAC: Mas como é que justifica a sua predileção pelo conceito de motricidade humana, no lugar do conceito de desporto? Como é que explica a sua predileção pelo conceito de motricidade humana em relação ao conceito de desporto?

Manuel Sérgio: O desporto é um dos aspectos. Toda a área científica tem as suas especialidades. O desporto é uma das especialidades da motricidade humana, como a fisioterapia é da medicina, como o direito constitucional é do direito.

LAC: Mas, não poderíamos, por exemplo, dizer que tocar guitarra faz parte de uma especialidade da motricidade humana? Tocar guitarra, por exemplo, é uma atividade motora.

Não poderíamos dizer que tocar guitarra poderia ser uma especialidade da motricidade humana?

Manuel Sérgio: Claro. À vontade. Todas as ciências têm a sua especialidade. A Ciência da Motricidade Humana: desporto, dança, ergonomia, reabilitação, tudo isto são especialidades da motricidade humana.

LAC: Todas as artes performativas poderiam ser consideradas dentro desse campo?

Manuel Sérgio: São especialidades científicas. A gente não tem que ter medo. É isso. Já estou farto de dizer isto aqui: Eu perdi o medo. Porque, a senhora não calcula, em toda a América Latina, andei por lá, e de maneira que tenho um arco-boiço desgraçado, apanhei tanta tarefa, que venha lá quem vier, eu perdi o receio. Isto é um bocado atrevido da minha parte, mas eu sou assim, como vocês reparam, se o tipo não tiver uma certa dose de atrevimento, não faz nada na vida.

LAC: Sabe que é engraçado estar a referir esse aspecto?

Eu estou aqui a lembrar-me que um dos autores cristãos que usou muito uma linguagem agonística e desportiva foi São Paulo. São Paulo fazia este apelo para sermos atletas de Cristo, utilizou uma série de expressões desta natureza desportiva, para evangelizar. E agora que está a falar nessa questão da tarefa e pensando que São Paulo converteu-se depois de uma queda de cavalo, eu estava aqui a pensar, se nós não poderíamos pensar se é a tarefa e a queda como aquilo que leva à conversão, ou seja, é a tarefa e a queda que permitem esse acesso humilde a querer mais...

Manuel Sérgio: A tarefa, o que é que faz? Obrigame ao estudo.

CPM: Eu vejo isso, por exemplo, no boxe. Eu acho que as sessões de *sparring* são sessões de treino mais duras, de combate. As pessoas saem sempre das sessões de *sparring* no boxe com uma sensação de humildade, ou seja, não é bem a con-

versão pela queda em termos de São Paulo ou do Santo Agostinho, do desejo e da queda. Quando nós caímos, caímos em nós, é um vazio que, depois, é um vazio rico, que mostra que há mais do que esse vazio.

Mas eu acho que, não sei se estou a interpretar bem, ou seja, a queda é mais o sofrimento, o sofrimento que te revela coisas. E uma das coisas que te revela logo é: a humildade. É a humildade no sofrimento. Por exemplo: um atleta que não ganha uma medalha.

Um atleta que não ganha uma competição, ele sofre. Imagina, como é que se chama? Jogos Olímpicos de Paris 2024. Vai a delegação toda portuguesa, ninguém ganha nada. Aqueles que queriam ganhar, não são só os que vão fazer figura e com a bandeira de Portugal, os que querem ganhar qualquer coisa e que não ganham. Para sofrer, tens de querer, senão, para ti, é igual, ter ou não ter, ganhar ou não ganhar, é igual.

Mas se tu quiseres ganhar uma coisa e não ganhares, e sofreres, a ideia que eu tenho é que esse sofrimento, a primeira coisa que te revela é a humildade.

Ou seja, dá-te logo uma sintonia com o que tu fazes. Lá está: uma transcendência para além do ganhar e do perder, naquele sentido imediato, da tal idolatria simplista do “ganhei” e “perdi”. Que é um facto. É uma evidência. Ou és campeão ou não és campeão. Ou ganhaste ou perdeste. Não dá para ser campeão e terceiro lugar ao mesmo tempo.

Manuel Sérgio: O indivíduo pode ser campeão, não ganhando. O indivíduo que se transcendeu, não ganhou a prova, mas para a motricidade humana, é campeão. Aqueles que vão, por exemplo, aos Jogos Olímpicos, fazem um tanto tempo, bateram o recorde.

Ele transcendeu-se. De qualquer maneira, não deu para ganhar a medalha de ouro, mas houve transcendência.

LAC: Como sabe, nós criámos agora a Associação de Filosofia do Desporto de Língua Portuguesa e gostávamos de lhe perguntar o que pensa sobre o papel da língua portuguesa no pensamento filosófico do desporto, e que conselhos ou que pistas nos poderia dar, a nós e aos jovens investigadores, que se dedicam e que se vão dedicar a esta área?

Manuel Sérgio: A língua, quando aparece, não aparece sozinha, aparece rica. Se a gente se puser a falar da língua portuguesa, o que mais acaba por acontecer? Só se fala de Vieira, Camões, Fernando Pessoa, José Saramago. E vocês, desculpem-me, leiam o livro do Miguel Real, meu querido amigo: "O Último Minuto na Vida de Saramago". É um livro extraordinário.

CPM: E o que é que gostou mais no livro?

Manuel Sérgio: O que é que eu gostei? É que, no fundo, diz-se que quando um tipo chega ao fim da vida, lembra-se muito do passado. Aquilo é uma história do Saramago, lembrado por um tipo que está prestes a morrer. Só lendo. Ele está a morrer.

CPM: E como é que o professor Manuel Sérgio vê a morte aos 90 anos, 90 anos acabados de fazer?

Manuel Sérgio: É a passagem de uma vida a outra vida. Não posso vê-la de outra maneira. Não tenho certezas nenhuma. Mas é a passagem de uma vida a outra vida. Não pode ser de outra maneira, senão, nada disto faz sentido. Aquela frase que eu uso muito: "A vida sem Deus é um absurdo. Com Deus, é um mistério."

LAC: Que sonhos tem para a filosofia do desporto em língua portuguesa, em Portugal e no mundo? E como é que nós podemos honrar esses sonhos?

Manuel Sérgio: Honrar o nosso sonho. Em primeiro lugar, que a filosofia do desporto concorra, na medida das suas forças, ao surgimento do homem novo, do mundo novo. Essa é a primeira. Estamos a viver um mundo terrível, que vamos deixar, eu já digo aos nossos netos, bisnetos, vocês aos vossos filhos... isto está muito mal. É isto que a gente lhes vai deixar? Todos nós somos obrigados a lutar por um mundo diferente. E, portanto, a associação também deve fazer o mesmo, não está livre de fazer isso. Pois claro! Juntar-se o mais possível à filosofia e ao desporto, quer dizer, porque a filosofia do desporto tem de ser capaz de levar uma mensagem do desporto para a filosofia e da filosofia para o desporto. Será talvez o meu sonho mais prático. O outro é genérico, é para toda a gente. Mas este é prático: que vocês sejam capazes de levar algo de transformador para a filosofia, através do desporto e do corpo e, ao contrário, da filosofia para o desporto. Acho que é isso.

LAC: Muito obrigada, Professor.

Esperamos que tenham gostado deste primeiro episódio do podcast *Desporto Vivido*, *Desporto Pensado* e ficam todos já convidados a acompanhar, a ouvir, e a pensar o desporto conosco.



DIÁLOGO 02

JORGE ARAÚJO

Jorge Araújo

Luísa Ávila da Costa: Olá a todos, reunimo-nos hoje para a segunda entrevista do nosso podcast Desporto Vivido, Desporto Pensado, uma iniciativa do Seminário Permanente de Filosofia do Desporto, organizado por mim, Luísa Ávila da Costa, em conjunto com o Constantino Pereira Martins. Este podcast tem como objetivo reunir elementos de construção de pontes entre um lado mais prático e vivido do desporto e o seu lado mais teórico relacionado com a pesquisa e a reflexão. Um lugar de celebração de pessoas e vidas únicas, entre o saber e o saber fazer. Temos hoje conosco, Jorge Araújo, figura de renome do basketball nacional, ex-treinador de inúmeras equipas nacionais, incluindo seleções, com uma carreira de 40 anos de sucesso, da qual se destacam os méritos alcançados com o Futebol Clube Porto, marcados por muitos sucessos e permanência no mais alto nível do basketball nacional. O Jorge Araújo é licenciado em Ciências do Desporto e doutorado em Filosofia, sendo um dos membros fundadores da Associação de Filosofia do Desporto de Língua Portuguesa. Obrigada Jorge por nos receber e ter acedido a fazer esta entrevista. É uma honra e um enorme gosto estar consigo e termos esta conversa. Então, a primeira questão que lhe faríamos, para quebrar o gelo, é perguntar-lhe, já a queima-roupa, o que é que leva um treinador de mais de 40 anos de carreira, com sucessos desportivos mais do que demonstrados, a dedicar-se mais recentemente ao estudo da filosofia?

Jorge Araújo: Eu diria que essa é a pergunta que justificava, como se costuma dizer na gíria, a pergunta do milhão de dólares, não é? Porque é, de fato, uma dúvida que se justifica e, no meu caso, tem uma lógica e é impressionante. Desde muito novo, o comportamento sempre foi algo que, ao dar passos, percebi que, para além das coisas, da modalidade, havia algo no comportamento humano que eu verdadeiramente conseguia aprofundar ou, então, ia me acontecer mais vezes, e aquilo me chocava muito. Desde jovem treinador, sempre tive a plena certeza de que, em tudo o que respeitava, do ponto de vista da gestão operacional da equipe já tinha feito tudo o que devia daquilo que me haviam ensinado, e, naquela época, minha aprendizagem era ainda quase exclusivamente centrada na psicologia.

Portanto, eu tenho uma trajetória que, obviamente, começo por aprofundar, de um ponto de vista científico, as coisas do desporto. À medida que dou passos, percebo-me e torno-me um apaixonado voraz. Esta minha relação com a minha vida e com as minhas coisas sempre foi muito emocional, muito viva. Tornei-me um compulsivo do Damásio e o levei até às últimas instâncias, tanto quanto podia, não só do Damásio, mas, principalmente, do António Damásio, em todas as questões da neurociência. Mas este trajeto foi-se tornando cada vez mais exigente, e, para mim, eu ainda não tinha chegado lá, ainda não tinha conseguido encontrar. Aparece, então, a minha relação com o Manuel Sérgio, com quem eu digo: “Manuel, vou começar, porque já percebi que tenho que começar a estudar algo no âmbito da filosofia, que me procure explicar isto do comportamento.

Como sempre escrevi muito, tenho cerca de 30 livros escritos, primeiro no âmbito mais da modalidade e depois nas questões que fui aprofundando, que, na sua maioria, ainda estão centradas na neurociência. O único livro editado, já com alguma base filosófica, foi a edição da tese que saiu agora em livro, publicada pela Católica. E o Manuel diz-me: “Acho um disparate você estar a começar a fazer leituras para escrever um livro que eu já tinha título e tudo, *O Treinador e a Filosofia*.”

O que tem a fazer é arrancar com o processo de um doutoramento, ao qual recomendo vivamente.”

O Manuel foi muito expressivo na recomendação inicial, que se desprenda de fazer este doutoramento no âmbito da educação física e que fosse fazer este doutoramento no âmbito da filosofia.

E, para fazer este doutoramento no âmbito da filosofia, tem que ir à Faculdade de Letras de Coimbra, porque, no fundo, é ali que reside aquilo que se pode considerar de mais profundo e de mais atual a esse nível.

E foi assim, eu estava precisamente a contar ao Constantino que havia uma coincidência feliz, pois deixe-me dizer, o então diretor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra era um ex-internacional de Basket, o José Paiva, que foi jogador do Sporting e da Académica, e que tinha sido internacional inclusive na modalidade. Portanto, a seguir ao desafio do Manuel Sérgio, fui perguntar ao José Paiva:

“Preciso do teu conselho, diz-me se achas que faz algum sentido, nesta fase da minha vida, eu avançar com o doutoramento em filosofia?”

E, para o meu espanto, ele ainda foi mais entusiástico do que o Manuel Sérgio."

E ele disse-me que já sabia quem iria orientar a minha tese, pois isso fazia todo o sentido, dado a minha experiência. Foi então designado o Luís Umbelino, que vocês também já movimentaram agora para o congresso. E foram, de facto, seis anos deslumbrantes, de descoberta, com aquele murro no estômago inicial, uma das primeiras referências da filosofia que li, em que o autor dizia que o filósofo é um eterno iniciado. E, portanto, a partir daqui que Jorge Araújo, que hoje é consagrado treinador de basquete, passava a ser um iniciado candidato a um doutoramento em filosofia, o que depois teve a outra enorme vantagem, que foi a da escolha do filósofo a investigar.

Eu acho que a escolha do Merleau-Ponty, e tudo aquilo que ele tinha desde a década de 50, referido na altura com grande surpresa, depois com reconhecimento, e depois, no decurso do meu estudo, eu

aperceber-me da quantidade de géneros da neurociência a confirmar o que o homem tinha dito sem apoio nenhum da neurociência há 50 anos atrás, tudo isso constituiu depois o outro facto, que foi, isto só para vos referir, que foi realmente um deslumbramento. Quer dizer, para alguém como eu, muito pragmático, muito dado a certezas, e comecem-me a pôr precisamente no plano contrário, que não era um problema de certezas, mas sim um problema de questões, não havia respostas definitivas, que era tudo o contrário daquilo que eu tinha feito na minha carreira. Porque a ironia é esta: eu fui em busca das certezas e das respostas definitivas para o comportamento humano e, ao fim de seis, quase sete anos, a conclusão é que não existem.

É preciso continuar a estar atento ao contexto e às circunstâncias e a viver as coisas como elas são. Como, aliás, o próprio Merleau-Ponty, ao definir a história do comportamento humano, assente na sensibilidade humana e em tudo aquilo que nós experienciamos acima de tudo, isto fez muito sentido para mim e reforçou muitas das coisas que andei à procura. Portanto, a razão é uma razão, chamemos-lhe assim, utilitária. Eu começo com uma razão utilitária. Procuraste na ciência, procuraste na neurociência, agora vais procurar na filosofia, porque a resposta há de estar para aí. Infelizmente, não está, porque seria, de facto, uma coisa muito estranha. Nós temos a mania de que, afinal, já percebemos e já sabemos como é que isto no comportamento humano funciona, e é muito mais giro, é muito mais interessante, é muito mais misterioso continuarmos a dizer: “pode ser que sim, pode ser que não”. Tens que estar disponível, mas pode ser que percebas, pode ser que não, pode ser que acertes, pode ser que não. O que, para a vida de um treinador, conforme calcularão pelas referências que têm, levanta muitas dúvidas e questões, porque andamos à procura das certezas.

A vida do treinador é, constantemente, à procura da resposta que lhe dá a fórmula mágica. E isto é a inversão completa do problema. Mas ainda bem que é, porque, no fundo, sintetizando uma das con-

clusões da minha tese, quando chego à conclusão de que o comportamento humano é uma relação e uma experiência, estou a reforçar, em simultâneo, algo que tinha descoberto, não por via da filosofia, mas por via, mais uma vez, da experiência concreta, no trabalho que desenvolvia com quadros de empresa na minha empresa desde 1997. Ou seja, cheguei ao mundo das empresas, e o mundo das empresas assentava na formação e no conhecimento, e eu rapidamente descobri que o caminho da minha empresa não podia ser exatamente esse, até porque estava superconcorrido. Mas tinha de ser sempre o experiencial, tinha de ser sempre o aprender a fazer fazendo, tinha de ser sempre o treino. E eu ando, já vamos em 26 anos, insistentemente a tentar ganhar a luta. Por favor, não chamem formação comportamental, chamem-lhe treino comportamental, porque é treino comportamental. De formação comportamental existe o saber mais do que adquirido em termos globais. O que não existem são os hábitos que cada circunstância, seja desportiva, seja empresarial. E é aqui que está, entre tantas outras coisas que o Merleau-Ponty me traz, esta questão decisiva da experiência. Não é qualquer coisa, ou seja, a referência maior é: que não há nada a descobrir sobre a liderança. Em termos teóricos, a nível mundial, o grau de investigação e de aprofundamento das questões da liderança é vastíssimo. Ou seja, quem queira ter conhecimento de liderança, tem milhares e milhares de páginas a que se dedicar.

A questão central é que, mesmo com esse conhecimento, pode cometer erros na liderança porque os seus comportamentos não correspondem àquilo que é a sua formação. E, portanto, isto, no âmbito das empresas, foi também uma viragem muito grande. Atenção que isto não é um problema de formação. Vocês continuam a chamar formação, mas isto não é um problema de formação, é um problema de treino, é um problema de aquisição de hábitos e se é um problema de aquisição de hábitos, é um problema de treinadores.

Onde encontrei a grande força, desde que comecei como consultor no mundo das empresas, foi a descoberta de que, se há algo que falta no mundo das empresas, são os treinadores. Porque alguém

tem de treinar os quadros e as equipas das empresas para que, do ponto de vista comportamental, se faça o treino que deve ser feito.

A grande dificuldade é: mas o que é que eu faço? Tens de fazer aquilo que ele ou ela precisa. Tens de fazer aquilo que a equipa precisa.

E o que é que a equipa precisa? Tens de observar e tens de ver. Este caminho é um caminho que tinha muito a ver com o que eu tinha feito no basketball.

Ou seja, eu devo ter sido, no tempo em que exerci as minhas funções de treinador, aquele que menos aprofundei as questões técnico-táticas. Eu nunca fui um especialista nas coisas técnicas e táticas do basquetebol. Mas fui sempre muito preocupado com as questões do comportamento. Lembro-me, ainda treinador jovem, das questões do comportamento, que ditava a possibilidade a alguém de se superar e fazer coisas inacreditáveis, e depois a gente lhe perguntava como é que fez aquilo.

E eles davam-nos aquela resposta incrível: “Não faço a mínima ideia, só sei que fiz.” É uma coisa espantosa, e nós, no alto rendimento, deparamo-nos muito com isto. Eu não me esqueço do Luís Umbelino, quando o Ronaldo fez aquele pontapé de bicicleta a dois metros e sessenta de altura, e eu cheguei, no dia seguinte, à minha reunião habitual com ele. E ele disse: “Você viu aquele pontapé?”. Eu disse: “Vi. Aquilo só é possível porque ele há anos ele anda a dar mortais para a frente e para trás na piscina, só pode ser possível assim.”

Ou seja, aquele controle corporal não foi a jogar futebol que o adquiriu. O corpo dele habituou-se a fazer aquilo, e faz todo o sentido.

Para quem vê alguém fazer mortais para trás na piscina, principalmente das alturas, isto faz todo o sentido. Aquela possibilidade, aquela capacidade, depois provoca outro problema no futebol.

E agora quando eu caio, como é que isto vai? O que é que vai acontecer quando eu cair nesta altura de costas? Esse é outro problema do futebol, enquanto os mortais pagam.

LAC: Esta questão do treino e do comportamento aplica-se, como estamos a ver e a ouvir, a muitas dimensões da experiência humana, nomeadamente a empresarial, mas também ao desporto.

E aqui gostaria de voltar um bocadinho atrás à sua experiência no mundo do desporto. Porque do ponto de vista, numa perspectiva filosófica, como é que o Jorge definiria o objeto de estudo do desporto? Porque ele, como sabe, tem vindo a ser denominado de formas diversas, através de diferentes escolas de pensamento em Portugal e também no estrangeiro. Através de uma multiplicidade de conceitos que vão desde desporto, educação física, motricidade humana, cinesiologia, movimento humano, atividade física e exercício físico. Como é que o Jorge, a partir da sua experiência no mundo do desporto e agora também no seu mergulho pela filosofia e por este estudo mais filosófico do comportamento humano e do treino, enquadra nesta diversidade de verbalizações do nosso objeto de estudo?

Jorge Araújo: Eu aproveitaria para dizer que considero de extrema importância, desde o primeiro momento que vocês desencadearam o movimento, eu considere de extrema importância a criação da Associação Filosofia do Desporto porque acho que é uma responsabilidade que tem de cumprir a Associação que é conseguir dar o salto qualitativo nesse caminho todo. Eu diria que a abordagem filosófica que tem havido ao redor do desporto passou um bocado ao lado daquela que é a questão central, porque não é um problema da abordagem filosófica do desporto, é um problema da abordagem filosófica das pessoas que praticam o desporto. Eu acho que é aqui que está a volta a dar a questão. Aliás, não estou a dizer nada de novo porque o Manuel Sérgio tem feito, não é uma questão de lançamentos de basket nem de remates de futebol, é uma questão que são homens e mulheres que praticam o basket e que praticam o futebol.

Aquela que é a grande rotação é esta, e na minha opinião que poderá ou não pertencer à Associação a possibilidade de vir a desenvolver isto na sua devida aceção.

Mas, objetivamente, como acontece em muitas áreas científicas, enquanto essa volta não for dada, enquanto não partirmos da pessoa que faz desporto e não olharmos para o desporto como se ele não fosse praticado, porque esse foi o meu problema como treinador, eu levei quase 40 anos para descobrir que, se partes das pessoas, conseguimos lá chegar. Se partes da ciência, da neurociência, da filosofia, ou do que tu quiseres, tu nunca lá chegas, porque estás sempre a desviar o foco do problema. O foco do problema são as pessoas que praticam desporto, são as pessoas que fazem parte de equipas em empresas. E, dentro da complexidade de serem pessoas, esse é o trabalho que os treinadores têm de fazer, e esse é o acompanhamento. Ou seja, eu nunca tive uma sensibilidade tão grande, uma percepção tão profunda, obviamente, do que é ser treinador, enquanto não aprofundei na área da filosofia aquilo que o Merleau-Ponty defendeu, e que depois o Manuel Sérgio, em toda a sua obra, vinha sempre a dizer: “Espera, enquanto só percebes de desporto, não percebes nada de desporto.” Esta é uma frase do Manuel Sérgio, que eu conto, às vezes sem fim, como uma afirmação que ele fez ao Mourinho, que o Mourinho nunca mais esqueceu e tem continuado sempre a dizer, é que a chave do problema está aqui. Não é a chave do problema porque se está a encontrar a solução, mas sim porque, depois de chegarmos aqui, com o que é que a gente se depara? Com a complexidade do ser humano. Mas a complexidade do ser humano, transferida para o desporto, que depois pode ser também transferida para o mundo das empresas, traz o quê consigo? Traz, ponto um, eu e o autoconhecimento que tenho. Ponto dois, eu na relação com a Luísa ou na relação com o Constantino. Ponto três, eu na relação com a Luísa e com o Constantino, metidos dentro de uma equipa de 15 ou 16 jogadores de basquetebol ou de 20 e tantos jogadores de futebol. Com toda a complexidade que isto tem depois, porque se conseguirmos chegar a este ponto, que foi onde eu tive que chegar, que você influencia, mas acima de tudo é influenciado,

ou seja, em qualquer circunstância, quando estou com alguém, ou um para um, ou em conjunto, enquanto equipa ou desportivo ou empresarial, está permanentemente a acontecer isto.

Entre nós, uns mais que outros influenciámos, mas somos tremendamente influenciados também pelo contexto. E, portanto, metido ainda no basquetebol, são 15 ou 16 jogadores, mas são 25 pessoas ao todo, com todos os jogadores à volta. No futebol, são quase 50 ou 40.

Quer dizer, e depois ainda há os outros dados do problema.

Até aqui, ainda estamos a falar da equipa. Mas, agora, a equipa vive num determinado meio ambiente. Esse meio ambiente tem agentes de jogadores. Alguém imagina agentes de jogadores a pensar no todo maior, que a soma das partes? Não. Os agentes de jogadores pensam no interesse particular do seu jogador. Então, como proliferam agentes de jogadores no meio desportivo, nós temos aqui um carácter viral e infeccioso, de alguém que a última coisa que lhes interessa é o processo coletivo.

Então, o treinador tem de encontrar uma forma de lidar com isso. Mas nós vemos todos os dias na televisão e vemos os comentadores, com grande à vontade, a falar das equipas e dos treinadores, do que acham e do que não acham, num desconhecimento profundo, sobre toda essa complexidade e opinam, ora que sim, ora que não. Gente que sabemos que não tem um grau de profundidade tão grande na análise disto, mas eles têm uma influência muito grande sobre os jogadores todos os dias. Eles os ouvem e os vêem. Portanto, como é que isto se consegue resolver? E, então, ao fim de todos estes anos, a gente diz: “Ah, agora já percebi.” Já percebi porque é que, em dois ou três dias, a equipa que eu treinava parecia estar no máximo da sua coesão, e passados três dias aquilo estava tudo partido e dividido, e eu nem percebi o que aconteceu.

Eu, anteontem, estava num grupo de alta direção de uma empresa muito representativa e perguntei quantos benfiquistas estavam na sala.

E disse-lhes: “Vocês devem estar desesperados.” Porque foi-lhes prometido tudo. Ou seja, no início desta época, a passagem da época passada para esta, aos benfiquistas, vinha aí o paraíso dos paraísos e tem sido precisamente ao contrário. Quando o senhor começou o ano anterior, o grau de expectativa positiva era baixíssimo e aconteceram verdadeiras maravilhas. Portanto, é disso que se trata.

É um treinador que, no meio disto, não tenha quem fale com ele, que o chame a atenção e o alerte, se ele se esquece que a realidade é esta, vai dizer na conferência de imprensa que são os maiores disparates, como fazem todos os dias, porque prometem coisas que depois o jogo não corresponde. Porque eles fazem antevisões ao jogo e o porquê que fazem? Porque estão prontos. O treinador afirma que é a quarta ou quinta vez que isto vai acontecer. “Estão prontos, agora é que vai ser.” E não vai ser. E não vai ser não por uma questão de futebol, mas porque são homens, estão ali todos metidos com os interesses mais variados.

Constantino Pereira Martins: Eu gostei muito do que disse porque, em relação àquilo que penso sobre a própria complexidade, trata-se de uma questão muito antiga da filosofia que o todo seja maior do que a soma das partes? Acho que esta é a pergunta do nosso tempo e poderia até ser elevada a um expoente máximo da hipercomplexidade, como estava a dizer, das várias esferas, das várias inter-relações, interconectividades, interconsequencialidades, que tornam algo tão complexo que é quase impossível, mesmo que desmembremos todas as partes, compreender o que está aqui. Mas tocou num ponto que me interessa particularmente, que é, por um lado, a regra e a exceção, e, por outro, as qualidades misteriosas que, às vezes, influenciam o todo, sem que se perceba como.

Vou começar pela última, que para mim é mais simples. Por vezes, o equilíbrio, numa época hipercomplexa como a que vivemos, o

equilíbrio torna-se um valor e uma questão central. Porque tão complexo, tão complexo, que, se as pessoas perderem o equilíbrio, é muito fácil resvalarem para o abismo. Isso vê-se nos gestos dos jogadores, por exemplo, que hoje são muito mais vigiados, quase controlados pelas equipas. Mas, por exemplo, o que estava a falar do Benfica, eu acho que a saída do guarda-redes teve uma influência muito negativa na equipa. A forma como o guarda-redes, que esteve presente durante anos, para mim, um excelente guarda-redes, saiu de forma indigna da equipa, é algo que, acho, gera pequenas manchas. Estas pequenas sombras acabam por criar fantasmas nas equipas.

E, às vezes, pormenores, jogadores de quem nem sequer se desconfiam. Por exemplo, estava a falar do Benfica e, como gosto do Benfica (não se sabe porquê, já que não sou propriamente fã de futebol, também sou do basquetebol, como o Jorge), no ano passado, quando o Guedes voltou para a equipa, ele trouxe ânimo. No lado anímico, o Guedes se sacrificou fisicamente no jogo contra o Sporting, e ficou lesionado. Talvez por esse sacrifício tenha passado despercebido a muita gente, e o Benfica foi campeão, porque se o Guedes não tivesse sido sacrificado, quase como um bode expiatório da equipa, teria sido diferente. Ao mesmo tempo, ou seja, em primeiro lugar, para o Jorge, gostava que pensasse sobre esta questão de uma coisa hipercomplexa, quase desmesurada, com pequenos pormenores, como um jogador que veste a camisola do clube ou um jogador que é maltratado pelo clube. São pequenos detalhes que, depois, desequilibram coisas tão complexas, isso é a primeira questão.

E, depois, a segunda, que é a que mais me interessa: a regra e a exceção. Uma coisa que assito hoje no desporto é não só a mercantilização – que o Manuel Sérgio e o professor Sílvio Lima tantas vezes falaram e apontaram como um grande cancro do desporto –, o excesso de mercantilização levado ao absurdo, quase à bestialização do desporto e do jogador. Mas, digamos, no presente,

vamos pensar no presente, pegando nessa questão de que o todo é maior que a soma das partes. O que se passa no futebol e noutros desportos é a industrialização do jogador. Ou seja, existe um treinador e existem 50 adjuntos. Ao mesmo tempo, tenta-se criar uma resposta complexa para uma enorme complexidade. Mas como é que vamos criar a criatividade? Isso é que é o meu problema. Como é que vamos criar a exceção à regra? Como é que vamos criar a individualidade? Isso é que é a parte mágica do jogo. Como se cria aquele pontapé de bicicleta? Como é que o Michael Jordan, ao invés de fazer assim, fez assado? Por que é que o Michael Jordan subia pelo fundo, na linha de fundo, e passava por trás da tabela e fazia uma bandeja de costas? E se você se perguntasse ao Michael Jordan como fez isso, ele responderia: "Não sei. Saiu na altura".

Mas há todo um contexto para trás. Ou seja, se os jogadores são todos, hoje em dia, industrializados, com um treinador central, um treinador adjunto, desde os infantis até os seniores, e até chegarem à alta performance, alto rendimento, e outras áreas, etc. Como é que vamos, se as pessoas não jogam na rua, se não estão expostas ao improvisado, se tudo é hipercontrolado e hipercomplexo, como é que vamos, daqui a 10 anos, lidar com isso?

Jorge Araújo: Mas eu acho que essa parte final, junto com a primeira preocupação da segmentação, é onde tentamos perceber que, nesses dois polos, um para o positivo e o outro para o negativo, está “a solução do problema”, conforme mencionei na nossa conversa inicial. A solução não existe, mas ao mesmo tempo ela existe, porque, no meio de toda essa exposição, estava a ouvir e a pensar assim, se a gente for ver o que foi havido com o João Félix no Atlético de Madrid e o que está a ser sua vida no Barcelona, e se formos atrás das verdadeiras razões que tornam o João Félix de hoje completamente diferente do João Félix daquela altura, encontramos dois polos: primeiro, a impreparação do João Félix para chegar a aquele nível de exigência; segundo, a impreparação de um treinador que cultiva o autoritarismo e cultiva aquela maneira

de olhar para o jogo, o Simeone, e juntos de um jovem completamente imprevisto, que ainda por cima foi transferido por 100 milhões, fez tudo ao contrário do que deveria fazer.

E o que leva à transformação do João Félix? Ele disse: "No Barcelona, era uma ideia boa, porque o Barcelona era onde ele gostava de estar." E aqui começa a solução. Ele gostava de estar no Barcelona, e mais: ele vai para o Barcelona com o seguinte quadro mental e profissional: "Se falhas agora, vais para a indigência e nunca mais ninguém te pega". Isso é decisivo na vida de qualquer um de nós.

Então, há aqui um conjunto de aspectos que se cruzam e entrecruzam. A primeira ideia é que isso não pode ser visto pelas partes. O erro grave da psicologia, o erro grave da anatomia, o erro grave da fisiologia sempre foi este. E depois, acreditar que uma experiência feita em laboratório é a mesma coisa que a experiência da vida real.

E isso está provado que não é. Portanto, não adianta tirar conclusões de experiências de laboratório, que não têm o contexto real. O contexto real é que conta. É nele que temos de estar, e é aí que podemos encontrar ou não as soluções para o problema.

Portanto, eu diria que não podemos dar o passo em frente enquanto não percebermos que, embora pareçam duas coisas contraditórias, elas não o são. Tenho de conseguir fazer com que o meu todo seja maior do que a soma das partes, sem nunca depreciar, diminuir ou desvalorizar a influência dos "eus" que compõem o meu todo. E aqui é que está o segredo do jogo. Tenho de valorizar os "eus", porque, se os desvalorizo, só os que têm uma capacidade de superação incrível é que irão para a frente. Não é à toa que o Cristiano Ronaldo sobreviveu no Manchester United naquela altura – porque ele tinha uma resiliência incrível. E as pessoas se perguntam: mas como? Ele andava na rua, ele vivia, ele via. Ou seja, não posso tratar um miúdo da rua, que vem de uma experiência de agressividade

incrível e de sobrevivência, da mesma forma que um menino da mamã. O menino da mamã precisa das características que tem o menino da rua, e o o menino da rua precisa de diminuir a agressividade que mata o primeiro gajo que estiver contra ele.

Isto é a arte, é conseguir fazer isso. E isto é possível ser feito por alguém que acaba de receber sua licenciatura, como eu fiz quando comecei como treinador com 24 anos? Com minha licenciatura em Educação Física, que lhe venderam a anatomia, a psicologia, a fisiologia? E ainda por cima, a ginástica que era tratada como prestigiada da época, e era uma violência inacreditável que, um dia, fiz algo impensável: o mortal para a frente, precisei fazer isso para conseguir a minha licenciatura. Imaginem, uma licenciatura em Educação Física dependia de eu fazer um mortal para a frente. Mas, naquela época, era assim. Portanto, o que estou a dizer é que não estamos sendo preparados para a complexidade com que nos vamos deparar. E esse é o grande problema.

CPM: Mas como é que se arranja um equilíbrio? O ponto volta à minha pergunta: o equilíbrio parece-me cada vez mais um processo central.

Jorge Araújo: Aprender a fazer fazendo, com o acompanhamento de alguém que me vai dizendo: "Tu viste a reação que provocaste?" A chave é esta. Ou seja, lá vamos nós. Estamos convencidos de que a formação de treinadores é aquilo que andamos a vender por aí, e em alguns casos, andamos mesmo a vender formação aos treinadores, porque há muita gente ganhando bom dinheiro com o trabalho de formação dos treinadores.

CPM: E os graus...

Jorge Araújo: Os graus são uma negociata. Mas os graus não resolvem literalmente nada. Esse é o problema: os graus não resolvem literalmente nada, porque estamos naquele embargo de que eu falava há pouco sobre a formação e o treino.

CPM: Mas como é que saímos desse paradoxo? Porque, por um lado, se o problema está para além da técnica; não está só refém da técnica. Por outro lado, está no mundo da complexidade. Mas a complexidade não tem solução?

Jorge Araújo: Saímos do paradoxo. Eu vivi no Barro Alto. A minha mãe nunca me deixava ir para a rua, mas eu idolatrava os meninos da rua e a vida que eles levavam. O meu líder era o líder da rua. E o líder da rua dizia “tens jeito para organizar”. Eu trabalhava na janela porque a minha mãe não me deixava ir para a rua e o gajo punha-me a organizar e registrar coisas. Se calhar esse tempo foi importante.

CPM: Você já era treinador na rua.

Jorge Araújo: Eu não era treinador. Eu fazia aquilo que ele, o treinador, me pedia para fazer. Mas o problema é que ele não conseguia fazer determinadas coisas que eu conseguia. E é neste jogo que eu ando a dizer aos amigos: "Metes os teus miúdos nos escuteiros, põe os teus miúdos e as tuas miúdas com 8 e 9 anos a praticar desportos coletivos." Falo-lhes que os escuteiros têm uma experiência incrível: uma miúda ou um miúdo de 10 anos pode estar a chefiar e, na maioria das vezes, são escolhidos para chefiar grupos de 10, 11, 15 miúdos. É uma experiência decisiva. Ou seja, a resolução do paradoxo não é voltar à rua, mas sim voltar à experiência, ou seja, é voltar à vida. Porque, vamos lá a ver, se a gente aprende a fazer fazendo, quanto mais cedo começarmos a fazer, melhor. E quanto mais cedo tivermos quem nos dê *feedback*, quem nos observe e nos dê *feedback*, quem diga “tu viste o efeito?”. Agora resultou. Porque resultou? E agora? Agora não resultou. Porque não resultou? Este é o trabalho que a gente sabe que os professores não fazem conosco.

CPM: E que nunca acaba esse trabalho...

Jorge Araújo: Claro, mas esta é a solução. Quer para os atletas e para os treinadores, está aqui.

O que é que teve uma influência incrível em mim? Um irmão, o Zé Miguez, da Faculdade de Psicologia do Porto, que agora está reformado, mas, quando ele me disse isto já o titularia: “Tu ainda não percebeste, quem joga são os jogadores, não são os treinadores, tens a mania que és tu que jogas, mas não és tu que jogas.” Ou seja, as tuas equipas são tanto melhores quanto tu melhor ensines, prepares, enquadres, apoies e consigas que no momento próprio eles tenham a reação que têm de ter. Mas vem a pergunta chave, mas como é que eles no momento próprio têm a reação que têm de ter? Tiveram de passar por lá, porque se não passaram por lá não há maneira de resolver o problema.

LAC: Deixe-me pegar nessa ideia e transportá-la aqui para as nossas escolas do desporto, educação física, motricidade humana, etc, e tentar transportar este paradoxo para a nossa realidade universitária. Nós de facto temos centrado o nosso estudo no objeto de estudo desporto, ou motricidade humana, ou educação física, ou o que seja, até que ponto é que não deveríamos nós também tentar fazer essa transferência de olhar, ou essa ampliação de olhar, tendo não como objeto de estudo o desporto, mas como objeto de estudo, o desportista? E agora estou a pensar em analogia com outras áreas de conhecimento. Por exemplo, na arte, uma boa parte do estudo que é feito é sobre os artistas, a experiência e a história de vida dos artistas, não da arte em abstrato. Até que ponto é que nós, no desporto, não deveríamos também fazer essa transformação de orientação para o objeto de estudo?

Jorge Araújo: A nossa realidade é terrível em alguns casos, porque o que acaba de dizer está dito, escrito, existem cinco ou seis livros. Repare nisto: você sabe qual foi o primeiro livro que o Luís Umbelino me recomendou que eu deveria ler antes de começar a estudar filosofia? O livro do Manuel Sérgio *sobre o corpo humano*. O Luís Umbelino disse-me: antes de ler outra qualquer coisa e de se meter no mundo da filosofia tem que ler para a frente e para trás

o livro do Manuel Sérgio sobre o corpo. Não sei qual é o título? Não é o livro “Os mistérios do corpo”, é uma coisa qualquer, enfim, não interessa. O que é eu estou a dizer? Que o que acabou de dizer, com o qual eu estou completamente de acordo, já foi dito, já foi escrito e já está dito, já está escrito, já está entendido assim o problema. O Manuel Sérgio encontrou muito maior guarida no Brasil com as coisas que dizia do que aqui, em Portugal, ele teve que ir trabalhar no Brasil e na Argentina porque a corporação dos professores de Educação Física em Portugal odiou e os mais antigos continuam a odiar o Manuel Sérgio. Porque o Manuel Sérgio diz uma coisa que é óbvia, que a Educação Física é entendida enquanto tal não faz sentido nenhum. Porquê? Porque o que importa é a pessoa, o homem ou a mulher que pratica o desporto.

LAC: A principal crítica do professor Manuel Sérgio tem a ver com a Educação Física, a redução de uma Educação Desportiva à questão do físico. E aproveitaria essa deixa para passar à seguinte questão que desenvolveu ao longo dos seus estudos e das suas publicações, reflexões em torno da complexidade corpo e mente, razão e emoção, e também sobre a questão da teoria da complexidade. Como é que, nós que estudamos o desporto e a pessoa que vive o desporto, podemos estudá-lo na sua integralidade e complexidade, também nestas tensões corpo e mente, razão e emoção, sem descurar e negligenciar a pessoa que vive o desporto, mas também sem negligenciar o objeto de desporto? Porque o objeto desporto existe. E também não temos estado aqui ao longo da história entre dois polos artificiais?

Jorge Araújo: Mas os dois polos, se eu levar para aquela que tem sido a minha luta no mundo das empresas, a Luísa percebe já que, no mundo das empresas, a minha insistência é esta. Eu não vos estou a dizer que tudo o que o *management* norte-americano e aquilo que defende a gestão operacional não são importantes em qualquer organização, porque são extremamente importantes.

Mas isto é como uma bicicleta com duas rodas, a roda da frente é a relação com as pessoas e a liderança, a roda de trás é a gestão operacional. Nenhuma equipa, nenhum ser humano, nenhuma empresa sobrevivem se nós negligenciarmos uma dessas áreas.

Mas há uma coisa que eu tenho certeza: o sentido de direção da bicicleta decorre da roda da frente e decorre daquilo que eu faço na condução. Ora, eu tenho que ter a percepção de que é na relação com as pessoas que eu consigo que elas se superem, que eu consigo que elas se certifiquem, porque depois vem o outro dado que, no mundo das empresas, provoca uma confusão do "arco da velha", que no mundo do desporto está claro. E o exemplo do Guedes, que mencionei antes, ilustra isto. Mas eu podia contar também sobre aquele avançado brasileiro do Futebol Clube do Porto. Esta cultura do futebol do Porto foi criada lá atrás. Era um avançado que estava a discutir na altura, muito conhecido, o contrato com o Futebol Clube do Porto, e, de repente, o Futebol Clube do Porto, disse: "Não, esse contrato a gente não aceita".

Num determinado jogo, o homem, avançado-centro na ajuda à defesa, parte uma perna, e nunca mais a recuperou. E o Futebol Clube do Porto imediatamente diz: "Este jogador sacrificou-se para a nossa organização." O contrário do que o Benfica fez. Como este jogador sacrificou-se para a nossa organização, contrato adquirido. E deu-lhe o contrato que ele queria, sabendo que ia levar meses e meses a recuperar. Isto o que induz? Induz uma visão global do resto da malta que olha à volta: "Isto é que é uma organização." "Se eu partir uma perninha os gajos defendem-me", que é precisamente o oposto da mensagem que o Benfica transmitiu quando despediu um guarda-redes que tinha mostrado imensa dedicação. Há aqui um contexto colectivo a ser criado que é impossível de a gente conseguir.

Eu escrevi um livro que é uma interrogação. O meu último livro, antes de entrar na filosofia é: *Se as Emoções e os Sentimentos também se treinam?* Foi o meu primeiro livro interrogativo e o meu

primeiro livro em que eu não apresento respostas ou já pronunciava que eu estava a caminho da filosofia. Mas, concretamente, é impossível, nesse jogo da mente e da razão, se eu não estou habituado a estar em contextos em que tenho que conviver com as minhas emoções, quando é que eu aprendo a estar com as minhas emoções, a ponto de não ser um escravo delas? Mesmo sabendo que, no primeiro momento, nós fazemos coisas perfeitamente inconscientes e que não controlamos.

Mas se eu estiver treinado e tiver vivido situações, eu consigo habituar-me a estar com elas e a tomar decisões. Não estou a separar a mente, não estou a separar a emoção e a razão, mas estou treinado a fazer isto.

Agora peguemos nisto que estou a dizer e vamos para a escola primária. Vamos para aquela que é a abordagem tradicional do professor primário: "O menino não ri, o menino não fala, o menino não se mexe, o menino não convive", que é tudo o contrário de como era o que o Merleau-Ponty diz que se devia fazer naquela idade, o menino naquela idade tem de fazer tudo isto. E vai para a escola e passa horas na escola em que o "treinador" diz: não mexe, não ri, não fala, não trocas papelinhos, não brinca, aguentas-me aqui, ouve-me. E nós sabemos, mesmo com 30 e 40 anos, a luta dura que é estar a ouvir alguém, por muito interessante que seja o tema, por além de 25, 30 minutos. É este o jogo.

Eu vivo num mundo onde me convidam para ir às reuniões daqueles dias muito significativos das organizações, que juntam 100 quadros de primeira linha, e durante 7 ou 8 horas aparece uma data de malta a falar de slides absolutamente áridos e completamente loucos e os gajos virados para os slides, costas para a plateia.

O que é que falta ali? Aquilo é impossível de absorver, em hipótese nenhuma. O que é que falta ali? Partam das pessoas, não partam do outro interesse. Então a chave está aqui.

CPM: Eu gostava de repegar nessa ideia e de repegar também na ideia da Luísa, que achei muito interessante. Mas quando a Luísa

falou desta proposta de pensar coisas concretas, o atleta concreto, ou épocas concretas, ou lances concretos, o que eu pensei logo a seguir a isso, e era isso que eu pensava que o Jorge ia falar, mas não tocou, e é isso que eu gostava de voltar a pôr em cima da mesa, até porque falou do Futebol Clube do Porto. Eu respeito muito a cultura de valores do clube, da instituição Futebol Clube do Porto, eu acho que eles têm uma cultura e eu acho que é isso que falta em muitas instituições desportivas: ter uma cultura desportiva.

LAC: Eu fico contente que isto fique registrado para a posteridade de alguém benfiquista ficar dizendo uma coisa destas.

CPM: Mas eu sou um desportista acima de tudo, e é a cultura do basket que a gente aprende a respeitar-se uns aos outros, e não insultamos árbitros, falamos com os árbitros. E quando a Luísa disse isto, eu pensava que a Luísa ia falar de uma coisa dos meus estudos de antropologia, que eu sempre gostei muito, que era a autoetnografia e que liga com o que eu estava a falar sobre a individualidade. Ou seja, o cultivo da individualidade só pode vir a partir da prática quase socrática, auto-reflexiva, de se descobrir a si mesmo, de se conhecer a si mesmo, e eu acho que isso é fundamental. E isso está-se a perder.

Ou seja, qualquer aluno de desporto ou de uma faculdade de desporto, se calhar uma coisa muito importante, que seria importante para além de fazer uma monografia final ou uma tese final de licenciatura, não sei se isso ainda se faz, mas, quer dizer, era que ele sáísse de uma licenciatura e se perguntasse: *Que tipo de desportista sou eu?* Em que desporto? Quer dizer, que o processo de formação de um aluno no ensino superior também fosse um processo de autodescoberta dele próprio, da sua identidade e da sua individualidade. E, pegando também no que estava a falar do Futebol Clube do Porto, estava a pensar, onde sempre à procura desse ponto de equilíbrio, o Futebol Clube conseguiu enquanto cultura e valores desportivos, foi esse equilíbrio entre o colectivo e o individual. E o que eu sinto sempre, e até através, por acaso, de uma figura interessante

no Futebol Clube do Porto, é muito marcada, que é a figura do capitão e do treinador como transmissor central dos valores. Ou seja, qualquer jogador tem que perceber que, ao jogar pelo Futebol Clube do Porto e vestir aquela camisola, ele tem que incorporar determinados valores: sacrifício, dedicação, etc.

Eu estou a tomar o Futebol Clube do Porto, mas podia ser outro clube qualquer. O Sporting também tem uma cultura desportiva de adepto, que eu acho que é de excelência no país, mas é de adepto, não é de jogador. Era de jogador, por exemplo, para o basquete de antigamente, ou no vôlei ou no rugby. Não interessa, mas há clubes que têm e o Futebol Clube do Porto no futebol de onze tem isso, ou seja, o jogador, quando chega, é desafiado a um processo de autodescoberta dele em relação à cultura desportiva.

Jorge Araújo: Mas ajuda muito à criação desse contexto. Sempre ajudou a criação, porque o modo coletivo é decisivo. Quando eu faço parte de uma equipa, o momento decisivo é quando todos percebemos que temos um objetivo comum e estamos dispostos a sacrificar para este objetivo comum. Enquanto não existe objetivo comum, a coesão da equipa não existe.

Para a existência desse objetivo comum, há dois passos: criação de laços de confiança e compromisso com o objetivo comum. É disto que a gente está a falar. Mas este objetivo comum, em relação à cultura que existe no Futebol Clube do Porto, é muito favorecido, mas muito favorecido, pelo inimigo comum. Ou seja, que é: "Lá estão eles, na capital, a dar-nos cabo da cabeça, a crerem que "nós é que que somos os melhores."

CPM: Eu assisti aos seus jogos na Nave do Benfica, onde o Lisboa marcava três pontos nos minutos finais.

Jorge Araújo: Mas este é o motor. Agora, qual é o problema desse motor? É que, hoje, tal como estávamos a dizer no início da nossa conversa, isto já não é tão válido como era há 30 ou 40 anos.

CPM: Não é assim tão simples, é mais complexo...

Jorge Araújo: Já está mais disfarçado. Ou seja, o centralismo continua a existir, a capital continua a sobrepor-se, mas isso está muito atenuado. Eu costumo dizer pelo paleio de zanzala que se foi criando à volta, está muito amolecido, está a ver o jogo de forças dos equilíbrios? É disto que se trata.

CPM: É uma rede de forças que está sempre em negociação constante e o Foucault também pensou isso.

Jorge Araújo: Portanto, é disto em que nós andamos sempre. Quer dizer, eu choco muitas vezes com aqueles com quem estou a falar no mundo das empresas, para haver trabalho em equipa, há uma coisa que tem que existir, e se isso não existir não há trabalho em equipa. Então, diga-me algo: *sacrifício*. Enquanto toda a nossa equipa não estiver disposta a sacrificar, esqueça o trabalho em equipa. Porque há sempre um momento em que eu tenho de fazer para a equipa algo que não gosto, mas que é o que a equipa precisa naquela direção. E só eu posso fazer isso, então tenho de ser eu a fazer esse sacrifício.

Eu tenho de ter esta ideia clara. Agora, até chegarmos aqui, ainda vamos ver o que é que é preciso, é ter experiência.

Uma das conclusões da minha tese é esta: o comportamento humano é uma relação e uma experiência. O que significa que, para estar maduro enquanto desenvolvo e exerço o meu comportamento, eu tenho de estar bem dentro da relação e tenho de ter uma experiência, porque se eu não tenho essa experiência, ela vai me fazer muita falta na análise das coisas que não passei. Então, é este jogo que estamos sempre a jogar: o "eu" e o "todo". Qual foi o logro dos países socialistas? O logro foi que congeminaram o pensamento no todo, abafando o "eu". Queriam uma sociedade ideal, mas obviamente caminharam para o suicídio, como caminharam. Eu não posso abafar o "eu", até porque o "eu" faz muita falta.

Eu ainda era, naquela época, militante do Partido Comunista quando me proporcionaram uma visita a um país socialista. E, quando regressei, disse: "Quero falar com alguém de direito sobre a minha visita a um país socialista." Perguntaram: "E sobre o que queres falar?" Eu respondi: "Sobre os horrores que eu vi no país socialista." Então, pedi para discutir isso com os responsáveis. Sabe o que me responderam? "Isto não pode ser visto assim. Falas comigo, isso em particular, mas isso não pode ser visto assim. Nem tu podes agora aparecer ali no teu colectivo a dizer uma coisa dessas depois, tens de visitar um país socialista. E acabei por sair do Partido Comunista em 91." Mas essas são as questões centrais.

Depois de sair do Partido Comunista em 91, encontrei algum partido mais coerente nas questões que considero básicas de luta social? Não, nunca encontrei. Razão pela qual continuo a votar, mas nunca votei noutro partido. Não sou militante partidário, mas ainda não encontrei uma alternativa partidária. Ora, este jogo dos "eus" e do "todos", o jogo do objetivo comum, o jogo de saber se eu me sacrifico ou não me sacrifico, tudo isso é uma experiência e é uma relação. E nós influenciámos e somos influenciados, e é isto que torna o processo, e voltando à preocupação da Luísa, isto não é possível de ser feito pelas partes, principalmente desligando da questão central. Porquê?

Vocês são os dois professores. Qual é o grande salto qualitativo do professor? É quando, cada vez que entra competente a dar uma aula e está perante os seus alunos, a grande preocupação dele é: "O que é que eu vou deixar hoje a estes? O que é que eles vão aprender comigo hoje?" E não tenho só esta matéria, tenho isto e aquilo, e eles têm que levar para casa este conhecimento. Porque isso é uma inversão de todo o processo. Se eu não parto da primeira parte, isso leva-me ao outro lado, leva-me a estar interessado neles, leva-me a mobilizá-los, leva-me a que, naquele dia, eles nunca mais se vão esquecer da aula. Pronto, este é o caminho.

Quando eu parto para o outro lado, tenho que despejar esta matéria, tenho que avançar nela, nem eles estão mais presentes. Eles estão a olhar para nós? Não estão.

LAC: Esta questão de estar no presente, de olhar para o objeto de estudo como algo que é vivido, que tem vitalidade própria, que não é estático. Porque esta é uma questão que, a mim, gostaria mesmo que estas entrevistas e este seminário colaborassem nesse sentido: podemos pensar no nosso objeto de estudo como o desporto que só existe enquanto vivido e sentido pelo desportista, pela pessoa.

Jorge Araújo: Aliás, reparem, basta reler as coisas do Manuel Sérgio. Porque não estamos a inventar nada, o homem já disse tudo isso.

LAC: O Jorge acrescenta aqui nos seus estudos, nos seus escritos, uma grande preocupação com a questão da sensibilidade.

E essa questão da sensibilidade é uma questão pouco trabalhada, me parece, no campo do desporto, porque nós sempre o analisamos do ponto de vista pragmático, do ponto de vista do resultado, do ponto de vista da sua produtividade.

Jorge Araújo: Os primeiros escritos do Merleau-Ponty, do que falam é do sensível. Ou seja, quando estou a ouvir alguém, vou ficar muito sensível àquilo que estou a ouvir, se essa pessoa captar, em termos gerais, os meus cinco sentidos, mais em particular: a visão e a audição.

LAC: Mas vamos pegar nisso, porque essa ideia é interessante. O Jorge refere-se aos sentidos como o veículo fundamental no desenvolvimento da sensibilidade e da experiência de vida.

Mas têm todos os sentidos a mesma preponderância ou há aqui uma hierarquia de sentidos?

Jorge Araújo: Não, não há hierarquia, há uma complementariedade. Eu não posso desvalorizar um sentido que me emociona tanto, que é o gustativo. Não posso desvalorizar esse sentido, que

em certas circunstâncias sociais me proporciona momentos à parte entre o que como e o que bebo. A relação daquele momento, quer seja num casal, quer seja num grupo, torna-se completamente diferente, ou seja, aquilo acelera a minha sensibilidade. Portanto, eles são complementares, fazem parte da imagem da liderança e da gestão da bicicleta, mas são complementares em absoluto. Ou seja, imaginem o que é que o especialista, o Harvey Thomas, quando me diz: "Comunicar é 55% expressão corporal, 38% tom de voz e 7% conteúdo. Vem o pânico: 7% conteúdo? Então, o conteúdo não! O conteúdo é muito importante, mas o melhor conteúdo do mundo com uma má expressão corporal e com uma voz baixinha desaparece. Não conta para o totobola! E a malta atende a quê? Atende ao conteúdo. Isto com os professores é mais do que óbvio. Eu passo a vida a dizer:

"Há colegas que persistem em falar tão baixo nas aulas que eu digo assim: "Dentro de 10 minutos, já perdeste 50% da atenção da turma, já se perdeu! Porque eles não te estão a ouvir!"

Eu estou muito sensível. Durante sete anos, eu levei um banho di- sso. A minha abordagem filosófica foi isso. Eu, com 40 anos de treinador, o que eu conhecia do corpo dos atletas era o corpo objetivo.

Aquilo que a filosofia me trouxe foi: "O corpo objetivo é o corpo objetivo, mas tu vives com o corpo vivido. Não vives com o corpo objetivo." E é com o corpo vivido que tu consegues fazer coisas que, de outra forma, não consegues. Não há corpo objetivo nenhum que te ponha a dar um pontapé numa bola a 2,60 metros se não tiveres um corpo vivido, que já te cria o hábito de fazer essas reviravoltas, esse salto. O corpo já o faz sem pensar. Os atletas, quando a gente os interroga, o que é que dizem? Não conseguem explicar em pormenor, foi o corpo vivido, os hábitos que eles têm, as coisas que já tinham adquirido. E esta é que é a parte muito interessante desse processo: o vivido, a importância do vivido, do experiencial.

LAC: Nós agora gostaríamos que nos falasse um bocadinho sobre a sua experiência também num mundo mais corporativo e empresarial. E também perguntar-lhe o que é que esse mundo pode aprender com o mundo do desporto. Fale-nos também da sua empresa, que fundou e da qual é o CEO, partilhar conosco de que forma é que este empreendimento profissional veio colaborar para o seu sentido e percurso de vida.

Jorge Araújo: Este empreendimento profissional, que em boa hora tomei a decisão de avançar, veio resolver um problema que, de outra forma, do ponto de vista profissional, teria sido dramático para mim. Ou seja, eu, com 60 anos, o que é muitíssimo cedo para a vida de um treinador, que pode ir até aos ... mais de 10 anos, pelo menos no seu exercício, eu, com 61 considere que já não estava a fazer nada no treino desportivo, visto que todo o enquadramento do desporto profissional no qual eu trabalhava estava inquinado para um conjunto de coisas que, naquela época era uma roleta russa, porque havia factores que eu não conseguia controlar, como fator meio ambiente.

O meio ambiente entendido como os agentes de jogadores à volta de jogadores, os *sponsors* que pagam tudo e mandam em tudo, eles querem tomar as decisões. Eu, dois anos antes, confrontei-me com o *sponsor* e disse: "Não, quem toma as decisões sou eu." Ele respondeu: "Não, quem toma as decisões sou eu, que te pago." Está bem, você paga, mas quem toma as decisões da equipa sou eu, porque ele queria decidir as contratações. Depois, o enxame de agentes individuais de jogadores à volta dos profissionais. E, de repente, eu pensei: não estás aqui a fazer nada. A única coisa que estás aqui a fazer é ganhar o teu dinheiro. Do resto, não estás aqui a fazer mais nada.

O que me salvou naquela altura foi que já tinha criado a Teamwork Consultores, cinco anos antes, e eu mudei a agulha. Mas mudei a agulha e pensei: E agora, no mundo das empresas, o que é que eu

vou fazer? O que vais fazer é levar o pensar e intervir. Qual é o mote da minha empresa? Pensar e intervir como um treinador.

O que é que eu ando a dizer às pessoas das empresas? Quando vocês não pensarem e intervirem como um treinador, vocês não têm hipótese nenhuma. O que é que a filosofia vem enriquecer? Muito. Precisamente porque veio trazer este dado, que eu antes já andava à volta dele: quem joga são os jogadores, e não os treinadores. Já andava à volta disso.

O meu irmão José Miguez, durante 3 anos, o que é que ele me fez? O que é que ele dizia? "Este teu umbigo dá-me um trabalho do arco da velha, tens um umbigo do tamanho do mundo." Porque eu estava convencido que era o mágico feiticeiro daquela coisa. Ele foi a primeira pessoa, durante 3 anos, que me convenceu que aquilo não era propriamente assim, não tinha varinhas mágicas.

Quando comecei a discutir com ele, o meu irmão foi a primeira pessoa que me disse isto como treinador, Constantino. E esta é uma lição de vida do arco da velha, meu irmão disse-me assim: Estive a estudar a evolução dos teus resultados ao longo de todas as épocas até agora e tu és claramente um treinador de resultados muito mais positivos nos primeiros 6 meses da época do que nos segundos 6 meses da época." Ou seja, tu tens quebras claras, não em todas as épocas, como é evidente, mas tens quebras claras em algumas equipas a partir do meio da época para a frente. O que é que estava em causa? A mudança do meu estilo emocional e de liderança, de relação com os jogadores, ou seja, nos primeiros 6 meses da época, funciona muito bem, é assim, porque tem de ser assim. E aí de quem se nega.

Mas depois, eu tenho que ir atenuando isso, tenho que me tornar mais relacional, tenho que ir ensinando, e eu ensinava. O problema é que eu não frequentava um almoço ou um jantar dos jogadores, eu afastava-me totalmente do plano relacional com os jogadores. Eu só trabalhava com os jogadores.

E ele disse-me: " Não". Eu concentro-me como a grande maioria dos treinadores faz: tem 5, tem 6, podem ter 10 adjuntos. Mas os 10 adjuntos, como eu costumo dizer, são 10 guarda-costas de treinador que não fazem nada de significativo nas equipas. Ultimamente, em alguns casos já fazem, mas o adjunto é um guarda-costas. É um gajo que anda ali a acompanhar, tem umas tarefas, mete uns pinos, mete umas porcarias, mas não conta para o totobola. Eu vinha de uma realidade nos Estados Unidos, onde até tinha visto exemplos contrários. Eles não tomam uma decisão sem ouvir os adjuntos todos. Mas em simultâneo, é uma realidade onde é possível contratar, como treinador adjunto, um treinador principal. O treinador principal aceita e a malta toda compreende, em Portugal, não. A partir do momento em que é treinador principal, já não pode ser adjunto, o que é um disparate. É como que "em equipa que ganha e não se mexe", é a mesma coisa, um disparate. Mas está bem, o pessoal gosta, agarra-se aos disparates e continua nesse contexto.

Portanto, a grande transformação ocorrida com o meu irmão foi: "Não, tu tens que... o teu estilo de liderança não pode manter-se o mesmo ao longo do ano. Tu tens que ir variando. Tu sentes-te como um peixinho na água dentro de um determinado estilo, mas a partir de uma certa altura, tu tens que melhorar essa tua capacidade relacional. Tens que melhorar essa tua capacidade de delegar."

E delegava zero. Zero! Era tudo eu que tinha que fazer, porque só eu é que fazia bem. Agora, voltando às empresas, isto é o mundo das empresas no seu melhor, que é: Agora já cá estou, agora só eu é que mando, agora só eu é que vejo, e pronto, já foram.

O CEO tem uma linha, uma primeira linha de diretores que, apesar de tudo, está bastante convencida das suas coisas. Mas dali para baixo, as restantes pessoas nada sabem. Portanto, eles têm uma noção muito clara do que é preciso ser feito, mas depois ninguém treina, nem ninguém ensina, nem ninguém prepara os que estão cá para baixo.

LAC: Que conselho daria a um professor, a um treinador, a um desportista, a um ser humano que, como todos nós, procura permanentemente este equilíbrio entre, por um lado, viver pacificado com o que não controla e, por outro lado, procurar níveis de controle que lhe permitam intervir e transformar a realidade de acordo com o que são os seus ideais e seus propósitos? Eu acho que da nossa conversa o que me sobressaiu foi esta tensão entre o que controlamos e o que não controlamos.

Jorge Araújo: Eu acho que vamos conseguindo dar paz a alguns, não todos, mas vamos conseguindo dar paz na resolução daquilo que o Constantino há pouco disse sobre o autoconhecimento, do próprio autocontrole. Mas ainda não conseguimos dar os passos necessários do segundo momento, que é o momento da empatia, que é o momento da preocupação com o outro. É o momento de eu valorizar o outro. Um exemplo tão simples e tão comum como isto: tive que fazer exercícios sobre exercícios. Eu não ouvia, eu só gostava de falar. Eu não ouvia! Treinaram-me a ouvir, treinaram-me a ficar calado, treinaram-me a perceber que é essa capacidade do outro ser importante. Por exemplo, quando me disseram que dar feedback era bom, eu era: *feedback, feedback, feedback*. Até que houve alguém que me disse: "Mas antes de começar a dar *feedback*, faz perguntas, porque as pessoas têm de ter consciência do que é que fizeram mal." Chegas e dizes: "Fizeste isto mal." Isto não resolve problema nenhum!

A pessoa tem de internalizar e tem de perceber: "Tu viste a reação do outro? Tu viste o que é que aconteceu? Tu viste o efeito que provocaste?" E a pessoa diz: "Não, de facto não vi." "É que tu provocaste este efeito assim e assim. Tens consciência do que é que provocaste?"

A primeira resposta à sua pergunta é esta: Eu ganhar esta capacidade de estar com o outro e de me preocupar com o outro, e de convencer o outro que este é o caminho. O terceiro passo é a

relação do "eu" com o "todo", e o todo maior que a soma das partes. São três passos: no terceiro passo vem a questão do sacrifício.

CPM: E da sensibilidade, como um cuidado também?

Jorge Araújo: Primeiro, a empatia. A grande palavra do primeiro passo, que é sair de mim e estar com os outros. E depois a parte final, que é o todo. Qual é a minha mais-valia no todo e como é que eu a trato? Assim eu aprendi com os jogadores e com o meu irmão, José Miguez, a valorizar isto.

Um dia, eu queria mandar embora um jogador e ele disse-me: "Já falaste com os teus capitães de equipa sobre isto?" Não. Então, antes de tomar decisões, fala com os capitães de equipa. E claro, o que é que os capitães de equipa me disseram? "O pessoal, você é que manda. Você é o treinador, você é que manda. Se quer mandar o gajo embora, manda. Agora, você fica com esta ideia: se esse gajo for embora, a gente este ano não é campeão."

A bola veio para mim e dizia-me o meu *coach*: "Agora, se queres ser campeão, tens que encontrar uma maneira, uma maneira de te relacionares com este gajo que tu queres mandar embora." E foi isso que me levou a negociar para conseguir estabelecer ali duas ou três coisas em que ele ficou e, a quatro segundos do fim, é ele que decide o jogo da final e fomos campeões. Porque ele estava lá. Se ele não estivesse, não teríamos sido campeões. Foram todas essas coisas que me levaram à filosofia. Foi isto tudo.

LAC: Enquanto membro fundador da Associação de Filosofia do Desporto de Língua Portuguesa, pode dizer-nos quais razões que levaram a sentir que fazia falta uma associação desta natureza no programa desportivo nacional e internacional?

Jorge Araújo: Eu tenho que ser honesto, eu pessoalmente não tinha sentido que fazia falta. Mas, no momento em que surgiu a possibilidade de sua criação, percebi que fazia sentido a existência de uma associação de filosofia do desporto.

Na fase seguinte, tive preocupações sérias, porque comecei a perceber que, mais do que uma associação, como é que eu vos posso explicar isso? Eu falo disto na abertura da minha intervenção: vocês têm duas coisas. Têm os especialistas da filosofia que encontram algo no desporto que lhes interessa, e têm os especialistas do desporto que descobrem na filosofia uma solução que não é uma solução, mas um caminho, e é neste ponto de equilíbrio que está o segredo da associação, na minha opinião.

Aqui ou ali, há pequenos sinais. Notei uma prevalência grande do comportamento filosófico, do pensar filosófico, em que o desporto é uma coisa que, acho que vocês têm de cuidar muito a sério.

Eu ajudarei no que puder, mas não deixar que esse resvalar aconteça, que é uma tentação muito grande, na minha opinião, até porque não vai ser nada fácil conquistar pessoas do desporto com uma presença significativa para aderirem à ideia da associação.

LAC: Estamos aqui para fazer esse trabalho. Jorge, muito obrigado por esta conversa. Esperamos que todos tenham gostado deste segundo episódio do podcast *Desporto Vivido, Desporto Pensado*. Mantemos sempre o convite a acompanharem, a ouvirem e a pensar o desporto conosco. Até ao próximo episódio!

Jorge Araújo:

Muito obrigado eu, foi um momento muito interessante.



DIÁLOGO 03

SORAIA CHUNG SAURA

Soraia Chung Saura

Luísa Ávila da Costa: Olá a todos, reunimo-nos hoje para a quarta entrevista do nosso podcast *Desporto Vivido, Desporto Pensado*, uma iniciativa do Seminário Permanente de Filosofia do Desporto organizada por mim, Luísa Ávila da Costa, em conjunto com Constantino Pereira Martins. Este podcast tem como objetivo reunir elementos de construção de pontes entre um lado mais prático e vivido do desporto e o seu lado mais teórico relacionado com a pesquisa e a reflexão. Um lugar de celebração de pessoas e vidas únicas, entre o saber e o saber fazer. Temos hoje conosco, Soraia Chung Saura, professora no Departamento de Pedagogia do Movimento do Corpo Humano da Escola de Educação Física e Esportes da Universidade de São Paulo, onde tem desenvolvido um trabalho muito relevante no campo do corpo e suas interseções com produções culturais, artísticas, de lazer, jogos tradicionais e desporto, com ênfase na filosofia do desporto e nos estudos do imaginário. Entre os temas pesquisados estão os jogos, os desportos, manifestações tradicionais e o brincar. Antes de integrar o

quadro de docentes da USP, a Universidade de São Paulo, atuou como educadora e coordenadora em diversos programas de comunidades tradicionais. Obrigada, Soraia, por nos receber e ter aceitado a fazer esta entrevista. É uma honra e um enorme gosto, estar consigo e termos esta conversa.

Soraia Chung Saura: Bom, queria agradecer, dizer que a honra é minha de estar aqui com vocês, Luísa, Constantino, um prazer enorme, acho que formamos também um vínculo muito grande, de muitos anos, em prol da filosofia do esporte, então me sinto muito pertencente, acho que a gente vai falar um pouco disso também, um pouco do que a gente sente, um pouco do que a gente acredita, um pouco do que a gente gosta, acho que também queria endereçar meus agradecimentos, mas também à Universidade de São Paulo, porque venho aqui não sozinha, não em meu nome, a Soraia, a professora Soraia, a pesquisadora Soraia, mas também em nome de um coletivo, que é a Filosofia do Esporte no Brasil, que é o grupo de estudos que temos na Universidade de São Paulo, em conjunto com a professora Ana Zimmermann, com os estudantes, com os pesquisadores, enfim, então queria endereçar isso também. No Brasil a gente diz, eu não ando só, o que revela essa força comunitária e de pertencimento.

LAC: Pode nos lembrar o nome do vosso grupo de estudos?

Soraia Chung Saura: Chama-se Grupo de Estudos Pula, e tem estudantes de mestrado e doutorado, tanto da Escola de Educação Física e Esporte, quanto da Faculdade de Educação. E também nesse sentido, eu acho que a Filosofia do Esporte é essa grande comunidade que a gente pertence, que a gente faz parte, que a gente integra, e que há muitos anos compartilhamos os saberes dessa comunidade, então é uma alegria, muito obrigada.

LAC: Obrigada, Soraia. Sim, falamos do que gostamos, do que nos apaixonamos, e nesse sentido eu faço-lhe a primeira pergunta, que é, o que leva uma estudiosa e pesquisadora no campo da Filosofia e da Educação a sentir-se atraída pelo campo dos jogos

e do desporto? O que há no jogo e no desporto que a conduz a questionamentos filosóficos?

Soraia Chung Saura: A área da Filosofia, que é a minha área de origem, ela é uma área de análise crítica dos fenômenos, do que nos atravessa, é uma área que vai pensar ontologias, epistemologias, teologias, enfim, o que cerca a nossa humanidade, o que importa a nossa humanidade.

O Constantino trabalhou no Departamento de Filosofia da USP, então está bem familiarizado com aquele ambiente. Lá eles dizem, Luísa, que a Filosofia está, inclusive, um degrau acima da Ciência, porque ela também está pensando a própria ciência em si. Então, a Filosofia é uma área de grandeza, com muitos desafios, agora, uma área muito teórica, de análise crítica, com muitas correntes, e o esporte, ou o desporto, como vocês dizem aqui, ele congrega essas áreas. Ele vai manifestar, então, pela força da sua expressão, como uma linguagem, todos esses desafios, qual seja o que é a beleza, o que é a justiça, o que é o amor, o que é a paixão, temas de grandeza da humanidade, da filosofia. Então, o esporte se revela um campo muito profícuo para a filosofia, assim penso eu.

LAC: O desporto é, muitas vezes, visto como um assunto não sério da sociedade, mas a Soraia está aqui a revelar uma atenção para a sua seriedade, se diz da vida, se diz do amor, se diz destas dimensões do humano, centrais, há um nível de seriedade que leva a que uma filósofa lhe dê atenção. Concorda com isto, é um assunto sério, o desporto?

Soraia Chung Saura: É um assunto muito sério. Ele é uma expressão também do que acontece na nossa sociedade em determinados momentos históricos, ele é sempre contextual, é uma paixão global, todo mundo está olhando para o desporto, todo mundo está praticando o desporto, está vivendo o desporto, dizem que é uma fuga, mas, na verdade, ele conversa, ele dialoga diretamente com os anseios de todos nós, senão não seria tão popular, um fenômeno

tão globalizado, um fato social total. E é importante a gente pensar filosoficamente. O desporto não aceitar categorias como evidentes e explorar essas categorias, explorar esses valores, ter uma análise crítica em relação às ideias e os fatos que o desporto expressa, a fim de pensar e imaginar também outros desportos possíveis, quais os desportos queremos, mantém-se assim, modifica-se, a gente tem atuação também sobre o que é o esporte, inspiração na vida de muitas pessoas, uma mistura de tradição do que vinha antes com inovação, que vem trazendo a juventude, que vem trazendo as crianças.

LAC: O professor Manuel Sérgio referia-se a esta questão, não sei se te lembras, no primeiro podcast, sobre o ver para além da aparência, que a filosofia do desporto é uma forma de nós olharmos para a vida para além do imediato e da aparência. E eu penso que a Soraia também está a verbalizá-lo muito bem dessa forma.

Neste estudo do desporto, às vezes, há uma presença muito grande da consideração, da equação da questão do jogo, de uma forma mais, digamos, ancestral, ou mais primitiva, mais primária, mais radical, no sentido de ser a raiz do desporto. E porque já desenvolveu estudos significativos no campo do jogo, gostava de lhe perguntar quando equaciona a ideia do jogo, e este conceito é muito trabalhado no pensamento europeu com a herança do Huizinga e do Caillois, mas também no pensamento em língua inglesa por Bernard Suits, que é um dos autores de referência nesta questão do jogo, e gostava de lhe perguntar, a partir da sua experiência com comunidades internacionais, quais são para si as ideias-chave que nos deixaria e, no fundo, qual o significado e a presença e a relação do jogo com o desporto?

Soraia Chung Saura: Vocês estão com perguntas bem complexas, e acho que essa complexidade também a gente encontra no desporto. Acho que tanto Huizinga, Caillois como Suits, têm uma contribuição fundamental para a gente pensar esse fenómeno que é o jogo em si. Se é um produto da nossa cultura, se é

um produto da nossa corporeidade, se é um atravessamento intercorporal subjetivo, intersubjetivo de todos nós, são perguntas, reflexões e definições que vão se somando na história, não como uma evolução, mas abrindo novas possibilidades de indagação e novas perguntas. É difícil definir tanto o jogo, o brincar, o desporto, qualquer definição *a priori*, qualquer conceituação *a posteriori*, podem reduzir o alcance desse fenômeno.

LAC: É por isso que vai em busca dos jogos tradicionais? Ou seja, é em busca da penetração dessa dificuldade que vai à origem?

Soraia Chung Saura: Sim. Eu penso que tanto os jogos tradicionais como o brincar das crianças pequenas, estão manifestando algo da nossa corporeidade, não vou dizer pré-reflexiva, mas algo que é muito potente da nossa humanidade e que se manifesta em jogo. Então, acho que as pesquisas vão muito nessa direção.

O Suits contribui muito com o debate, trazendo a noção da vida boa, pensando o jogo como a expressão dessa vida boa. Também é um assunto que muito nos interessa, o lazer, o que seria essa vida boa, enfim, então ele vai trazendo elementos do jogo e aí como ele é de fato a expressão da vida boa. Já as comunidades tradicionais brasileiras, notadamente as nossas nações indígenas, elas têm a expressão do *bem viver*, não só as brasileiras, brasileiras e latino-americanas.

É um conceito parecido com o de vida boa. Porém, Suits traz a noção do bem estar embutido na noção de vida boa, por isso essa vida boa é utópica, quer dizer, todas as necessidades, todos os direitos humanos fundamentais básicos estão garantidos, estando tudo isso garantido, você pode ter uma vida boa jogando seus jogos. O bem viver, ele vai dizer de uma vida que se vive em sustentabilidade e que se manifesta por meio dos jogos e do fortalecimento comunitário.

LAC: Este aspecto que a mim é muito caro é a questão da experiência pré-reflexiva, numa era de hiper-racionalidade, que

até delimita muito bem as fronteiras daquilo que é o desporto, em premissas eu diria hiper-rationais, bastante ocidentais e também formais. Nós conhecemos as principais definições de desporto na cultura anglo-saxônica que o limitam como uma atividade competitiva, formalizada, institucionalizada, etc. No fundo, o que eu quero perguntar é qual a importância de ir recuperar ou ir buscar esta dimensão pré-reflexiva para a compreensão daquilo que é o desporto? É por isso que vai aos jogos tradicionais?

Soraia Chung Saura: Acho que talvez não seja em busca de algo pré-reflexivo, isso acho que é uma discussão mais ampla, a gente está num novo momento paradigmático, científico, a filosofia tem nos mostrado isso, onde há um esgotamento de um tipo de pensamento que foi calcado na razão, na racionalidade, na razão instrumental. Enfim, quais outros recursos a gente tem para se pensar as relações humanas? O corpo e a percepção, digamos assim, as emoções, a atividade imaginativa foram muito esquecidas por essas correntes filosóficas. E o que os jogos tradicionais, os jogos indígenas ou o brincar das crianças estão nos mostrando é a centralidade dessa percepção na relação do ser com o mundo. Então, acho que é um deslocamento que não é, não são das nossas pesquisas, mas é um deslocamento científico também, como um todo, da ciência como um todo, um movimento. Bom, ok, fomos, penso, logo existo, o ódio, a racionalidade, há um esgotamento desse modelo, como há um esgotamento planetário, quer dizer, a gente está sendo forçado a pensar a partir de outras bases epistemológicas. Não apenas essa. A gente não previu, o capitalismo, por exemplo, no seu surgimento, não previu o esgotamento dos recursos do planeta. Bom, agora a gente sabe que isso é uma realidade, há uma limitação de recursos planetários. Onde nós vamos olhar? Quem são as fontes primeiras? As fontes de imagem primeira? Ou as fontes de uma cosmologia, ou de uma epistemologia, que não está buscando explorar o planeta, mas manter um sistema.

Então, é uma filosofia muito latino-americana, Luísa e Constantino, que também, ela nunca está dissociada de um viés um pouco político. Então, a gente também está pensando em como é que a gente alarga os nossos horizontes epistemológicos, digamos assim, e onde a gente busca novas referências, que não são novas, são muito antigas. É o próprio movimento da ciência e a ciência não é evolutiva. A gente pensou que ela fosse, acreditamos nisso durante muito tempo, vamos construir uma ciência e a humanidade vai caminhando para se tornar melhor, mais boa, mais justa, mais bela. A gente já sabe que não é assim, que isso não vai acontecer, que também isso tem limites.

Então, a gente faz movimentos de retorno, digamos assim.

Fundamentalmente, porque as nossas questões, de fundo filosóficas, permanecem as mesmas, sem resposta. Quem somos? Para onde vamos? O que é a verdade? O que é a justiça? Qual é a nossa função nesse mundo? E as emoções do esporte, as emoções do desporto, nos dizem muito sobre tudo isso. Os jogos tradicionais estão sendo praticados aqui e agora por essas populações, por essas nações indígenas, hoje, na contemporaneidade. Eles fazem parte desse sistema de manutenção do planeta. É um sistema ecológico, é um sistema de percepção muito apurado, de integração com o meio, de conhecimento, de respeito. É uma cosmologia que a gente tem que conhecer.

É um modo de ser e de estar no mundo que é diferente do que a gente vem preconizando como ideia de ordem, como ideia de progresso, como ideia de avanço tecnológico.

LAC: Ainda bem que se refere à questão epistemológica, porque uma das discussões, um dos problemas sem solução para a filosofia do desporto até agora tem sido a questão da definição do objeto de estudo, o desporto. E o que acontece é que hoje, nas diversas escolas de pensamento pelo mundo, o desporto é verbalizado através de uma multiplicidade de conceitos como o desporto, mas também a educação física, a motricidade humana, a cinesiologia, o movimento humano, a atividade física, o exercício físico.

Aliás, isto até ficou muito expresso na última IAPS, fizeram-nos na Assembleia Geral, mostraram-nos, não sei se foi na Assembleia Geral ou na última *newsletter*, a proveniência acadêmica dos diferentes membros da Associação de Filosofia do Desporto Internacional. E fizeram-na por países e por áreas e aparecia a área da filosofia como a área maior, com mais gente, portanto, mais gente provém da filosofia.

O que acontece é que havia um número de pessoas que vinham do desporto, das faculdades de desporto, mais um número de pessoas que vinham das faculdades de educação física, mais um número de pessoas que vinham das faculdades de movimento e motricidade humana. Essas pessoas todas somadas, provavelmente até seriam mais do que as pessoas provenientes da filosofia.

O que eu quero perguntar aqui é, no meio de toda esta diversidade de nomenclaturas, para nos referirmos ao nosso objeto de estudo, que eu aqui, por uma questão de simplificação, vou-me referindo a ele como desporto, o que em si também já revela um posicionamento, mas não é esse o propósito. O propósito é simplificar, mas no fundo é, pensando a partir de uma perspectiva filosófica, como é que a Soraia, com a sua experiência de vida, com os seus estudos, também com o contacto com estas comunidades mais remotas, como é que a Soraia definiria o nosso objeto de estudo? Eu sei que é uma pergunta indecente, mas como é que a Soraya definiria o nosso objeto de estudo, o desporto?

Soraia Chung Saura: Acho que as nossas pesquisas, cada grupo vai definindo o que seria o desporto para si, e isso é muito maravilhoso, porque o papel da filosofia, na verdade, não é nem estabilizar os conceitos, a gente precisa nomeá-los, precisa enquadrá-los, precisa dizer do que a gente está falando, o que é o esporte, de onde a gente está partindo, mas, enquanto área, a gente não busca estabilizar, mas busca ampliar, quais novas perguntas para essa complexidade toda que você está trazendo.

Eu também gostaria de saber, o que vocês pensam, o que seria uma única definição para algo que é tão complexo, porque a gente não tem. Algumas etnias indígenas vão definindo o desporto como gasto energético, atividades que envolvam gasto energético, mas não só, elas fortalecem o pertencimento comunitário. Olha que interessante. Então, por meio da prática esportiva, seja ela jogos, trabalhos coletivos de mutirão, danças e rituais, tudo isso dentro desse escopo de gasto energético, mas, ao mesmo tempo, de fortalecimento da comunidade. Então, eles vão dizer, uma comunidade saudável pratica esportes. Mas o que é que você entende por esportes? Eles enumeram todas essas práticas: o trabalho, as danças, as festas, e também os jogos e as competições. É muita coisa dentro desse escopo.

E você sabe que associações de jogos tradicionais, por exemplo, do México e da Colômbia, também definem jogos dessa maneira ampliada. Então, suas festas e seus rituais também são colocados dentro dessa nomenclatura de jogo. É um pouco ideal, certo? Tem muitas diferenças para a gente que é ocidental e que separa muito as coisas. Mas eles estão dizendo: “Uma comunidade, quando ela não está se movimentando, ela está doente.

Uma criança, quando ela não está brincando, ela está doente.” Então, a comunidade é a mesma coisa, uma comunidade saudável está em movimento coletivo. E essa é a ideia um pouco do bem viver e que está sendo praticado hoje.

Eles jogam todos os dias, eles fazem festa todos os meses, eles trabalham um pouco comunitariamente na roça, todos os dias. A ideia de treinamento corporal é bem diferente da nossa ideia de treinamento corporal. A ideia de gasto energético também, só para fortalecer o corpo, por exemplo, eles ficam muito horrorizados que a gente tenha criado uma máquina para correr em cima dela sem sair do lugar, ou que a gente corra de um lado ou outro indo para lugar nenhum, ou que você ande em uma bicicleta onde você perdeu o principal, que é o exercício perceptivo de sentir o vento no

rosto, de lidar com todo aquele ambiente, com todas aquelas encostas, com as montanhas, com as pedras. Qual é o sentido de você estar em cima de um equipamento e perder tudo isso? Ou a ideia da canoagem também, do remo.

Eles sempre dão esse exemplo.

LAC: Não privar os animais domésticos do ambiente natural, ou seja, uma pessoa não pode ter um animal doméstico fechado em casa mais do que x tempo. Na nossa sociedade contemporânea, nós não obedecemos a essas regras em relação a nós próprios, ou seja, nós obedecemos a essas regras em relação aos animais domésticos ao que está fora de nós, mas somos capazes de passar 8, 10 horas sentados no mesmo sítio seguido a trabalhar sem ver luz natural ou sem ter contato com o mundo natural.

Soraia Chung Saura: E depois, nós temos um monte de questões de saúde mental, um pouco do que está sendo preconizado para a infância: a importância do contato das crianças com ambientes naturais, por exemplo. No Brasil, tem campanhas fortíssimas.

LAC: Nós temos desportos mais ligados a esse contato com o mundo natural e desportos menos ligados a esse contato com o mundo natural. Esta dimensão de ligação com o meio envolvente, uma dimensão crítica ou chave para o desejável, para aquilo que é uma prática desportiva que contribua para uma vida boa. Até que ponto é que esta dimensão é crítica, central ou nuclear? Esta dimensão de ligação com o mundo natural que nos envolve? Uma vez que nós sabemos que existem desportos mais ligados ao mundo natural e desportos mais isolados do mundo natural. São uns mais desporto que outros? Até que ponto é que esta dimensão é crítica? E agora até pensarmos nos jogos virtuais, ainda mais, nos *e-sports* e nos jogos virtuais, quais são os riscos deste afastamento do desporto, do mundo natural? E que consequências isso pode ter para a evolução do próprio desporto e da experiência desportiva?

Soraia Chung Saura: O que as comunidades tradicionais nos ensinam é a centralidade da relação com o meio, a centralidade da relação com os equipamentos. As crianças também nos ensinam isso. Qualquer criança é muito fascinada pelos equipamentos produzidos pela humanidade. Os meninos gostam muito de carros, barcos, aviões, que são equipamentos que aumentam a projeção do nosso movimento, aumentam a velocidade, aumentam o alcance. Qualquer patinete vai me deixar mais rápido e oferece desafios.

LAC: São ferramentas tecnológicas, em bom rigor.

Soraia Chung Saura: São ferramentas de ampliação de algumas estruturas corporais. Então, se você der para uma criança pequena um martelo de plástico, ele não vai fazer efeito, tanto quanto um martelo de verdade, que aí sim é uma ferramenta muito potente, que aumenta a sua força de verdade e ela consegue inferir essa força no mundo e potencializar essa força no mundo. Então, isso em relação aos equipamentos.

Nós vamos estabelecendo essas relações com as coisas no mundo. O ambiente natural é um ambiente convidativo, mas ele não é convidativo só para as crianças ou só para o homem tradicional, ele é convidativo para todos nós. O ambiente convida. Então, você vai dar um passeio ali em Matosinhos, o mar convida ao surfe, a pista que é lisinha, lisinha, lisinha, convida a atividades com rodas e deslizes, como patins e patinetes. A montanha convida.

Agora, a gente tem também uma relação devaneante com algumas grandezas, percebemos isso nos esportes de natureza, como a escalada, investigada pelo pesquisador Eric Ito, ou o velejar com a Maria Hackerott. Elementos de grandeza para a humanidade, como a montanha, o mar, o rio ou mesmo uma árvore, eles convidam a essa poética corporal, digamos assim, a essa emocionalidade e sensibilidade corporal que são muito importantes e não podem ser eliminadas.

Essa relação sagrada com as montanhas, todas as comunidades que vivem ao pé da montanha têm, e os escaladores também. Então, é você ter acesso a uma linguagem de corpo, uma linguagem de potência, em um lugar que não é racional, é um lugar do sentir.

Então, quando você veleja, a Maria mostra bem isso na pesquisa dela, o quanto as mulheres se sentem fortes, empoderadas e livres quando estão velejando. É diferente de eu dar uma aula e apresentar o conceito de liberdade. Falar: "Luísa, você é uma mulher livre."

Está tudo bem, eu sou uma mulher livre. Mas, você sentir que você é uma pessoa livre, são algumas das características desses elementos. Por exemplo, o ar, o vento, os espaços abertos, os equipamentos de velocidade. Qualquer descrição de um praticante de skate, de bicicleta, é de liberdade, é a sensação de liberdade.

LAC: Em Merleau-Ponty, acho que usava a expressão *embodied freedom*, que é essa experiência corporal de liberdade.

Soraia Chung Saura: No Brasil, por exemplo, essa filosofia vai dialogando também com elementos contextuais, por isso nós dizemos sempre que ela é política. No Brasil, as mulheres foram proibidas de praticar atividades físicas de alto contato, como, por exemplo, o futebol, mas não só, as lutas, por mais de 40 anos.

O que é você não ter acesso, porque com argumentos médicos ilegais da época, dos anos 40, esse corpo tinha que ser protegido, um corpo que é belo, que é delicado, que é maternal, todo esse discurso da época. Mas, na verdade, é desempoderar um pouco também esse corpo. É controlar esse corpo e não deixar que ele acesse a essas sensações, que são muito empoderadoras também, e qualquer um de nós sabe disso, da necessidade que temos, da importância, enquanto humanos, pois independente de sermos homens ou mulheres. É viver na pele. Tudo isso é a materialidade que o desporto dá à filosofia.

LAC: Voltando um bocadinho à questão epistemológica, falamos da diversidade, ou da multiplicidade de conceitos ou termos que se referem ao desporto em geral, mas aqui a questão da língua também tem o seu papel e até exponencia essa multiplicidade. Na língua inglesa, a palavra *play* pode referir-se a pelo menos três experiências diferentes. A de brincar, a de jogar, portanto, jogar um jogo, e a de tocar um instrumento musical. Nós sabemos que tem dedicado uma parte importante das suas pesquisas ao brincar. O que há no brincar que lhe mereceu especial atenção e porquê?

Soraia Chung Saura: Acho que, antes de falar do brincar, talvez a gente fale da questão da língua portuguesa, porque é o que nos une aqui hoje. É uma associação de filosofia em torno da língua portuguesa, uma língua única, uma língua muito especial, com muitos subjetivos, adjetivos e contextos históricos. Tem uma autora que gosto muito, a africana Grada Kilomba, que faz uma missão especial à língua portuguesa e aos países de língua portuguesa. Somos dez países falantes de língua portuguesa, então uma associação de filosofia em torno da língua portuguesa é também democratizar esse tipo de pensamento, esse tipo de acesso e beber também da fonte desses países falantes da língua portuguesa. O que esses países africanos têm a nos ensinar sobre uma filosofia própria, específica, tradicional, ancestral, contemporânea, até os dias de hoje? Enfim, estou destacando a importância dessa nossa associação.

LAC: Esse sonho o Constantino também tem. Temos todos, não é?

Constantino Pereira Martins: Sim, numa liberdade que, neste momento, ainda não existe, não é? Porque a relação mais próxima entre Portugal e o Brasil é uma relação que ainda continua difícil, continua muito complexada pelo passado imperial, etc. Portanto, todo um trabalho tem de ser feito com base na transparência, no diálogo, e essa abertura é uma construção que está à nossa frente. Porque, repara, a primeira triangulação atlântica

mais óbvia é, claro, entre Portugal e o Brasil, que são os países que têm relações mais profundas, mas imediatamente o que nos vem à cabeça, por exemplo, é a cultura angolana, que é uma cultura que tem uma profunda influência na cultura brasileira, não só através da questão dos escravos, etc., mas em todos os sentidos e em várias áreas. Portanto, Portugal tem um passado colonial muito recente, a nossa democracia é muito jovem, tem 50 anos. A última colônia que Portugal cedeu, que assinala o final do Império Português, foi no final dos anos 90, com a entrega de Macau à China. E, portanto, há todo um processo de, em primeiro lugar, aqui da parte portuguesa, de digestão, desmistificação e quase de desfantasmagorização de todo um passado para construir um futuro aberto, comum e elegante. Não é uma coisa simples.

Portanto, entre Portugal e o Brasil, ou Portugal e Angola, ou Brasil e Angola, quer dizer, todos nós temos os nossos fantasmas, os nossos traumas, os nossos complexos. E, para descomplexar uma relação, tu tens, num certo sentido, de desarmar e abrir. E isso é muito difícil, mas é um processo que tem de se começar e tem de se ir construindo a pouco e pouco. Mas eu gosto muito desta ideia de diálogo da Soraya com os saberes, porque o da filosofia também é um diálogo, no fundo, sempre foi, não é? Mas eu gostava de fazer uma pergunta anterior, antes de mergulhar totalmente.

LAC: E ainda temos que ir ao brincar.

CPM: Sim, eu vou mostrar tudo ao mesmo tempo, é mais fácil para mim. Ou seja, por um lado, tem a ver com a natureza, que é uma das identidades mais fortes, mais profundas do Brasil, porque a natureza é uma força primordial e tem um papel central. E mesmo no Brasil, enquanto uma entidade, enquanto ator global, num país continental que é, até porque não há muitos países continentais no mundo. Há o Brasil, a China, os Estados Unidos, a Rússia e a Índia, talvez pela sua dimensão demográfica. Quer dizer, essa potência total do Brasil também se revela através da natureza.

E a pergunta que eu gostaria de fazer é se a própria marca identitária do Brasil, nessa ligação profunda à natureza, também não potencia muito a imaginação? O Brasil é a maior potência criativa deste planeta, ninguém tem dúvidas. Se alguém tem, é porque sabe pouco do planeta, ou da cultura, ou da história. Mas essa absoluta liderança do Brasil, que consegue, do ponto de vista criativo, ser uma força da natureza ela própria. Portanto, veja, a minha questão é esta: se essa presença da natureza na cultura brasileira, nessa enorme potência, também não é um pouco, digamos, uma força que potencializa essa liberdade do jogo e do brincar, quer dizer, dessa perspectiva brasileira?

Depois, gostaria de, num certo sentido, também questionar essa perspectiva brasileira, por exemplo, dos povos indígenas. Eu sou um português, mas não conheço muitos, ou seja, não conheço profundamente os povos indígenas. Acho que todos nós gostaríamos de saber mais sobre os povos indígenas, porque há diferentes povos indígenas dentro do Brasil, não são todos o mesmo povo indígena. Isso também me leva a outra questão, que tem a ver com a política, e vou tentar terminar rapidamente para também não avolumar muitas questões. Ou seja, todas essas heranças culturais profundas, africanas, indígenas, europeias, no Brasil, com esta identidade absolutamente extraordinária, através da natureza e da força da criatividade que existe no Brasil, que é um país absolutamente ímpar no domínio da criatividade e da inovação, essa força da imaginação, pegando nos estudos da filosofia do imaginário, e aliado ao desporto e à celebração do corpo, como é que o Brasil, hoje, se tivesse que explicar a uma pessoa como eu, como explicaria essa força de diversidade e de multiculturalidade no Brasil? Se é uma potência que é integrada ou se ainda está muito separada? Vou dar um exemplo claro para me calar: esses saberes tradicionais, esses saberes dos povos nativos, esses jogos, esses esportes que praticam, são integrados no sistema educativo brasileiro?

A herança cultural africana é integrada, para além do exemplo óbvio que é a capoeira? Não estou a falar das coisas mais imediatas que qualquer pessoa no mundo conhece. Falamos de capoeira, um esporte conhecido em todo o mundo. Estou a falar mesmo do ponto de vista da organização do Brasil enquanto país, consegue integrar toda esta riqueza, pluralidade, multiculturalidade? Quer dizer, há uma verdadeira integração, há uma potencialização disso, ou ainda dentro da sociedade brasileira há um certo separatismo, não há um verdadeiro diálogo dentro?

Soraia Chung Saura: Sim, são muitos desafios dentro da sociedade brasileira. Acho que a gente conversou um pouco sobre isso mais cedo. São muitos desafios pelo próprio surgimento, de como se dá a história do nosso país, a história do Brasil.

É uma história de muita violência, é uma história de classes, é uma história que inclui a dominação dos povos indígenas, esse pensamento sobre essa população como seres selvagens, seres inferiores, que prevalece em muitas camadas até os dias de hoje, porque é um imaginário social coletivo muito forte, comum, mas que tem se atualizado.

Estamos falando de um país de dimensões continentais muito complexas, mas que é o país mais biodiverso do mundo. O Brasil concentra 20% de todas as espécies de flora e fauna do mundo, e muitas ainda não foram descobertas e são muitas as que ainda precisam ser descobertas. Por conta das dimensões continentais, também se permite o isolamento populacional. Então, essas comunidades tradicionais têm como característica principal um certo isolamento.

Elas não são totalmente isoladas, mas têm uma forte relação com o meio. Que meio? Cada meio.

Cada região tem um meio diferente, assim o Brasil é o país mais biodiverso em sua natureza, e essa natureza promove uma sociodiversidade também. Por exemplo, é um país que tem o maior número de tipos de embarcação no mundo, um para cada tipo de rio e mar,

e tem uma costa marítima imensa. Então, tudo isso influencia no modo como a gente se relaciona com as coisas no mundo, no modo como a gente joga, no modo como a gente brinca, no modo como a gente faz festa. É um país tropical e que não tem as estações como vocês têm aqui, essa demarcação temporal de quatro estações por ano.

Lá, quando muito, temos duas estações, então é um país que faz muitas festas para demarcar essa temporalidade, que é cíclica, muito ligada à natureza, aos solstícios, enfim, toda essa demarcação temporal que também está ligada a uma forma de perceber o tempo.

Como é que a gente desenha o tempo na nossa racionalidade: começo, meio e fim? É uma linha evolutiva, estamos aqui e vamos morrer. O tempo é cíclico, você retorna todo ano para o mesmo ponto, para aquela festa, para aquele jogo, para aquele festival, para aquele congresso. Então, você vai, e como é que você retorna? Melhor, mais sábio, mais velho, enfim, agregando as complexidades da vida.

Então, são sociedades que vão invertendo esse modo operante de pensar de uma filosofia ocidental hegemônica. Por exemplo, o respeito irrestrito aos mais velhos como fonte de conhecimento. São sociedades em que aquelas pessoas sabem mais, elas viveram mais, elas são muito respeitadas e não vão ser encostadas e dispensadas, assim como a infância, que é a fonte do novo, que vem trazendo novas perguntas, que vem desafiando o velho e renovando essas tradições.

CPM: A minha questão é bastante específica, ou seja, se essa cultura indígena, esses jogos, essas formas são integradas ou não, no próprio sistema de ensino brasileiro? Por exemplo, na educação física o treino é basquete, é futebol, é handball, é vôlei. Mas integra também os jogos tradicionais indígenas? Mais no sentido estrutural, os jogos tradicionais indígenas, essas formas de jogo de desporto, integram o sistema educativo brasileiro?

Soraia Chung Saura: Integram. Nós, temos uma lei específica que o ano passado fez 20 anos que é a lei do ensino indígena e do ensino afrodescendente no Brasil, uma obrigatoriedade que obriga as escolas a terem esse ensino, não só no âmbito da educação física, como também no âmbito da história e de todas as áreas que tem uma transversalidade. Mas, acho que principalmente na história, a lei tem 20 anos e ainda é um desafio, encontramos resistências, mas cada vez vai ficando mais forte, também porque, veja não se trata de disputa, mas é claro que todo currículo é uma disputa, certo? Sabemos a área que não vai entrar e qual área é mais relevante, é uma disputa muito importante porque ela forma as gerações. Agora o desafio é também colocar isso para acontecer, o brincar integra os currículos da educação infantil dos ensinos fundamentais, os jogos tradicionais perpassam todo o currículo da educação física, nem todas as formações e nem todas as escolas de pedagogia ou de educação física dão conta desses conteúdos, nem todos os professores são apaixonados, enfim, é um currículo em construção.

LAC: Mas também se deve levar em consideração a questão vocal ou contextual. Os jogos tradicionais não são iguais, sendo o Brasil um país continental. Imagino que os jogos tradicionais não sejam os mesmos no Rio Grande do Sul e no Nordeste. Os jogos tradicionais que são incluídos na escola são diferentes em função da região, ou estão de alguma forma formatados em um plano igual para todos, independentemente do contexto em que se encontra?

Soraia Chung Saura: Eu acho que a grande questão dos jogos tradicionais é que consideramos que são jogos regionais, mas, na verdade, eles atuam numa camada que o Huizinga captou muito bem, que é uma camada um pouco mais profunda.

Por exemplo, no fim de semana passado, me chamaram para jogar um jogo tradicional do sul da França, da região de Marseille, e eu fui muito empolgada para jogar o jogo, aprender um jogo novo, um jogo com bolas, tablado, e você joga as bolas. O nome desse

jogo é pétanque. E aí fui eu e as meninas, aprendendo um jogo muito envolvente, porque joga-se uma primeira bolinha do lado e depois joga-se a bola maior; a bola maior não pode bater nessa bolinha, mas tem que chegar mais perto. Formam-se equipes, é uma beleza o jogo.

Ficamos horas envolvidos, nos divertimos, dando risada, e, em determinado momento, eu pensei: já joguei esse jogo.

Então, no WhatsApp, eu falo com o meu pai: "Veja esse jogo, eu já joguei com você." E mando fotos a ele. Ele diz: "É bocha." Bocha é um jogo do Rio Grande do Sul. Então, os jogos tradicionais têm essa característica: eles são específicos, mas carregam uma certa universalidade. Podemos falar, por exemplo, da canoagem. Ela é mais forte em algumas regiões, mas você vai dizer que a canoa está em todo o mundo, em todo o globo terrestre.

Recentemente, eu fiz a pesquisa com arco e flecha e apresentei no congresso, na IAPS, no ano passado. Também comecei assim, vendo que é algo relevante para os jogos indígenas e está no mundo inteiro. As nossas etnias indígenas estão com arco e flecha hoje; eles não caçam com espingarda, por exemplo, porque dizem ser muito barulhento e não serve para caçar, pois espanta todos os bichos.

Se você der um tiro e errar, acabou sua caçada. Já o arco e flecha não. Mas, enquanto jogo, enquanto alvo, enquanto simbologia, também é muito potente. Estamos falando de um diálogo da humanidade com o meio, mas esse diálogo também tem esse atravessamento intercorporal, que é muito mágico.

Nós fomos para a ONU com esses trabalhos porque parece que os jogos tradicionais, assim como o brincar, são um lugar do encontro, de uma linguagem que todos falamos, um pouco diferente, mas falamos. O jogo da amarelinha, o jogo do peão, o jogo da pipa, enfim, não tem nem região, nem geografia; tem seus formatos diferentes, tem suas regras diferentes, mas estão falando da relação.

Por exemplo, a pipa, como se chama aqui?

CPM: Papagaio.

Soraia Chung Saura: Sim, por exemplo, falam de uma relação com os ventos, com os ares, esse brincar com os elementos da natureza. É isso que a gente começa a ver no brincar e então vai pesquisar porque, percebe-se que o brincar é a principal forma de expressão da criança, toda criança está brincando e se ela não está brincando, ela está doente. Ela se expressa dessa forma, é central e é vital. Vamos olhar e faço isso junto com o projeto Território do Brincar que é de uma amiga documentarista, ela e o marido, David, documentam há anos esse brincar e eu vou trabalhando junto com eles, às vezes mais próximos, às vezes mais afastados, mas sempre pensando juntos, com esses materiais que eles filmam em campo. Ela também é da área da fenomenologia, por isso vamos trabalhando juntas o que seria essa percepção.

Há 20 anos atrás, a gente pensava que o brincar estava muito ligado à cultura, então se uma criança brinca de casinha, ela está inferindo a casa que ela conhece na brincadeira, uma brincadeira social que reproduz o universo conhecido dela. Aí, essa amiga documentarista, refez essa viagem de campo, e eu acompanhei, passando por todas as regiões do Brasil, ficando 3 meses em cada região: numa região indígena; no sul, nos pampas gaúchos; nas praias do nordeste; na própria cidade de São Paulo, que é uma grande megalópole; quer dizer, ambientes muito diferentes, ambientes de natureza e comunitários muito diferentes, e as crianças estão brincando das mesmas coisas em todos esses lugares, são os mesmos jogos, são as mesmas atividades: a brincadeira de casinha acontece em todo lugar, não está reproduzindo a casa da criança mas uma relação talvez um pouco arquetípica, digamos assim, eu não gosto muito dessa palavra arquetipo porque está muito ligado ao consciente ao inconsciente e quando a gente fala de imagem e imaginação a partir de um certo referencial a gente está localizando isso no nosso corpo, uma estrutura que a neurociência tem

avançado muito nessas questões bioculturais, com crianças muito pequenas que não tem acesso a televisão, estão brincando das mesmas coisas e as vezes nos mesmos tempos, tem o tempo da pipa e isso tem acontecido também em outros lugares do mundo não só no Brasil.

Então, isso é muito bonito nos jogos tradicionais, que, na verdade, parecem ser uma fonte de nutrição para a humanidade. Tanto o brincar quanto os jogos tradicionais. Por isso, não gosto da palavra “Pré”, porque não há “Pré”; é algo sempre atualizado, no aqui e agora, em cada nova geração. E isso é uma belezinha.

LAC: Há universalidade nisso?

Soraia Chung Saura: Não se trata da universalidade objetiva, tal qual nomeamos que a universalidade é de todos. Mas ela está acontecendo com mais ou menos recorrência e repercussão em todo lugar. Então, eu sempre digo para os meus alunos: quer dar uma aula que vai dar certo? Use os jogos tradicionais, as brincadeiras tradicionais, porque você está trabalhando com algo muito potente, muito forte. Os alunos me dizem: Está bem, professora, vou pegar um peão, que é algo dos tempos passados? Por fim, é um sucesso total, mesmo que não se saiba jogar, mesmo que o professor não saiba jogar. As crianças se atualizam, inclusive no mercado e na indústria de brinquedos, com os *spinners*, os *Beyblades*. Nos congressos de jogos tradicionais, as indústrias de brinquedos estão sempre presentes porque também estão investigando isso que nos mobiliza, nos apaixona e nos encanta.

LAC: É muito interessante essa ideia de formas renovadas das brincadeiras ancestrais. Estava aqui pensando: meus filhos têm peões e uma coisa que nós chamamos de piasca. Não sei bem se ela realmente existe ou se é assim que se chama.

Soraia Chung Saura: Sim, no Brasil chamamos de piorra, com tampinha e palitinho. É muito interessante. Ou mesmo a escalada, Luísa, o que é escalada?

É uma relação de ascensão, ascensional. Subimos, como acontece em outros esportes, outros desportos, que lidam contra a queda. São estruturas imaginárias presentes nas artes, nos filmes e nas narrativas, mas que se atualizam em nosso corpo. E você pode escalar. As crianças estão nessa relação de subida. Transferimos isso para um ginásio, atualizamos de alguma forma, mas trata-se da mesma estrutura imaginal profunda, intercorporal, filosófica.

CPM: Como é que a Soraya vê o presente da infância? Hoje, as crianças brincam em parques almofadados, muitas vezes estão sempre fechadas em casa, imersas em videogames. Como você enxerga os conhecimentos da cultura indígena, a ancestralidade do jogo e este presente tecnológico hiperprotegido?

Soraia Chung Saura: Acho que essa realidade hiperprotegida é algo presente em algumas crianças e em algumas cidades, mas não abrange toda a infância. Minha amiga do projeto Território do Brincar esteve recentemente na África – em Cabo Verde e Moçambique – e voltou com material em vídeo impressionante. As crianças estão brincando, brincando muito. Elas não têm acesso a celulares, mas os jogos continuam ali, superpotentes e atualizados, mesmo entre os pequenos.

Mas, de fato, essa questão nos faz sentir os efeitos deletérios do confinamento infantil e da exposição excessiva às telas. Tivemos a pandemia, que deslocou a infância para os aparelhos telefônicos. Basta olhar para o corpo da criança para perceber. Eu observo minhas filhas e vejo como ficamos nas telas. No entanto, as crianças continuam brincando. Se Maria tem acesso ao celular, ela ainda brinca e, no celular, de alguma forma, também está brincando. Enfim, essa relação ainda existe. Há 20 anos já se ouvia: “No meu tempo, é que se brincava; hoje, as crianças não brincam mais”. Mas talvez essa seja apenas a nossa percepção do que foi a nossa infância em contraste com a atual. Afinal, antes era com TV, videocassete, aparelho de CD e Walkman, objetos que muitos aqui conhecem, mas que os mais jovens talvez nem compreendam.

LAC: Essa dimensão cultural do esporte e do jogo também se manifesta em intenções sociais específicas de cada sociedade. Você já mencionou a questão da mulher, e sei que as questões étnicas e de gênero ocupam um espaço importante em suas pesquisas. Gostaria de falar um pouco mais sobre isso?

Soraia Chung Saura: São demandas dos novos tempos. As novas gerações vêm trazendo essas questões de forma muito latente, e as gerações mais velhas têm a obrigação de escutar, atualizar-se e refletir. Se a questão de gênero, por exemplo, nunca figurou como muito relevante em nossas pesquisas, as novas gerações começam a questionar: 'Poxa, mas o desporto é diferente para homens e mulheres.' Então, precisamos olhar para essas diferenças, que de fato são relevantes. Por exemplo, o que mencionei anteriormente sobre a pesquisa da Maria: essa sensação de empoderamento, de poder participar.

Recentemente, estive em Nazaré e entrevistei uma grande surfista de ondas gigantes. A coragem dessa mulher é algo impressionante, especialmente em Nazaré. Nunca vi nada parecido, nunca esquecerei essa experiência. Eu participei dela apenas observando, e fico imaginando o que é vivê-la. Ela me disse: "O mar não escolhe gênero, ele exige uma pessoa corajosa. Eu sou uma pessoa corajosa." E de onde vem essa coragem? Ao investigar como ela percebe isso, percebe-se que é sempre impulsionada pela vontade de ir um pouco mais além, algo muito característico do desporto. Ela começa com uma onda, depois busca uma maior, que lhe permite deslizar por mais tempo, estar imersa naquele ambiente, naquele ruído, naquele desafio, naquela loucura. A descrição dela é algo incrível, porque exige tomar decisões muito rápidas, estando presente na onda por mais tempo. É isso que proporciona a experiência das ondas gigantes e também um risco infinitamente maior.

Ela precisa trabalhar em equipe, e ainda assim diz: “O desporto me leva cada vez mais longe.” Quando começou a surfar, escolheu o surfe porque era um esporte que podia praticar sozinha. “Vou sozinha, se quero conversar, converso; se não quero, vou mais longe, estou eu no mar, estou imersa naquele ambiente.”

A gente tem um filósofo, Bachelard, que fala dessa imensidão íntima, de estar imerso num espaço vasto e também do quanto você se volta para dentro de si. A humanidade tem necessidade desses espaços amplos, e a infância nos mostra muito isso.

Mas ela diz, e veja só: esse desejo vai crescendo dentro de mim, de ondas grandes, de ondas maiores, de ondas gigantes. Ela muda a vida dela por causa disso, muda de trabalho, muda de cidade, vai morar no México, perto de uma onda gigante que existe lá. E ela tem que ir se desafiando e se renovando por conta de um desejo. Ela diz: “Agora eu tenho que trabalhar em equipe com cinco pessoas: um no jet ski, outro filmando, outro com a corda, e assim por diante.” E a gente vai se entregando ao desafio esportivo.

Então, a primeira pergunta eu não consigo responder se não contar toda essa história, que é uma história que dá muita materialidade à filosofia. Quando eu vou dar aula de filosofia, por exemplo, me faltam exemplos, mas quando falo de esporte, tenho amplos exemplos para pensar a filosofia.

LAC: Esse exemplo que está dando do surfista das ondas grandes é muito interessante porque expressa muito bem esta ideia, esta imagem de que o ser humano vai transformando o próprio desporto.

Não sei se o surf começou com ondas gigantes, provavelmente não, e, portanto, depois evoluiu para as ondas gigantes e para a sua diversidade de contextos, etc. Mas não é só o ser humano que interfere, modifica e transforma o desporto; o desporto também transforma o desportista. E essa transição entre o desejo por uma experiência individual, solitária, isolada, para uma experiência

que tem que ser coletiva, que não há outra forma de ser, é muito interessante, porque mostra exatamente isso, essa direção, essa polaridade.

CPM: Essa mesma coisa, estávamos a falar um bocado da língua portuguesa porque, como é óbvio, essas relações todas que se formaram dentro do império português em relação à navegação e ao comércio, há uma espécie de matriz de mar, apesar, com todas as outras ressalvas de individualidade e de singularidade de cada país e de cada cultura, etc. Mas nós todos partilhamos, para além da mesma língua, uma ligação profunda em relação ao mar, não é? Estou a falar das principais cidades e é interessante verificar, por exemplo, para mim, que o surf é um elemento de ligação. É mesmo. Agora, há um projeto espetacular. O ano passado, numa conferência sobre surf, uma das conferencistas, a Teresa Abraços, tem um projeto espetacular em São Tomé e Príncipe e também é um projeto de empoderamento social, mesmo das jovens raparigas. Ou seja, é engraçado porque esse amor ao mar acaba por também facilitar uma afinidade. Acho isso incrível, uma proximidade.

Soraia Chung Saura: Eu acho que Portugal tem uma forte relação com o mar e o mar daqui é muito calmo, exceto em Nazaré, mas Nazaré é uma excepcionalidade pela sua onda grande. O ano inteiro parecendo uma piscina para então em novembro, dezembro, janeiro e fevereiro ser a temporada do surf. E não são todos os dias que há ondas gigantes. Agora, há uma formação geológica abaixo dali, daquele sítio arqueológico, que produz essa onda única no mundo, uma coisa espetacular.

Mas, fora Nazaré, sempre me pareceu um mar muito calmo, muito tranquilo, muito convidativo também para as grandes navegações. Uma humanidade inteira que se debruça sobre o mar. A costa do Brasil, por exemplo, é uma das maiores de um país voltado para o mar.

Eu estive em Istambul, onde, desde Constantinopla, no Império Bizantino, os cristãos e os romanos sempre estiveram debruçados sobre o mar, voltados para o mar. Ou, se você vai para a Ásia, estive na Coreia, por exemplo, também é um país voltado para o mar. O mar é muito importante para a humanidade.

CPM: O surf é muito forte no Brasil?

Soraia Chung Saura: Sim, o surf é muito forte no Brasil também.

CPM: Sim, os surfistas brasileiros são extraordinários e excelentes. Há uma cultura forte de surf no Brasil que está a aproximar os dois países, não está?

Soraia Chung Saura: Sim, ele não é tão institucionalizado, é mais informal, mas acontece o tempo todo porque é um jogo, uma brincadeira, uma relação, é maravilhoso, é uma delícia.

LAC: Eu vi no Brasil uma coisa que nunca vi em Portugal em relação ao surf, que é praticantes desde os 4 ou 5 anos até os 70 ou 80 anos. Pelo menos, pela percepção que tenho, aqui há um culto à juventude. Há uma faixa etária própria, mas não se vê muitas pessoas com 60 ou 70 anos surfando aqui em Portugal, pelo menos não muitas. No Brasil, se você vai a Florianópolis ou a Garopaba, vê gente de cabelos brancos ou carecas, barbas brancas, dentro de uma maré de surf, e crianças de 5 anos surfando, algo que eu nunca tinha visto em Portugal.

CPM: Desculpem-me pela divulgação do surf, é que tenho interesse nisso. Aqui, em Portugal, o surf também é forte, é uma indústria muito potente, até mesmo economicamente, é um monstro. Nazaré acaba por ser a ponta do iceberg, neste momento, é a coisa mais conhecida de Portugal no mundo inteiro, senão aquela onda, não é?

É tão extraterrestre, tão mítica. Eu penso no papel da divulgação do surf, porque estava a falar da filosofia e do ensino da filosofia.

E a próxima pergunta tem a ver com isso: como é que vê a filosofia do desporto no Brasil? Qual é o papel que pode ter no desenvolvimento do desporto em geral? Como é que vê este futuro do desporto e da filosofia do desporto?

Soraia Chung Saura: A filosofia no Brasil não é uma área tão recente. Ela surge juntamente com toda a área de humanidades do desporto no Brasil, nos anos 70. Nos anos 80, ela se fortalece e se espalha. Mas não é só a filosofia, é a filosofia junto com a sociologia e a antropologia que vão ganhando esse fôlego. Agora, temos muita gente na filosofia do desporto em diferentes partes do país, cada um trabalhando à sua maneira.

LAC: Nós percebemos isso no primeiro congresso do desporto de língua portuguesa, tivemos participantes do Brasil e sabíamos que havia alguns polos na USP e na UNICAMP, mas não sabíamos que haviam tantos polos.

Soraia Chung Saura: Tem um polo super forte no Nordeste, com a professora Petrucia da Nóbrega, que trabalha com filosofia e corporalidade na educação. O trabalho dela é muito sólido. No Sul, tivemos o Kunz, o Santin e o próprio Alberto Reppold. Enfim, de uma maneira não muito unificada. Acho que agora a associação tem um papel muito importante de ir unificando esses pólos e, assim, ganhando força.

A filosofia do esporte como um todo, especialmente a filosofia do esporte brasileira, é muito forte, instigante e generosa. É uma área à qual pertencemos, uma comunidade que traz perguntas extremamente relevantes para o desporto, questões centrais sem as quais não conseguimos pensar o esporte, seu futuro ou qual modelo de desporto queremos. Temos a obrigação de imaginar o desporto que queremos, de discutir, como você fez hoje com os estudantes, sobre a atualidade, o que se pensa, o que se deseja. São questões provocativas, porque, sem isso, o desporto pode acabar sendo apenas uma área mais biológica, técnica, voltada para o desenvolvi-

mento ou desempenho, o que ele também é. Mas a filosofia vem com esse papel de ampliar essa visão.

A filosofia do esporte brasileiro, que temos trabalhado ao longo das últimas décadas, já são 40, 50 anos de história, tem muita relevância. A história da filosofia do esporte é uma contribuição ao pensamento da ciência do esporte, da educação física e do lazer no Brasil.

CPM: Agora, eu estava a pensar sobre isso. No Brasil, há uma paixão enorme pelo desporto, e é uma potência mundial desportiva, não se pode apagar isso. Mas vou fazer aqui uma pergunta que se calhar não tem total cabimento, mas tenho curiosidade em conhecer o contexto brasileiro, e há muitos de nós, de todo o lado, que temos curiosidade com o contexto no Brasil.

Ou seja, porque o Brasil tem uma potência que nós não temos em Portugal: o Brasil tem um Ministério do Desporto, em Portugal não. O desporto é uma área subalternizada, pouco valorizada, por exemplo, em Portugal não há um ministro, há uma Secretaria de Estado do Desporto e da Juventude. É um secretário de Estado, nem ministério tem. O Brasil tem um Ministro do Desporto, logo aí vemos o papel que o Estado e a sociedade civil atribuem, o valor que é atribuído ao desporto.

Isso acho que é muito diferente. Se a Soraia pudesse falar um pouco disso, ou seja, se esta paixão pelo desporto, não só ao nível do pensamento, mas até ao nível da organização política, do valor que é atribuído, do respeito que existe, da importância que é dada, são duas realidades completamente diferentes. Um país que tem um secretário de Estado de uma área significa uma minorização total, porque nem um ministério tem.

Temos um Comitê Olímpico, temos uma Secretaria de Estado, temos um Instituto de Desporto e de Juventude, quer dizer, não há um Ministério do Desporto. O Brasil leva a sério o desporto, é

uma parte integrante da cultura brasileira, não só na prática, mas também no ensino, no pensamento, etc. Ou seja, o que da realidade brasileira pode servir para os outros países que falam português, mas que ainda não atingiram esse patamar de excelência? Não atingiram esse patamar de evolução? O que da experiência brasileira se poderia retirar para outros países que não estão tão evoluídos, como Portugal? Eu acho que a Guiné também não tem Ministério do Desporto, eu não sei, se calhar Angola e Moçambique têm um Ministro do Desporto. Mas, com a vossa experiência, como é que poderiam partilhar nesse diálogo?

Soraia Chung Saura: É muito importante ter um ministério. Não sei se dá para partilhar.

LAC: Foi fácil criar um Ministério do Desporto?

Soraia Chung Saura: Não acho que o Ministério do Desporto seja algo recente na história do Brasil, e ele enfrenta inúmeros desafios, porque também não é o principal ministério. Então, existem hierarquias ministeriais. Claro que a Saúde e a Educação vão receber muito mais financiamento que o Ministério do Esporte. Nem sempre o Ministério do Esporte consegue desenvolver políticas públicas relevantes para todo o país, mas tem um ministério. Acho isso bem importante. A gente agradece sempre que tem um ministério, mas são muitos os desafios e são realidades muito diferentes.

Então, eu me surpreendo com Portugal, por exemplo, que incentiva muito a prática esportiva, por ter uma política de espaços públicos de lazer que nós, às vezes, não temos no Brasil. Então, eu vou andar ali na Ribeira e já quero andar de bicicleta, já quero me jogar ali na quadra porque tem quadras disponíveis. Já vou querer correr na praia porque está tudo bem fácil, bem disponível, bem acessível. Há muitos centros desportivos, muitas crianças em todos os bairros, em todos os lugares.

Então, eu não sei responder essa pergunta. Acho bem importante ter um ministério, mas o nosso ministério ainda é recente, ele tem muitos desafios, é um ministério que se negocia, é o menos importante.

LAC: No fundo, não é líquido e automático que, havendo um ministério, haja políticas públicas? Ou, dedicadas ao desporto isso, não é assim? Não é linear?

Soraia Chung Saura: Agora, tivemos políticas públicas excelentes, como, por exemplo, a Bolsa Atleta, enfim, transformar um pouco o esporte amador, profissionalizar um pouco mais esse esporte. Mas, de um modo geral, o esporte no Brasil ainda é amador. O Ministério do Esporte tem muitos desafios. Então, acho que, substancialmente, o esporte feminino, o esporte das mulheres, não está dialogando com o ambiente, não está dialogando com o rio, não está dialogando com aquele equipamento que é a canoa, com o remo.

E aí a gente explica: não, é que a gente passa muito tempo sentado. Enfim, para eles, é uma loucura esse tipo de pensamento.

LAC: Eu queria falar sobre esta ligação ao mundo natural. Estávamos a pensar também, não sei se já falámos nisso em outros podcasts, mas já existe até legislação, por exemplo, em alguns países sobre a obrigatoriedade..

Soraia Chung Saura: ..do Paralímpicos, não falta trabalho e preocupações, vai ser trabalho para o resto da vida.

LAC: Enquanto fundadores da Associação de Filosofia do Esporte de Língua Portuguesa, para nós, foi muito comovente a adesão que o Brasil teve a este movimento, porque, se calhar, introduzia aqui a última pergunta: enquanto fundadora dessa associação de língua portuguesa, pode dizer-nos quais as razões que a levaram a sentir que fazia falta uma associação dessa natureza no panorama desportivo internacional, ainda que de língua portuguesa?

Soraia Chung Saura: Tem um cantor brasileiro que vocês devem conhecer, o Caetano Veloso. Ele tem uma música em que diz que só é possível filosofar em alemão, por conta da Escola de Frankfurt, fazendo ali uma menção a determinado período da filosofia. A língua francesa tem uma tradição filosófica muito forte. A língua inglesa, no âmbito da filosofia do desporto, é o recurso com o qual participamos dos encontros. E sabemos também dos limites de expressar o que sabemos, o que sentimos, como pensamos em relação ao esporte, ao lazer, ao brincar, aos jogos. Já começa pelo brincar e os jogos. Então, é muito importante podermos pensar, falar e expressar o desporto em língua portuguesa e convidar esses países que falam português a fazer o mesmo. É uma democratização desse tipo de pensamento. Não dá para ser só em língua inglesa, não dá para ser só em língua francesa, não dá para filosofar só em alemão. Todo mundo tem que filosofar junto com a gente, e precisamos beber de novas fontes epistemológicas, novas fontes que falam português.

Para mim, isso é muito relevante. Estamos falando de democratização da filosofia do desporto, de democratização do pensamento, de comunidade, da nossa língua-mãe, aquilo que entendemos. Acho que você fala um pouco sobre isso, não é, Luísa? Eu acho que já te ouvi falando sobre isso uma vez.

LAC: Sim, é possível. Nós fizemos um trabalho sobre a história da filosofia do desporto em Portugal e, de facto, a língua não é apenas uma forma de articular palavras, mas também uma forma cultural muito própria de pensar. No fundo, essa foi a ignição, a ansiedade para a criação da associação. Mas rapidamente percebemos que a língua portuguesa é, em si, plural, e isso gerou em nós uma grande sede de conhecer essa pluralidade e colocá-la em diálogo. Portanto, para nós, o Brasil tem um papel muito relevante nesse diálogo, não só por ser um país continental, muito grande, com muita gente, mas também por ter esse poder

criativo, artístico, inovador e original, que se manifesta em diversas dimensões, não apenas no desporto, mas também na música e em várias dimensões da cultura.

Soraia Chung Saura: Da arte, da linguagem, do desporto como uma linguagem também, como uma forma de comunicação. A gente conversa, e é muito bom que falemos todos a mesma língua.

LAC: Muito obrigada, Soraia, por esta conversa ao som do português do Brasil, que nos toca tanto, que nos soa especial e que é tão importante para a continuidade do nosso diálogo entre os diferentes países e culturas desta Associação de Desporto de Língua Portuguesa.



DIÁLOGO 04

ALFREDO TEIXEIRA

Alfredo Teixeira

Luísa Ávila da Costa: Olá a todos. Reunimo-nos hoje para a sexta entrevista do nosso podcast *Desporto Vivido, Desporto Pensado*, uma iniciativa do Seminário Permanente de Filosofia do Desporto organizada por mim, Luísa Ávila da Costa, em conjunto com Constantino Pereira Martins. Este podcast tem como objetivo reunir elementos de construção de pontes entre um lado mais prático e vivido do desporto e o seu lado mais teórico relacionado com a pesquisa e a reflexão. Um lugar de celebração de pessoas e vidas únicas, entre o saber e o saber fazer. Temos hoje conosco, o professor Alfredo Teixeira, doutorado em Antropologia e mestre em Teologia, sendo atualmente Professor Associado da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, onde exerce o cargo de Diretor do Instituto de Estudos Religiosos. É atualmente coordenador da Cátedra Manuel Sérgio, Desporto, Ética e Transcendência. Tem desenvolvido inúmeros trabalhos no campo da filosofia do desporto e da filosofia do corpo, dos quais se destacam: *Breve Tratado das Virtudes Desportivas; Saber-se*

Corpo; Ensaios sobre Desporto; Cinema e Motricidade; Da Ciência à Transcendência, Epistemologia da Motricidade Humana; Desporto, Humanismo e Tecnologia; Este é o Meu Corpo: Para uma Teologia da Motricidade Humana; entre outros.

Obrigada por nos receber, professor, por ter acedido a fazer esta entrevista. É uma honra e um enorme gosto estar consigo e termos esta conversa. Muito bem-vindo. A primeira pergunta que lhe faríamos é, então: o que é que leva um teólogo e um antropólogo a dedicar a sua atenção aos temas do desporto e do corpo?

Alfredo Teixeira: Bom, antes de mais, agradeço o vosso convite para esta conversa. E, começando por esse primeiro tópico, eu diria que, antes de mais, ele diz respeito a alguma itinerância na minha própria biografia intelectual, já que os meus estudos começaram pelo campo filosófico e musical. A minha primeira profissão foi a de professor de Educação Musical no ensino público. E depois, de facto, a Teologia e, mais tarde, a Antropologia tomaram conta dos meus interesses. Mas, de alguma forma, cada uma dessas coisas foi ficando.

E, de facto, o meu trabalho, desse ponto de vista, talvez seja um bocadinho indisciplinado, porque as minhas preocupações centram-se bastante em problemas, e não imediatamente na sua definição disciplinar.

Portanto, não sou, de facto, um polícia das disciplinas. E, nesse sentido, o desporto chega até mim a partir de todos os meus estudos na área da Antropologia. Sobretudo no que diz respeito ao que é colocado em problematizações. O desporto interessa-me e, curiosamente, num primeiro momento, no quadro daquilo que eram preocupações que eu trabalhava no domínio da Antropologia, que tinham a ver com esta experiência que a Antropologia faz de descobrir as grandes homologias estruturais da nossa experiência humana, as grandes estruturas da nossa experiência humana.

A Antropologia, desse ponto de vista, difere, talvez, de outras ciências sociais, onde as coisas são muito trabalhadas a partir de domínios, enfim, economia, política, estética, ética, desporto.

A Antropologia trabalha, por vezes, a partir de estruturas que são homólogas, enfim, em relação a essas dimensões da experiência humana.

E, de facto, quando eu começo a trabalhar, do ponto de vista antropológico, a questão do sagrado nas nossas sociedades, aquilo que, enfim, a investigação do final do século XX estava muito marcada por isso, a ideia de que, se a modernidade era uma experiência, de alguma forma, erosão das estruturas religiosas que conhecíamos, em todo o caso havia uma modernidade religiosa que passava pelo quê?

Passava por uma certa disseminação do sagrado, enfim, em diferentes zonas da experiência humana.

E, portanto, de facto, o meu primeiro contacto com a questão do desporto, curiosamente, foi o desporto e saúde. O primeiro texto, até trouxe aqui uma separata desse artigo para vos mostrar, eu escrevi sobre o assunto é de 1999, e tem precisamente este título: *O Fascínio da Metáfora Religiosa: Desporto e Saúde*.

E, na altura, o que eu examinei neste texto é precisamente o facto de boa parte, em particular dos cientistas sociais que trabalhavam sobre o problema do desporto e da saúde como grandes mitologias contemporâneas, usarem a metáfora religiosa como instrumento interpretativo. Por exemplo, na época, já nos anos 70, era muito frequente a análise do futebol como religião popular, não é?

E boa parte desses cientistas sociais, enfim, não pretendiam dizer que o desporto é a religião, mas procuravam perceber como é que, de alguma maneira, do ponto de vista das suas estruturas antropológicas, ele poderia ser lido a partir dessa ótica.

Enfim, no caso dos estudos sobre religião, há duas perspectivas que, em muitos casos, contrastam: uma perspectiva mais substantiva e uma mais funcional, enfim, depois, se calhar, daqui a um bocadinho, poderíamos conversar sobre isso também em relação ao desporto, porque, se calhar, essas duas perspectivas são possíveis.

E, no fundo, nessas duas perspectivas, eu posso falar da religião como um campo institucional delimitado, com os seus atores, os seus agentes, mas depois também posso fazer-me outra pergunta: que função, que lugar tem a expressividade religiosa na construção das comunidades, dos indivíduos, da sociedade? E, se desse ponto de vista, essa função não se pode encontrar atualmente noutros contextos de vivência?

E, portanto, de facto, o meu interesse por esse campo, por pensar o desporto, nasce claramente a partir das minhas interrogações sobre o sagrado contemporâneo e as suas metamorfoses.

E, depois, diria que há um outro terreno que se cruza com isto, que é, de facto, a atenção e a centralidade que a questão do corpo tem. Logo no meu trabalho de etnografia, que suportou a minha tese de doutoramento, foi um trabalho sobre uma paróquia urbana aqui na cidade de Lisboa, recordo-me que, por exemplo, a dado momento, foi algo que se impôs. Ou seja, quando eu quis estudar, neste caso, os recursos que uma comunidade religiosa tem para construir a sua identidade, eu rapidamente descobri que o corpo era absolutamente central.

Recordo-me, por exemplo, que, durante os meses em que, nessa paróquia católica, estive a trabalhar sobre os processos de socialização, como é que a paróquia socializa, por exemplo, crianças e adolescentes. Como é que se aprende a rezar? Como é que se inicia no rito? Quer dizer, o corpo impõe-se com uma força enorme. Por exemplo, no caso, talvez uma das descobertas mais intere-

ssantes para mim foi perceber que, de facto, as crianças aprendem a rezar com o corpo.

A forma que elas têm para descobrir esse tipo de comunicação tão específica, a comunicação orante, que é uma comunicação, um modo de comunicar, de facto, fortemente identificador, porque há expressividade religiosa. O lugar de aprendizagem é o corpo.

Antes de mais, a criança percebe que, nesse estado de comunicação, ela se organiza de forma postural, em relação a si e em relação aos outros, de forma diferente. E é essa, digamos, essa aprendizagem que é, de facto, central nessa perspectiva.

Nesse sentido, eu descobri, quando comecei a interessar-me pelo desporto, que os estudos sobre, por exemplo, a ritualidade e os estudos sobre o desporto podem ter interfaces muito interessantes. Não só pelo corpo, não só pela centralidade do corpo, o rito é também uma prática de incorporação corporal, não é? Mas a própria questão do gesto, aliás, o gesto desportivo é uma coisa que me interessa.

E, curiosamente, nas investigações linguísticas sobre a origem, enfim, das palavras que dão corpo a esta realidade na nossa cultura, o Émile Benveniste, no seu célebre tratado sobre o vocabulário indo-europeu, descobre que a nossa linguagem sobre o rito tem como origem um universo de linguagem, um universo semântico que tem que ver com esta ideia de colocar algo com um determinado cuidado.

Ou seja, este tipo de relação que estabelecemos entre o corpo e uma determinada ação, um determinado objeto que é colocado com um determinado sentido, que está para além da sua funcionalidade, não é? Não se trata apenas de colocar um copo em cima desta mesa porque quero ter o copo acessível para beber. Trata-se de o pôr de uma determinada forma, para que ele tenha um sentido que vai além dessa necessidade de beber, não é?

Digamos que o acréscimo de sentido que o rito traz é esse mesmo, um gesto que, no cotidiano, poderia ter um sentido puramente funcional, no contexto do rito, esse gesto se transporta para uma determinada zona de transcendência. E eu julgo que o gesto desportivo poderia ser pensado também a partir desta óptica, porque, em muitos casos, nós temos gestos técnicos que são comparáveis a outros gestos que habitam a nossa experiência produtiva, por exemplo, a nossa experiência no cotidiano, na nossa organização técnica comum.

No entanto, no contexto desportivo vem a ser um outro significado, não é? Que está para além dessa dimensão mais técnica e funcional de apropriação do mundo.

Portanto, de alguma maneira, de facto, eu diria que me encontrei com o desporto não a partir do interesse por trabalhar o desporto de uma forma disciplinar, mas essencialmente como, enfim, nesta minha demanda de encontrar futuras interfaces e interstícios, lugares intersticiais onde podemos formular novos problemas.

LAC: Ainda bem que toca nessa questão do corpo, do gesto e do desporto olhado a partir dessa lente. Sabemos que conhece e tem estudado muito o trabalho do professor Manuel Sérgio e, portanto, da sua Epistemologia da Motricidade Humana. E, ainda sabendo que não é um polícia das, digamos, distinções de campos, para nós seria importante também ter o seu ponto de vista, o seu parecer sobre o nosso objeto de estudo, que é o desporto, não é?

Porque, de facto, ele pode ser visto, considerado, contemplado a partir destas diferentes lentes: corpo, gesto, jogo, saúde, funcionalidade. E são essas lentes que têm demarcado as diferentes escolas de pensamento no campo do desporto. E essa lente determina a forma como os cursos e as escolas se denominam, se organizam nas suas estruturas curriculares, etc.

E, portanto, no fundo, o que eu gostava de ouvir é, no meio desta diversidade toda de conceitos a que o desporto se pode aplicar, a partir dos quais o desporto pode ser visto, como é que nós, do ponto

de vista da filosofia do desporto, podemos considerar o nosso objeto de estudo, tendo em conta que ele tem esta multiplicidade de formas, digamos assim. Desde o desporto à educação física, à motricidade humana, à cinesiologia, movimento humano, atividade física, exercício físico, portanto, isso tudo, digamos, é um objeto de estudo que está muito disperso por muitas naturezas distintas, e isso tem marcado os diferentes olhares das diferentes escolas. Como é que o professor Alfredo Teixeira olha o desporto, e qual é o olhar crítico que tem em relação a estas diferentes nomenclaturas para um mesmo objeto de estudo?

Alfredo Teixeira: Pois, eu falaria talvez a partir de dois pontos de vista. Um ponto de vista mais, se quiser, um olhar mais de natureza sociológica sobre isso, é evidente que toda essa diversidade responde também a interesses, responde a lógicas de interesses, à afirmação de grupos e de hegemonias até, em muitos casos. E, portanto, como em todas as disciplinas, naquele sentido bourdieusiano, a disciplina torna-se um campo de luta também e, nesse sentido, eu diria que as escolas nas universidades portuguesas, enfim, no espaço académico, refletem, em muitos casos, essas lutas e a instituição de um determinado poder disciplinador daquilo que se possa reificar como desporto.

Em todo o caso, a lição aprendida de Manuel Sérgio, eu diria que, se instituímos um ponto de vista a partir da complexidade, nós vamos ter que manter, de alguma maneira, a abertura para um olhar plural sobre o desporto. E, nesse sentido, do meu ponto de vista, eu estou num lugar até estranho para isso, porque, de alguma maneira, estou numa universidade que não tem sequer a área de estudos de desporto. Portanto, de alguma maneira, estou quase fora do lugar, não é? E isso obriga, por exemplo, é uma coisa interessante, que tem sido um dos objetivos da Cátedra de Manuel Sérgio: chamar a pensar no desporto atores e disciplinas que não o têm na definição do seu objeto de trabalho, não é? O que remete para um problema

que é, de facto, voltando àquela questão de uma certa distinção entre uma perspectiva mais funcional ou uma perspectiva mais substantiva, eu penso que é inegável que, para além do desporto, nós temos um objecto mais complexo hoje, que é a cultura desportiva ou as culturas desportivas.

E aí, eu diria que não chegam, de facto, as ciências do desporto, no seu sentido duro, para trabalhar esses problemas. Porque, de facto, quando o professor Manuel Sérgio elege este conceito de motricidade, que é um conceito que, na tese dele inicial, eu julgo que ele nem sequer ainda tem presente, digamos, todos os desenvolvimentos que o conceito pode ter e que ele, a seguir, vai desenvolver. Aliás, uma das coisas que está bastante por fazer em muitos casos é essa leitura mais diacrônica do pensamento dele, não é? Porque é evidente que ele regressa sempre à afirmação da sua tese de um paradigma da motricidade humana, mas fica-nos a ilusão de que isso está definido quase como um dogma religioso no início do seu caminho, mas, de facto, ele vai esclarecendo isso.

E, tendencialmente, vai tornar-se a forma como ele define isso nos seus últimos textos, de facto, torna-se um conceito muito complexo. Muito complexo porquê? Porque, de alguma maneira, absorve muitas dimensões da experiência humana e até muitas disciplinas que envolvem a ação do corpo nessas dimensões fundamentais que ele sublinha no paradigma da motricidade humana. Enfim, a intencionalidade, que é o aspeto decisivo na abordagem dele, e até mesmo a questão da transcendência, que é uma categoria que não é estável no pensamento dele, ou seja, vai-se transformando. Portanto, se quisermos partir dele, vamos ter dificuldade até em criar uma definição nomotética de desporto. Ou seja, uma espécie de definição daquele género como fazemos nas ciências naturais: os seres vertebrados são aqueles que têm esta, esta e aquela característica. Se eventualmente tiverem uma outra, então vamos ter que criar uma outra categoria. Enfim, parece-me difícil lidar dessa maneira com o desporto.

Em todo o caso, parece-me claro que há, sobretudo, um fenómeno que afeta muitas dimensões da nossa experiência social moderna, e que eu acho que afeta o domínio do desporto, e talvez seja isso que introduz até a maior dificuldade na sua definição do ponto de vista epistemológico. A nossa modernidade teve um efeito dual em muitas das dimensões da nossa experiência, que é: por um lado, reforçou a dimensão institucional da realidade e, portanto, a especialização e, portanto, nós, as sociedades modernas, são sociedades onde temos uma hiperespecialização de domínios, não é? Mas também acontece uma coisa que frustra essa tendência, que é: os indivíduos emancipam-se em relação às instituições.

Hoje, grande parte das dinâmicas sociais resultam não só do poder estratégico que as instituições têm sobre o espaço social, mas resultam também da iniciativa táctica dos indivíduos, que se apropriam disso de formas diferentes. O que acontece com o desporto, a meu ver, é também isso. Nós temos uma dimensão desportiva fortemente institucionalizada, não é? Com os seus atores, os seus poderes, os seus saberes. Mas, depois, temos uma cultura desportiva mais disseminada, que tem que ver com a forma como os indivíduos se apropriam desses imaginários, dessas linguagens nos seus cotidianos. E isso pode ter um lastro, de facto, muito grande. Enfim, na geração dos meus pais, que estão na casa dos 80 anos, ninguém andava, de fato treino, num qualquer contexto social, não é?

Ou seja, parece estranho isto que eu vou dizer, mas estamos a falar da forma como o corpo se representa publicamente. E, portanto, a imagem do desporto, do corpo revestido de signos desportivos, mesmo que a pessoa tenha práticas de exercício físico ou de desporto bastante limitadas, de tal maneira, inscreve-se em cultura desportiva nos imaginários, de uma forma que já não é possível apropriar-se disso apenas a partir da categoria institucionalizada de desporto. Portanto, nesse sentido, não sei se consigo resolver bem

o vosso problema, mas eu diria que a possibilidade de observarmos este fenómeno de forma múltipla é, em todo o caso, a meu ver, essencial.

LAC: Senhor Professor, pegando nesta sua ideia de emancipação, do pensar o desporto para além das fronteiras do próprio desporto, chamando outros campos de estudo a estudar o desporto, como a filosofia, a teologia, a comunicação, enfim, há aqui uma série de campos em que o desporto pode ser pensado e visto. E, tendo referido esta questão da cultura desportiva e das culturas desportivas, talvez lhe perguntasse: qual é o papel do desporto na cultura e, vice-versa, qual é o papel da cultura no desporto?

Alfredo Teixeira: Pois, de facto, esse é talvez o traço que nos interessa mais à cátedra. Aliás, a Cátedra Manuel Sérgio tem, depois, uma expressão que determina a óptica na qual trabalhamos: desporto, ética e transcendência.

E eu penso que essas duas categorias associadas à categoria de desporto introduzem uma perspectiva que se aproxima desta questão.

Essencialmente, porquê? Porque, de facto, o desporto moderno como o conhecemos sempre esteve fortemente ligado à construção de valores partilhados. Sabemos isso não só a partir daquilo que foi a refundação do olimpismo moderno, mas também tudo o que foi o edifício de construção escolar, do acesso ao desporto, e teve, de facto, uma relação muito forte com a ideia de construção de valores, mas em todo o caso, fortemente manipulável. Ou seja, o desporto está presente e pode estar presente de uma forma muito forte tanto em sociedades autoritárias, regimes autoritários, como em sociedades abertas ou democráticas. O que é dizer que, de alguma maneira, o desporto, estando fortemente ligado à construção de valores, à forma como, no fundo introduzimos significados para a prática de desporto, porquê é que fazemos isto? Para que é que fazemos isto?

No entanto, paradoxalmente, no caso do desporto, parece estar aberto a manipulações políticas de muita ordem. O que quer dizer, que a meu ver, a filosofia do desporto é decisiva, a construção de uma crítica do desporto é algo crucial, ou seja, nós, por exemplo, no pensamento de Manuel Sérgio, não encontramos só uma espécie de apologia do desporto. Eu diria que até nem encontramos, sobretudo, isso. Encontramos, sobretudo, uma crítica do desporto no sentido moderno do termo. Uma construção de um ponto de vista que, em última análise, se pergunta acerca dos fundamentos da própria prática.

E, nesse sentido, eu acho que trabalhar o desporto, percebendo a que é que ele dá corpo na cultura em que vivemos, quais são os valores em jogo, é um laboratório muito interessante. Torna-se um laboratório muito interessante para pensarmos, de facto, a nossa própria sociedade. E, nesse sentido, é, para mim, decisivo ter em conta que, quando estudamos o desporto, do meu ponto de vista, estamos a estudar a nossa própria contemporaneidade. Não estamos a estudar, digamos, alguma coisa totalmente isolável ou, até se quiserem, alguma espécie de laboratório não contaminado. Trata-se, de facto, de alguma coisa onde está em jogo grande parte daquilo que nos preocupa, enfim, na construção deste espaço comum que é a nossa sociedade.

Portanto, a ideia, por exemplo, no nosso último colóquio Desporto, Ética e Transcendência, centrou-se no tópico *Desporto, Casa e Causa Comum*. E, grande parte daquilo que pensamos sobre o desporto é uma questão que remete, fundamentalmente, para aquilo que pensamos sobre a nossa própria sociedade, sobre aquilo que queremos para a nossa própria sociedade.

Desse ponto de vista, eu diria que o desporto adquire uma relevância política muito grande, não é? Apesar de, enfim, por vezes ser representado como um lugar sectorial de políticas desportivas.

No entanto, enquanto cultura, de facto, eu vejo no desporto presentes dimensões fundamentais que, no fundo, dizem respeito às questões mais importantes que hoje colocamos.

Reparem, por exemplo, em coisas como a fronteira entre o humano e a tecnologia, os problemas da manipulação do corpo para determinados objectivos, os problemas da liberdade individual, o atleta e a sua disciplina. Enfim, para não falar depois de todos os problemas que dizem respeito às dinâmicas económicas das sociedades.

Hoje, o desporto é uma atividade económica decisiva em grande parte das sociedades.

Portanto, nesse sentido, de facto, eu diria que, talvez, aquilo que me atrai mais quando olho para o desporto é encontrar, nessa espécie de fragmento da realidade, toda a realidade, ou seja, tudo aquilo que nos importa, de facto, na nossa vida.

LAC: Pensando nessa potência política do desporto, na potência de construção de valores, mas também de transgressão dos valores vigentes, digamos que o desporto tem este papel, simultaneamente, de construtor e de desconstrutor dos valores. Nós sabemos que as origens do desporto remetem para ligações profundas entre o sagrado e o religioso. Qual a pertinência destas ligações na contemporaneidade? E de que forma é que, também nessa dimensão de ligação ao sagrado e ao religioso, o desporto constrói ou transgride?

Alfredo Teixeira: A prática desportiva, obviamente, nas suas origens, tem uma forte relação com a sintaxe da construção das comunidades, das sociedades, das cidades, portanto, nesse sentido, obviamente, tem uma forte relação com todos os substratos que dão origem a isso e o substrato religioso é decisivo.

Aí, talvez, seja importante descobrirmos aquilo que é mais estrutural. As pessoas estão habituadas a ligar a religião e o desporto a partir de coisas, a meu ver, talvez um bocadinho, não quero dizer

que não tenha importância, ou seja, talvez demasiado literais, ver o jogador, antes de entrar em campo, a benzer-se e, obviamente, que essas dimensões são interessantes.

No caso do jogador que entra em campo e faz um gesto religioso, eu diria que temos aí alguma coisa que a religião sempre teve muito ligada: à experiência de busca de uma protecção perante o contingente, perante o indeterminado. Portanto, o jogo, mesmo extraordinariamente preparado, tem uma dimensão de indeterminação muito grande. O jogador, digamos, procura o favorecimento de tudo aquilo que o possa ajudar nesse confronto com o indeterminado.

É claro que o gesto de agradecimento é um gesto também tipicamente religioso, de louvor, não é? Quando, de alguma maneira, alguém faz alguma coisa de sublime, do ponto de vista da sua execução, dos seus efeitos, mas reconhece que isso é uma dádiva, é alguma coisa que ultrapassa a si próprio e, portanto, tem um gesto de agradecimento.

Mas, depois, há de facto uma forte relação, e isto tem a ver com a nossa conversa anterior, quando associamos desporto e religião, há bocadinho vimos a complexidade do que era definir desporto, mas a mesma complexidade descobrimos na definição do que era religião.

E, portanto, se eu tiver uma perspectiva tipicamente durkheimiana, a religião não põe propriamente no centro da sua atividade, porventura, até a questão da relação com deuses ou outras entidades transcendentais, mas tem a ver essencialmente com aquilo que fundamenta simbolicamente a forma como nos vinculamos, como construímos laços que dão origem às comunidades, às sociedades, enfim, se observarmos que, a partir desse ponto de vista, em muitos casos, sobretudo o desporto moderno, tem sido um suporte muito importante para a construção da colectividade. E não só na sua dimensão, digamos, mais nacional. Vemos, por exemplo, eu diria

que, em alguns casos, naquilo que é a experiência hoje da nação, aquela experiência que alguém faz, "eu pertenço a isto que é uma nação", em muitos casos, se calhar, o principal suporte disso são as atividades desportivas que têm esse tipo de representatividade.

Aliás, veja-se, por exemplo, ainda o lugar emocional que tem quando em provas internacionais, o atleta sobe ao pódio, se ouve o hino nacional, ou quando, no início de um jogo de futebol da seleção nacional, se ouve o hino, a experiência que as pessoas fazem de cantar, e assim não se está a dar, portanto, um conjunto de recursos que permitem, do ponto de vista simbólico, ter esta consciência de "nós", essa consciência de que somos um "nós". E, de facto, desse ponto de vista, há uma grande proximidade entre esta experiência estrutural da religião e a experiência do desporto.

Depois, como também a religião sofreu um processo grande de individualização e, em muitos casos, nas sociedades modernas, a religião vive-se já não tanto nesta lógica comunitária, de construção dos valores que nos vinculam, mas muito mais na construção de um suporte da identidade individual. Portanto, uma religião mais performativa, ao serviço de um sentido de si, da construção de si.

Novamente, a experiência desportiva, porque também ela é afetada por isso, por uma cultura da individualização, do indivíduo performativo que, de alguma forma, na nossa sociedade tem o símbolo do desempenho, de atingir metas e de as superar. Voltamos a ter uma forte relação, a meu ver, entre aquilo que é esta espiritualidade contemporânea disseminada, a partir de uma cultura do indivíduo, e aquilo que é a vivência desportiva como performance individual, como celebração do indivíduo e das suas potencialidades.

Portanto, nesse sentido, de facto, eu encontro sempre uma forte homologia entre aquilo que são, na nossa experiência contemporânea, as transformações que habitam o terreno desportivo e as

transformações que habitam, de forma, a meu ver, comparável, aquilo que é o campo religioso. Por isso, não estamos a falar apenas, porventura, de uma origem ou de uma aproximação a partir da genealogia. Estamos, a meu ver, a falar de uma aproximação a partir daquilo que é a nossa própria experiência destes dois universos na nossa contemporaneidade.

LAC: Concretizando e especificando esta questão na nossa matriz axiológica judaico-cristã, quais as principais aproximações e tensões que encontra entre desporto e cristianismo?

Alfredo Teixeira: Eu diria que a relação é paradoxal, é ambivalente, porque o cristianismo tem uma história complexa, e, portanto, não podemos dizer dele uma só coisa. Mas, em todo o caso, de facto, há uma dimensão que está inscrita, eu diria, no código genético do cristianismo e que tem a ver com esta ideia de uma narrativa de salvação que passa pela figura de um Deus encarnado, ou seja, de um Deus que toma corpo.

Isso, obviamente, inscreve a relação com o corpo de uma forma diferente. Reparem, nós temos tradições religiosas cujo sentido de salvação é a libertação do corpo, a superação do próprio corpo. Enfim, no cristianismo, a imagem, digamos, mais central da ideia de salvação é a de um crucificado. Portanto, o corpo, na sua materialidade, que aqui vem pela expressão de um corpo flagelado, é de facto, central nesta experiência específica que é o cristianismo.

Depois, há outro aspecto interessante que é a ideia mais contrastante com o mundo greco-romano, no qual o cristianismo se vai desenvolver, a ideia de ressurreição, que não é a ideia de imortalidade no mundo grego. A ideia de ressurreição é uma ideia de superação do estado histórico de existência do corpo, mas não da sua anulação. E, por isso, aliás, a linguagem das tradições cristãs vai falar de um “corpo glorioso”, ou seja, a ideia de que essa transformação envolve o próprio corpo.

Nesse sentido, uma atividade que tem como lugar fundamental esse trabalho simbólico sobre o corpo, a meu ver, tem uma facilidade de leitura a partir do cristianismo. Em todo o caso, recorde-se até que os textos fundadores do cristianismo, os textos do proto-cristianismo são, em muitos casos, textos que usam a metáfora desportiva com significações espirituais, o que não é irrelevante. Ou seja, falar, por exemplo, da experiência de fé cristã a partir do “bom combate” implica, obviamente, uma analogia que introduz uma valoração dessa prática, ou falar da experiência histórica cristã a partir da lógica da corrida, da meta, de procurar a meta. Tudo isso, de facto, dá conta de um olhar, por parte dos primeiros teólogos cristãos, que parece não diabolizar o desporto, não vê no desporto algo que, de alguma maneira, seria até um obstáculo à realização da condição humana cristã.

No entanto, como o desporto se transcreve também numa determinada forma de organização social, a partir dos séculos III e IV, encontramos alguns discursos que não são muito favoráveis ao desporto como espetáculo. Não são discursos críticos em relação ao desporto em si, mas sim em relação à lógica do espetáculo. Nesse sentido, há uma dimensão crítica no cristianismo em relação a essas práticas, e que tem a ver, essencialmente, com o que era o mundo antigo. Antes de mais, tem a ver com essa antiguidade tardia, enfim, com alguma coisa que se vive no cristianismo que é a experiência de uma certa renúncia ao status social.

Há um aspecto importante nas primeiras gerações de cristãos, que é, no fundo, uma mensagem que não se apresenta à luz da nossa perspectiva moderna, como uma espécie de revolução ou como proposta de nova ordem social, mas que oferece uma determinada compreensão da relação entre as pessoas, a partir da ideia de que, em Cristo, já não há escravo, já não há judeu, grego, homem, mulher, mas há simplesmente pessoas, há irmãos, a partir dessa condição de incorporação em Cristo.

A partir dessa óptica, compreende-se uma leitura difícil das situações onde, de alguma maneira, as pessoas se encontram de forma extraordinariamente desigualitária. E o desporto espetáculo era, em muitos casos, um sistema que representava as desigualdades fundamentais que habitavam a cidade. E, nesse sentido, como em muitos casos, estavam ao serviço do poder, da exibição do poder, das próprias lógicas da guerra, há muitos aspectos do espetáculo desportivo que não foram lidos com muito interesse por parte do cristianismo.

Depois, é claro, há um outro lugar de ambiguidade a meu ver. Em dado momento, desenvolvem-se, como sabemos, o cristianismo vai absorvendo também várias correntes filosóficas e várias tendências, várias mundividências. Há momentos históricos em que se desenvolve algo que hoje representamos como um certo desprezo pelo corpo.

Mas, curiosamente, esse desprezo pelo corpo não é, necessariamente, a sua desvalorização. É uma forte exaltação de uma disciplina sobre o corpo que permita alcançar determinados objetivos. E aí está uma outra estrutura que eu também já tenho trabalhado, que aproxima a prática desportiva, sobretudo a prática desportiva num regime de intensidade, àquilo que hoje chamamos de alto rendimento.

Essa experiência da máxima intensificação é algo que encontramos em certas correntes de espiritualidade cristã ligadas às práticas ascéticas. E esse é um lugar de investigação que eu acho muito interessante.

Curiosamente, algumas práticas contemporâneas que têm dificuldade em ser reconhecidas como práticas desportivas, ou seja, em fazer parte do *mainstream* desportivo, do sistema desportivo, tendem a usar essa representação para dizer que são desporto. Recorde-me, há algum tempo, inclusive escrevi alguma coisa sobre isso, no qual consultei uma investigação sobre as práticas de *bodybuilding* ou culturismo, muito centradas na moldagem muscular do

corpo, que são práticas olhadas com dificuldade pelo *mainstream* desportivo. No entanto, os discursos dos praticantes são discursos deste tipo: “nós levantamos às tantas horas para fazer isto”, “temos um rigor enorme na nossa vida para atingir este limite”, ou seja, é uma linguagem ascética à qual eles recorrem para legitimar a sua prática como desportiva.

LAC: O mesmo acontece nos *e-sports* também.

Alfredo Teixeira: Exactamente. No fundo, há aqui uma dimensão, e lá está, uma cultura da vivência ascética que não é, de facto, um substrato religioso exclusivo do cristianismo. No entanto, na nossa cultura, essa experiência chega, a partir de espiritualidades cristãs que valorizaram essa dimensão da exercitação.

Que depois, já num contexto moderno, a partir das tendências místicas modernas, incluindo mesmo a espiritualidade jesuítica de Inácio, nós temos a ideia de exercitação espiritual, ou seja, de uma experiência cristã que assenta na ideia de exercício que já não é simplesmente físico, do trabalho sobre o corpo, mas de uma exercitação espiritual que, obviamente, inclui também o corpo.

Desse ponto de vista, eu diria que a relação entre o cristianismo e as culturas desportivas não é linear. Mas, em todo o caso, há imensas afinidades que, em muitos casos, são paradoxais, como o próprio desporto é paradoxal em muitas das suas dimensões.

E, nesse sentido, acho que, em termos de investigação, esse é um lugar muito interessante para a comunidade científica.

LAC: Permita-me aproveitar esta sua intervenção, porque, de facto, a ascese cristã e desportiva colocam a pessoa perante um problema, um paradoxo, que é a tensão entre o desejo de ser mais e melhor, o desejo de superação, de transcendência, e, ao mesmo tempo, a necessidade de aceitação das próprias limitações e impotências, dos seus próprios limites. Quais lhe parecem ser, do ponto de vista desportivo e religioso, as chaves de leitura que melhor ajudam a lidar e a dar significado a esta tensão? Como encontrar pontos de

equilíbrio nesta zona de fronteira entre a exigência e a aspiração a mais, mas também a compaixão pelos limites humanos?

Alfredo Teixeira: Sim. Antes de mais, há uma diferença fundamental sobre pensar o desporto ou a figura do atleta, a partir uma lógica da heroicidade prometeica, ou seja, aquela figura que tem em si a potência de alcançar o plano dos deuses. Por outro, uma lógica, de habitar essa experiência a partir da óptica da dádiva, ou seja, de que se tem um dom que é necessário desenvolver e potenciar de forma que, dando o melhor de si, possa de facto viver a experiência humana nessa lógica de abertura, que é sempre possível ser melhor.

Embora os resultados possam parecer os mesmos, em todo caso, a natureza da ação, a meu ver, é relativamente distinta. E acho que, desse ponto de vista, a própria socialização do atleta é habitada por este confronto, porque em muitos casos, a proposta de um ideal desportivo pode ser feita nessa lógica mais prometeica, da narrativa do super-herói, ou porventura a partir da lógica mais da dádiva ou mais cristã, que é perceber essa nossa condição humana é inacabada, e que somos chamados a realizá-la mais plenamente. Mas isso implica a consciência de alguma coisa.

Ultimamente, eu tenho andado a trabalhar sobre isso. Aliás, estivemos juntos recentemente quando falei daquele sociólogo alemão, Hartmut Rosa. Na ocasião, falei sobretudo do seu conceito de ressonância, que me parece muito interessante para pensar o desporto, especialmente nesta relação entre a prática desportiva como posicionamento no mundo. Mas há outro conceito que ele usa, e que me parece, neste caso, interessante que é o conceito de indisponibilidade, ou seja, precisamos superar esse mito moderno de que tudo está à nossa disposição, de que o mundo e nós próprios somos uma espécie de estoque de recursos inesgotáveis.

É preciso redescobrir a realidade, de nós próprios e que nos envolve, como tendo uma dimensão de indisponibilidade, uma dimensão que

escapa à nossa apropriação, ou seja, o reconhecimento de que existe uma alteridade, de que há uma realidade que é outra.

E, nesse sentido, a socialização, sobretudo, obviamente, quando o desporto é praticado neste plano de hiper-intensidade, que julgo que é preciso, do ponto de vista da socialização do atleta, a descoberta desta dimensão. Uma das coisas que sempre me impressionou nesta nossa atividade da cátedra é que quando nós tivemos aqui, nas nossas iniciativas, grandes desportistas, como o Fernando Mamede e o Nuno Delgado, e que nos trazem as suas narrativas de vida, é curioso que as grandes narrativas que nos trazem são as dos seus fracassos.

Ou seja, aquilo que eles trazem como, de alguma forma, lugar sobre o qual querem dar testemunho não são, propriamente, aqueles momentos em que atingiram a melhor marca, mas aqueles momentos em que, apesar de não terem atingido esse lugar no pódio, foram momentos paradoxais, porque atingiram um lugar que, porventura, esteve muito aquém daquilo que eram as expectativas do sistema desportivo, mas, porventura, do ponto de vista pessoal, foram vitórias incríveis.

Estou-me a recordar, por exemplo, de um testemunho do Nuno Delgado, de numa das conferências que organizámos aqui, em que ele traz um pequeno apontamento de um boletim noticioso da televisão que abre deste género: “Mais uma vez, Nuno Delgado falhou o pódio.” O que é que ele quis mostrar com aquilo? A narrativa dele, do ponto de vista da sua vivência pessoal, era o quê? Bom, já não me recordo exatamente qual a prova, mas penso que foram os Jogos Olímpicos, ele vinha de um período de lesões, muito complicado. Portanto, ter conseguido, marcas para chegar àquela competição foi, de facto, uma vitória extraordinária. E, obviamente, ele não estava nas melhores condições para atingir as tais últimas metas. No entanto, do ponto de vista daquilo que era a tal disponibilidade, na sua vivência pessoal,

ele atingiu uma marca incrível, ou seja, conseguiu qualificar-se, e levar extraordinariamente longe aquilo que eram as suas condições de realização.

Ora, esta experiência, a meu ver, é uma experiência interessante porque, de facto, se nós pensarmos o desporto numa lógica puramente competitiva, num sistema competitivo, ele parece ser uma prática essencialmente perdulária, não é? Porque, obviamente, são muito mais os que perdem do que os que ganham. Aliás, desse ponto de vista, é interessante a semântica da nossa linguagem, porque nós tanto usamos o termo competição como usamos o termo prova e o termo prova é um termo mais interessante, porque, de facto, todos estão à prova, não é? E cada um, a partir da sua disponibilidade ou indisponibilidade, dos milhares de disponibilidade ou indisponibilidade, vai atingir determinadas marcas, que são, em muitos casos, vitórias extraordinárias para si, para a sua trajetória, mas que no sistema competitivo, não são legíveis como vitórias.

Portanto, nesse sentido, eu julgo que aqui há um domínio muito interessante para pensar o próprio problema da socialização do atleta, sobretudo de alto rendimento, não é? O que é, de facto, viver isso? E, nesse sentido, há uma dimensão, digamos, ética, desportiva e educacional que eu acho que para ter estes resultados, hoje o desporto, obviamente, é uma atividade que tem uma socialização cada vez mais precoce, não é? Enfim, hoje, grande parte dos profissionais de futebol, começou a jogar futebol, aos cinco, seis anos, sete anos, não é?

Portanto, há uma dimensão de socialização que requer que pensemos isto, a meu ver, nesta ótica, na construção do indivíduo, dos seus valores, daquilo que é a vivência desportiva, nesta relação da construção de si, da experiência do fracasso, da vitória, do indisponível, do disponível. Penso que pode ser, de facto, uma via muito interessante para pensarmos nesta academia.

Constantino Pereira Martins: Como estava a falar disso e no início falou sobre a saúde, a Luísa tem essa questão mais pensada do que eu, mas eu ando com um problema em relação a alguns conceitos que andam a flutuar dentro do pensamento sobre o desporto e o comentário sobre o desporto, e até a prática do desporto que para nós que gostamos mais da profundidade e da complexidade das coisas do que das respostas simplistas, isto é, gostamos mais das perguntas difíceis, começa-me a dar a sensação do que estava a falar da indisponibilidade. A mim faz-me ressoar também, pegando na sua expressão, ressoa-me ao fechamento das questões complexas, como, por exemplo, a da saúde, que tem essa visão, inclusive já debati muitas vezes com a Luísa, e a Luísa tem isso mais desenvolvido.

Mas, quer em relação à saúde, também à alegria e tristeza, quer dizer, o fracasso, como dizia, dá-me a sensação de que começa a surgir uma espécie de império funcionalista, ou do reino da saúde, ou do sistema absolutamente valorativo do mercado económico nesse sentido hipercompetitivo, mas também hiperfinanceiro.

Num certo sentido, são fluxos de capitais e já quase não há jogadores. Os jogadores já são uma megaempresa. Mas, para não divagar demasiado e para ir directo ao assunto, o meu problema é o seguinte: como é que nós, ou se é possível sequer, impedir que os conceitos como saúde, vitória, tristeza ou alegria, sejam fechados, por exemplo, pela psicologia do desporto, não é? É um risco muito grande do ponto de vista hermenêutico e interpretativo, o professor Manuel Sérgio... ou seja, pode ficar refém da psicologia do desporto, não é? Ou estes conceitos de vitória e fracasso podem ficar reféns da psicologia do desporto, da finança do desporto, da economia do desporto, da saúde do desporto, da medicina do desporto, quer dizer, a minha pergunta é: como é que, ou se é possível, impedir que esses conceitos se fechem completamente? Porque a experiência de um atleta,

mesmo um atleta olímpico ou de um atleta que tem uma longa carreira, o Mamede então, é um exemplo para mim espetacular não é só pelo professor e Mestre Moniz Pereira, mas por tudo o que nós sabemos da sua própria vida, da sua luta interior. Aliás, seria mais perfeito dizer, não é?

Porque é, de facto, uma maratona, não são 10 mil metros. Já não me lembro bem qual era a distância que ele corria, se era 5, se era 10, já não me lembro, mas foi uma maratona interior. Quer dizer, é possível? Nós estamos num ponto já tão funcionalista que será que nós conseguimos reverter, ao debater estas questões, que isto não resvala logo para as pessoas serem indicadas a um psicólogo do desporto?

Alfredo Teixeira: Sim, eu diria que nós habitamos uma sociedade onde se tende a clinicalizar tudo. Repare, por exemplo, na experiência da morte e do luto hoje. Precisamente porque ela não se vive a partir da coesão comunitária que, noutras sociedades, se descrevia por excesso. Eu, como tenho minha família com origens rurais no Alto Douro, eu recordo, na minha infância, de estar em casa dos meus avós e morrerem pessoas na aldeia. E isso era um acontecimento comunitário, enfim, a pessoa estava em casa, não se morria em hospitais ou em lares, morria-se em casa. As pessoas, de facto, páram para ir à casa dessa pessoa, e no dia do funeral, o sino toca e toda a gente vai ao funeral. Ou seja, há uma dimensão de experiência do luto que é essencialmente ancorada na solidariedade comunitária e familiar que acompanha essa acção.

Enfim, nos nossos contextos hiper-urbanos, nós escondemos a morte, institucionalizamos a morte e, depois, como o luto não é vivido nessa dimensão comunitária, ficamos sós perante a agressividade própria dessa experiência. E, portanto, facilmente isso se torna um problema clínico e, desse ponto de vista, há um bocadinho, recordávamos o Fernando Mamede. É curioso que, no último colóquio em que o tivemos aqui, depois de tantos anos, ele continua a não conter as lágrimas quando fala dessa experiência, que

era a de ter dificuldade, em determinados contextos, em conseguir comprovar o valor que ele sabia que tinha. Portanto, há aqui uma dimensão que obviamente envolve dimensões psíquicas que têm que ser acompanhadas e pensadas, mas eu diria que não podem ser isoladas de todas as outras dimensões que constituem a complexidade da nossa experiência.

E, nesse sentido, de facto, uma simples clinicalização dessa experiência parece muito redutor. Por exemplo, a questão da socialização do jovem desportista, claramente essa experiência tem um forte impacto familiar, ou seja, não há família nenhuma... Eu tenho, na minha proximidade, algumas famílias cujos filhos, neste momento, até são já profissionais, e sei o impacto que foi essa experiência na construção da própria família. O que quer dizer que aquela família, se não tiver, de alguma maneira, recursos para construir a sua cultura familiar, as suas relações, o seu tempo, enfim, se isso for remetido apenas para uma espécie de lógica de terapia, penso que vai ser muito escasso.

É claro que, depois, a questão da saúde ainda tem uma outra dimensão, que é o mito, o Lucien Sfez chamou do mito da saúde perfeita, do desporto intenso, quando de facto a intensidade desportiva é o contrário disso mesmo. Aliás, o Manuel Sérgio costuma fazer humor com isso: “Bom, os que praticavam desporto da minha idade já não estão cá nenhum”, ou seja, dos seus amigos, que praticavam desporto, já não está nenhum vivo.

Ou seja, há aqui planos que são, por um lado, um certo isolamento, a partir de uma ótica muito clínica que é de facto muito redutora. E depois há uma construção de um mito da saúde perfeita associada a um determinado perfil de corpo que, em todo o caso, nem sequer corresponde à diversidade que é o desporto, porque o desporto são múltiplos corpos. Nós sabemos que o corpo de um atleta pode ter, desse ponto de vista, definições muito diversas consoantes a sua prática desportiva. Mas é uma construção mitológica.

CPM: Mas é interessante dizer isso, porque eu estava a pensar, nós escrevemos um artigo, mas pediram-nos que fosse sobre a ética e na formação dos atletas jovens de futebol, e pronto, olha o que está aí, à vista de toda a gente: os jogos, e os pais, e os árbitros. Quer dizer, nas camadas jovens, que é uma coisa às vezes mesmo degradante, para não dizer mais, acaba por ser interessante a institucionalidade, e estava a falar também do Foucault, em fundo, entre os saberes e os poderes. Mas o que acaba por ser paradoxal e irónico no processo desportivo e na cultura desportiva contemporânea é que a afirmação da psicologia do desporto e da psicologia em geral, na nossa sociedade, que é uma coisa que é importante, isso é inegável. E, portanto, ninguém aqui está a tentar desvalorizar os aspectos do funcionamento psíquico e da resiliência, ninguém está a colocar isso em causa. O que eu estava a problematizar era fechar e isolar isso.

O pressuposto máximo da psiquiatria e da psicologia é um pressuposto de luz, ou seja, não varrer as coisas para debaixo do tapete, digamos assim. O entendimento máximo é de que estamos a acumular energia para uma explosão tardia, que depois poderemos não saber a causa. Basicamente, sem entrar em grandes detalhes freudianos, é isso que está em causa, uma acumulação de uma energia que depois explode.

No processo desportivo, a institucionalização do poder e do saber na lógica da fábrica económica, da fábrica do corpo, alta performance, que agora começa desde as quadras das escolinhas, e a Luísa foi treinadora de futebol, sabe perfeitamente esses meandros todos. A selecção, faz lembrar um bocado até uma coisa estranha do ponto de vista genético da agricultura, quase como se fosse um cultivo massivo. Depois, pela aprimoração do eugenismo desportivo e etc, vamos chegar a um ponto que vamos escolher as melhores castas para compor o fenómeno desportivo e as performances.

Mas o que é curioso é que as duas pontas mais escondidas do processo, e até escondidas do ponto de vista clínico é a pós-carreira e o pré-carreira. É uma zona que, se calhar, nós deveríamos, do ponto de vista da filosofia do desporto e da ética do desporto, realmente focar um pouco as baterias até pelo lado da socialização e da própria cultura da vivência. Como é que esta realidade está organizada?

Quer dizer que são duas pontas absolutamente marcantes, pós-carreira e o pré-carreira, e que têm impactos familiares e pessoais brutais e começa a ser uma coisa que está à luz, mas está muito escondida ao mesmo tempo. Concorda com este paradoxo?

Alfredo Teixeira: Quer dizer, no fundo, na medida em que o sistema competitivo requer uma base económica muito grande, porque já exige pessoas dedicadas o tempo inteiro a isso, portanto é preciso uma infraestrutura económica que as sustente. Depois há uma dimensão científica de apuramento, conhecer, no fundo, tudo aquilo que, do ponto de vista do funcionamento psíquico, mas também muscular, enfim, tudo aquilo que descreve a performatividade desportiva. Obviamente que isso exige investimento e, portanto, o investimento requer retorno. Há aqui uma lógica imparável. Quando passamos para este plano, é de facto muito difícil pensar como é que podemos estar fora dele. Lá está, as lógicas têm esta força. Parece que, de alguma maneira, para pensarmos o desporto dessa forma, teríamos que sair dessa lógica. E, se sairmos dessa lógica, o que é que vai ser o desporto? Vai deixar de poder ter esse palco que agora tem e tem por causa desses índices de performatividade que ele tem.

O que é que eu diria? Eu diria que há qualquer coisa para superarmos este estado de coisas, existiria qualquer coisa como uma revolução cultural. Mas eu acho que é muito interessante explorar as anomalias.

Por exemplo, quando eu me referi à minha convivência com famílias que fizeram esta experiência é muito curioso, porque essa

família muito próxima de mim que, neste momento, tem o filho mais velho como jogador profissional, que vive fora do país, num campeonato, já esteve num campeonato mais forte, e agora está num outro campeonato, mas, em todo o caso, é um jogador profissional nesse plano.

É curioso que ele e a família lutaram, durante todo o percurso de socialização dele, com o preconceito de que aquele adolescente não tinha as características físicas próprias para o alto rendimento no futebol. É um jogador franzino, de baixa estrutura, ou seja, no fundo, ele cresceu num ambiente em que dava resultados, mas, em todo o caso, sempre com uma imagem social construída de dúvida e de pressão. Os pais dedicaram-se imenso a esse acompanhamento e nunca, digamos, eu diria que tiveram esse grande feito de resistir a esse tipo de dúvida e de linguagem. Eu acho que essas histórias também são interessantes porque dão conta daquela lógica mais valorativa de pensarmos, ou de expor, como dar o melhor de si, e que esse "melhor de si", em alguns casos, pode não corresponder exatamente aos estereótipos que se constroem quanto à tal selectividade.

É claro que, obviamente, ele consegue isso porque tem outros recursos. Porventura tem, com certeza, no caso do futebol, uma inteligência táctica grande e, portanto, lhe permite, em muitos casos, superar porventura outros aspectos que, no confronto físico, estaria debilitado. E, ao mesmo tempo, isso também transforma o desporto, porque uma equipa que tem, por exemplo, jogadores com estas características, vai transformar o seu jogo, e o futebol passa a ser uma realidade mais complexa, mais diversificada. Porque, nesse sentido, o tal apuramento genético, se for muito linear, se calhar também limita o próprio desporto ou a própria modalidade desportiva.

LAC: Pode limitar, sim. Agradecendo-lhe desde já ter-nos dado aqui esta sugestão do desenvolvimento de uma filosofia da

prova, de provação desportiva, gostaríamos de lhe perguntar como é que vê a situação da filosofia do desporto em Portugal e na língua portuguesa, e qual o papel que pode ter no desenvolvimento do desporto em geral. E como é que vê o futuro?

Alfredo Teixeira: Como não estou numa escola de desporto, o que eu vou dizer é de um observador a alguma distância, e que pode ter alguns erros. Eu diria que me parece que, neste momento, na ciência do desporto, há uma certa hegemonia por um quadro de saberes essencialmente métricos, da exploração quantitativa do trabalho sobre o desporto. E, obviamente, não quer dizer que essas escolas não tenham também outros olhares disciplinares. Mas, na construção do ranking que todas as escolas perseguem, parece-me que essa tendência é hegemónica.

Nesse sentido, eu veria o desenvolvimento da filosofia do desporto e da antropologia do desporto como um lugar de resistência.

Um lugar de resistência necessário. Aliás, nós estamos num contexto em que a nossa experiência colectiva celebra os 50 anos do 25 de Abril, e desse ponto de vista, pensar o desporto na liberdade implica o reforço desta dimensão do pensamento filosófico e antropológico sobre o desporto. Porque, de outra forma, a construção de formas de alienação pode ter muitos registos. E um dos registos é o técnico, ou seja, a redução técnica da nossa experiência ou a redução competitiva da nossa experiência, a meu ver, são formas de alienação. E, sendo formas de alienação, são, no mínimo, experiências muito limitadoras da liberdade, da experiência da liberdade.

E, nesse sentido, penso que celebrar esses 50 anos da democratização do nosso país e desta experiência de uma sociedade aberta, talvez o desenvolvimento da filosofia do desporto pudesse ser um bom emblema para, de alguma maneira, vivermos isto. Porque, de facto, eu penso que, sem isso, é o próprio desporto que, em última

análise, vai encontrar os seus próprios limites. Porque, em última análise, a própria economia hoje já conhece isso, o crescimento contínuo não é possível. Há um momento em que, de alguma maneira, digamos, há um confronto com um limite, nem que seja pelo facto de, ultrapassando esse limite, nós nos estarmos a negar a nós próprios.

Estamos a negar-nos.

Agora, eu acho que a interrogação filosófica é essencial. Portanto, nesse sentido, pensar o desporto continua a ser essencial. E é talvez esse o legado mais importante do Professor Manuel Sérgio, que é, no fundo, não desistirmos de pensar o desporto.

LAC: Como sabe, foi criada em 2023 a Associação de Filosofia do Desporto na língua portuguesa, e gostaríamos que nos dissesse o que é que pensa sobre a sua pertinência? Que conselhos nos daria e, também, o que é que pensa sobre os seus espaços de missão e de oportunidade para um olhar sobre o desporto no século XXI?

Alfredo Teixeira: Eu acho que, antes de mais, uma associação desse tipo tem a grande virtude de ser um instrumento colaborativo. E, de facto, sobretudo quando determinados saberes não fazem parte dos contextos mais hegemónicos da organização, da academia e de outros espaços de saber, eu acho que esta dimensão colaborativa e cooperativa é, no fundo, o lugar melhor que temos para fazer caminho.

Enfim, eu faço uma experiência semelhante no contexto dos estudos de religião. Porque, em Portugal, ao contrário de boa parte dos países europeus, mesmo países até mais próximos de nós geograficamente, a área dos estudos de religião não encontrou, nas universidades, uma certa densificação do seu espaço com autonomia. E, em muitos casos, o que é que nós temos? Temos, às vezes, numa faculdade, uma única pessoa que trabalha isso.

E a experiência que temos tido, por exemplo, há uma rede na qual eu estou inserido, que é a “Religião e Múltiplas Modernidades”, que é um grupo de trabalho que faz precisamente isso também. No fundo, ela procura ser um espaço de intersecção para estas pessoas que, em muitos casos, estão bastante isoladas e que encontram, a partir de um mecanismo mais colaborativo ou associativo, como no vosso caso, um lugar de potenciação do seu trabalho.

Nesse sentido, parece-me muito oportuna esta criação. E, depois, o espírito associativo tem também esta vantagem de não estar tão limitado aos quadros institucionais vigentes. É mais plástico. Não tem um grande poder estratégico, mas tem uma capacidade de pedagogia, de influência, a partir das suas bases, dos seus contatos, enfim, de pequenas coisas que se fazem, mas que podem ter impactos estruturais. Parece-me um projeto, de facto, muito interessante. Foi um prazer estar convosco para falar e pensar sobre estas coisas.

Enfim, do meu ponto de vista, o desporto vai continuar a ter um papel muito importante na nossa experiência contemporânea, porque aquilo que o suporta e aquilo que ele significa continua a ter muito valor, tanto naquilo que seja a sua dimensão mais alienante quanto naquilo que seja a sua dimensão mais de realização de si, de forte experiência daquilo que somos na nossa cultura. E, portanto, eu acho que, deste ponto de vista, vamos, com certeza, encontrar-nos mais vezes, noutros contextos, para continuar a pensar.

LAC: Esperamos que sim. Foi um gosto muito grande esta conversa. Muito obrigada.

BIOGRAFIAS

MANUEL SÉRGIO Licenciado em Filosofia pela Universidade de Lisboa e Doutor e Professor Agregado em Motricidade Humana pela Universidade Técnica de Lisboa. A sua tese de doutoramento, intitulada "Para uma Epistemologia da Motricidade Humana", defende a existência da ciência da motricidade humana, de que a educação física é a pré-ciência. Autor e co-autor de 37 livros e de inúmeros artigos, em revistas nacionais e internacionais. É professor catedrático convidado aposentado da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa. Foi professor catedrático da Universidade Fernando Pessoa e do Instituto Universitário da Maia. Entre 2001 e 2009, foi diretor do ISEIT (Instituto Piaget - Almada). É sócio fundador da Sociedade Internacional de Motricidade Humana e da Sociedade Portuguesa de Motricidade Humana.



SORAIA CHUNG Bacharel em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Brasil. Mestrado e Doutorado em Antropologia do Imaginário pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Pós doutorado como Professora Visitante Senior na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Portugal, na área de Estética do Desporto, campo da Filosofia do Esporte, com bolsa CAPES/PRINT (2024). Professora Doutora no Departamento de Pedagogia do Movimento do Corpo Humano da Escola de Educação Física e Esportes EEFE-USP. Desenvolve pesquisas na área da Estética do Desporto e Filosofia do Esporte, em interface com os Estudos do Imaginário e a Fenomenologia da Imagem. Dentre os temas de investigação estão o Brincar Livre com o Território do Brincar; os Jogos Tradicionais e Ethnosportes, as Festas e as Manifestações de Comunidades Tradicionais; o Lazer e outros modos de viver o desporto e a diversidade.



JORGE ARAÚJO É Presidente da TEAM WORK, CONSULTORES desde 1997 e foi treinador profissional de basquetebol durante 38 anos. Várias vezes Campeão na Liga Profissional e vencedor de outras provas nacionais de basquetebol, Selecionador nacional de todos os escalões masculinos da F.P. Basquetebol, destacou-se a nível nacional e internacional entre 1978 e 1998 ao treinar o F.C. Porto durante 17 anos. Licenciado em 1967, em Educação Física pelo então Instituto Nacional de Educação Física, (INEF), de Lisboa. Doutorado em Filosofia, em Janeiro de 2022, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Conduz seminários de Liderança e Direção e Trabalho em equipa para gestores de topo e quadros médios e superiores de empresas e foi responsável pela implantação em Portugal do Coaching individual e a equipas de empresas, com íntimas ligações à metáfora desportiva. Tem especializações várias nas áreas da Gestão da Mudança, Executive Coaching e Coaching Winning Teams. Autor de mais de duas dezenas de livros na área do Trabalho em Equipa e da Liderança de grupos de trabalho. Em últimos livros publicados, “O Treino do Comportamento” e “Reflexão Filosófica do Treinador”.



ALFREDO TEIXEIRA Doutor em Antropologia Política (ISCTE-IUL) e Mestre em Teologia Sistemática (FT-UCP). Desenvolve a sua atividade de docência e investigação na Universidade Católica Portuguesa, enquanto Professor Associado da Faculdade de Teologia. Entre 1994 e 2003, integrou o grupo interdisciplinar de estudos no domínio do Pensamento Contemporâneo. Desenvolve as suas pesquisas no Centro de Investigação em Teologia e Estudos de Religião e no Centro de Estudos em História Religiosa (UCP). Atualmente, desenvolve investigação nos seguintes domínios: metamorfoses contemporâneas do sagrado; estéticas e performatividades do religioso; identidades e instituições religiosas. Coordena a Cátedra Manuel Sérgio na Universidade Católica Portuguesa. É membro da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa (Vice-Presidente, 2013-2016), da associação «Movimento Patrimonial pela Música Portuguesa» (2016-) e da Comissão da Liberdade Religiosa do Ministério da Justiça (2016-). Para além da sua atividade académica, desenvolve uma reconhecida e premiada atividade de composição musical.



SÉRIE DE LIVROS AFDLP
<https://www.afdlp.org>





AFDLP
PENSAR O DESPORTO